

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGUÍSTICA**

MALVINA MARIA DE OLIVEIRA

**O VERBO ANDAR E SUA FORMAÇÃO DE PERÍFRASE
ATUALIZADORA DE ASPECTO NO PORTUGUÊS**

JUIZ DE FORA

2018

MALVINA MARIA DE OLIVEIRA

**O VERBO ANDAR E SUA FORMAÇÃO DE PERÍFRASE
ATUALIZADORA DE ASPECTO NO PORTUGUÊS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Cunha Sousa

JUIZ DE FORA

2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Malvina Maria de .

O verbo andar e sua formação de perífrase atualizadora de aspecto no português / Malvina Maria de Oliveira. -- 2018.
142 f.

Orientadora: Fernanda Cunha Sousa

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

1. Gramaticalização . 2. Aspecto . 3. Verbo andar . I. Sousa, Fernanda Cunha , orient. II. Título.

MALVINA MARIA DE OLIVEIRA

**O VERBO ANDAR E SUA FORMAÇÃO DE PERÍFRASE ATUALIZADORA
DE ASPECTO NO PORTUGUÊS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Submetida, em 14 de setembro de 2018, à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa – Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias – Membro externo

Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Membro interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário – Suplente externo

Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Amitza Torres Vieira – Suplente interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e aos espíritos de luz por me darem a capacidade e a paz para o término desta árdua jornada.

Em seguida, agradeço à minha orientadora, a Professora Doutora Fernanda Cunha Sousa pela orientação.

Agradeço também às professoras Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda e Nilza Barrozo Dias, que, com prontidão, aceitaram compor a banca examinadora desta dissertação, de modo a contribuir com este trabalho.

Aos meus amigos de turma, com os quais dividi esses dois últimos anos. Em especial à Débora, por sempre estar ao meu lado nos momentos mais difíceis.

Também agradeço a FAPEMIG pela bolsa concedida durante o curso de mestrado.

Agradeço, acima de tudo, à minha mãe Aliane e à minha irmã Beatriz por todo apoio e amor concedidos.

Agradeço às minhas amigas Vânia e Eulália que, desde a graduação, se tornaram não só minhas amigas, mas minhas irmãs! À Vânia ainda, por sempre acreditar em mim e, com a sua calma e sabedoria, fazer desta caminhada menos árdua! Não teria conseguido sem você!

Agradeço à todos da família “Cônego” que me receberam de braços abertos e me ajudaram, de uma forma ou de outra, na reta final deste caminho.

Por fim, agradeço às minhas amigas Darthian e Ticiania, pelo convívio e apoio incondicional.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a investigação do processo de gramaticalização do verbo “andar” na língua portuguesa, mais especificamente a construção “andar + gerúndio”. Partimos da hipótese de que tal verbo, por meio de mecanismos de mudanças do processo de gramaticalização – metaforização, metonimização e reanálise – percorre um caminho de crescente abstratização, funcionando não apenas como um verbo pleno com sentido [+ concreto] – indicador de deslocamento físico – mas também, como verbo semi-auxiliar, indicando, assim, um sentido [- concreto] de atualizador de aspecto (MEILLET, 1912; HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993]; FINEGAN, 1995; TRAUGOTT, 1995; TRAUGOTT & DASHER 2005) A fim de comprovar nossa hipótese, realizamos um levantamento pancrônico dos séculos XIX, XX e XXI o qual buscou comprovar, inclusive, quais desses usos seriam frequentes. Os dados dos séculos XX e XXI recobrem tanto a modalidade oral quanto a modalidade escrita da língua. Destes, os dados orais foram coletados em três *corpora* distintos, a saber: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do projeto “NURC/RJ - Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. A modalidade escrita dos referidos séculos foi composta por textos disponíveis na *Internet*, retirados de *blogs* e de revistas de grande circulação nacional (“Revista Veja”, “Revista Isto é”, “Revista Época”, “Revista Caras”, “Revista Cláudia” e “Revista Ana Maria”) e por textos disponibilizados pelo *site* “Hemeroteca digital brasileira”. Os textos do século XIX, por sua vez, foram selecionados do *corpus* do projeto “Tycho Brahe” – e recobrem apenas a modalidade escrita. Na análise dos dados, descrevemos pontualmente os diferentes usos do verbo “andar”, dando ênfase para a construção “andar + gerúndio” e detalhando como essa construção atualiza o aspecto durativo da ação. Além disso, analisamos a distribuição e a frequência de uso do verbo “andar”, uma vez que assumimos que o levantamento da frequência pode atuar como um subsídio importante na definição de processos de gramaticalização (BYBEE, 2003). Os resultados apontam que o verbo “andar”, na língua portuguesa, é capaz de apresentar tanto a acepção inicial [+ concreta] de “deslocamento físico/temporal” como usos [- concretos] de “avaliação” e de “atualizador de aspecto”. Nesse processo, como demonstraremos nos exemplos, o verbo “andar” atua não apenas como verbo pleno, mas também, como verbo semi-auxiliar.

Palavras-chave: gramaticalização; aspecto; verbo “andar”.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the grammaticalization process of the verb "andar (walk)" in the Portuguese language, more specifically the "andar + gerund" construction. First, we have started from the hypothesis that such a verb faces mechanisms of change related to the process of grammaticalization – metaphorization, metonymization and reanalysis. This verb runs along a path of increasing abstraction, functioning not only as a full verb with a [+ concrete] sense – an indicator of physical displacement - but also, as a semi-auxiliary verb, thus indicating a [- concrete] sense of aspect update (MEILLET, 1912; HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993]; FINEGAN, 1995; TRAUGOTT, 1995; TRAUGOTT & DASHER 2005). In order to prove our hypothesis, we carried out a panchronic survey of the 19th, 20th and 21st centuries. It aimed at proving which of these uses would be frequent. The data of the 20th and 21st centuries cover both the oral and the written modalities of the language. From these data, the oral ones were collected in three distinct corpora, namely: the corpus of the "Mineirês Project: the construction of a dialect", the corpus of the project "PEUL - Program of Studies on the Use of Language" and the corpus of the project "NURC / RJ - Project of the Urban Cultivated Norm in Rio de Janeiro". The written modality corpora of these centuries were composed of texts available on the Internet, extracted from blogs and magazines of great national circulation ("Revista Veja", "Revista Isto é", "Época Magazine", "Revista Caras", "Revista Cláudia" and "Revista Ana Maria") and by texts made available by the "Hemeroteca Digital Brasileira" website. The texts of the 19th century, in turn, were selected from the corpus of the project "Tycho Brahe" - and cover only the written modality. In the data analysis, we described in detail the different uses of the verb "andar", emphasising the construction "andar + gerund" and detailing how this construction updates the durative aspect of the action. In addition, we analyzed the distribution and frequency of use of the verb "andar", since we assume that the high frequency can act as an important subsidy in the definition of grammaticalization processes (BYBEE, 2003). The results indicate that the verb "andar" in the Portuguese language is able to present both the initial [+ concrete] sense of "physical / temporal displacement" and [- concrete] uses of "evaluation" and "durative aspect updaters". In this process, as we demonstrate in the examples, the verb "andar" works not only as a full verb, but also, as a semi-auxiliary verb.

Keywords: grammaticalization; aspect; verb "andar - to walk".

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sentidos de "andar" retirados do Dicionário etimológico, prosódico e orthográfico da língua portuguesa (BASTOS, 1912, p. 97)	19
Quadro 2 - Sentidos de “andar” retirados do: Dicionário Ilustrado da língua portuguesa (NASCENTES, 1976, p.127)	19
Quadro 3 - Sentidos de “andar” retirados do: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2001, p. 141–142)	20
Quadro 4 - Sentidos de “andar” retirados do: Dicionário de usos do Português do Brasil (BORBA, 2002, p. 82).....	21
Quadro 5 - Origem de “andar” retirado do: Dicionário etimológico resumido (NASCENTES 1966, p. 46)	23
Quadro 6 - Origem de “andar” retirado de: Novo dicionário etimológico da língua portuguesa (FONTINHA S/D, p. 143)	24
Quadro 7 - Origem de “andar” retirado do: Dicionário etimológico nova fronteira (CUNHA, 1998, p. 45)	24
Quadro 8 - Origem de “andar” retirado em: Pequeno vocabulário do português arcaico. (FILHO, 2014, p. 43-44)	24
Quadro 9 - Distribuição das categorias gramaticais em categorias lexicais e categorias funcionais RADFORD (1997 apud, OLIVEIRA, 2012, p. 25, § 1º)	41
Quadro 10 - Grau de abstração crescente do desenvolvimento gramatical (HEINE et al., 1991, p. 48, § 2º)	48

Quadro 11 - Caminho de mudança dos verbos em gramaticalização (CASTILHO, 2010, p. 397, § 1º)	51
Quadro 12 - Total do número de palavras nos <i>corpora</i> dos séculos XIX, XX e XXI... 63	
Quadro 13 - <i>Corpora</i> do século XXI utilizados	65
Quadro 14 - Total de número de palavras analisadas por <i>corpus</i> na modalidade oral do século XXI.....	66
Quadro 15 - Organização dos níveis de formalidade dos <i>corpora</i> escritos do século XXI elaborados a partir do trabalho sobre o verbo “esperar” realizado por Oliveira	67
Quadro 16 - Total de número de palavras analisadas por <i>corpus</i> do século XXI na modalidade escrita	68
Quadro 17 - Total de número de palavras analisadas nos <i>corpora</i> dos séculos XIX e XX	69
Quadro 18 - Critérios de auxiliaridade empregados nesta pesquisa.....	71
Quadro 19 - Tipologia aspectual proposto por Travaglia (1985)	72
Quadro 20 - Possível caminho de gramaticalização de verbos proposto por Castilho (2010)	75
Quadro 21 - Direcionalidade semântico do verbo “andar”	92
Quadro 22 - Critérios de auxiliaridade empregados nesta pesquisa.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - distribuição dos usos do verbo “andar” nos <i>corpora</i> orais e escritos do século XXI analisados	93
Tabela 2 - Distribuição dos usos do verbo “andar” no século XX	95
Tabela 3 - Distribuição de ocorrências dos usos do verbo “andar” no século XIX	96
Tabela 4 - Distribuição dos tipos de classificação sintática do verbo “andar” segundo Castilho (2010) nos <i>corpora</i> dos séculos XIX, XX e XXI.....	97
Tabela 5 - Distribuição da porcentagem da aplicabilidade dos testes de auxiliaridade nos dados pancrônicos	109
Tabela 6 - Distribuição das ocorrências não aplicáveis ao teste de inseparabilidade...	110
Tabela 7 - Distribuição dos usos do verbo “andar” como atualizador dos aspectos iterativo/imperfectivo e durativo/cursivo	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1.....	17
ESCLARECENDO CONCEITOS.....	17
1.1. Discussões em torno do verbo “andar”	17
1.1.1. Sentidos atribuídos ao verbo “andar”	18
1.1.2. Etimologia do verbo “andar”	22
1.1.3. Verbo “andar” abordado pelas gramáticas	26
1.1.4. Verbo “andar”, conforme alguns trabalhos acadêmicos consultados.....	28
1.1.5. Considerações.....	31
1.2. Discussão acerca das nomenclaturas “locução verbal” e “perífrase verbal”	31
1.3. Considerações	36
CAPÍTULO 2.....	38
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	38
2.1. O surgimento da linguística moderna e a abordagem funcionalista.....	38
2.2. Abordagem tradicional da gramaticalização	40
2.3. Princípio e mecanismos da gramaticalização	46
2.3.1. Metáfora	46
2.3.2. Metonímia	48
2.3.3. Analogia e reanálise	49
2.4. O verbo “andar” e a noção de auxiliaridade.....	50
2.4.1. Critérios de auxiliaridade dos verbos	52
2.5. A perífrase “andar + gerúndio” e sua atualização de aspecto	54
2.6. Considerações	59
CAPÍTULO 3.....	61
METODOLOGIA	61
3.1. Constituição dos <i>corpora</i>	61
3.1.1. Constituição dos <i>corpora</i> pancrônico.....	62
3.1.2. <i>Corpora</i> do século XXI.....	65
3.1.3. <i>Corpora</i> do século XIX e XX	69
3.2. Investigação dos dados.....	70

3.3. Metodologia qualitativa e o papel da frequência na análise de processos de gramaticalização.....	72
CAPÍTULO 4.....	74
ANÁLISE DOS DADOS	74
4.1. Tipos de “andar”	75
4.2. Graus de gramaticalidade de andar + gerúndio.....	98
4.3. Semantixização de andar seguido de gerúndio.....	111
4.4. Considerações	123
CONCLUSÕES	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
ANEXO 1.....	134
ANEXO 2.....	138
ANEXO 3.....	140
ANEXO 4.....	142

INTRODUÇÃO

Meillet (1912), ancorado nas ideias da sociologia emergente, propõe uma abordagem de caráter social da linguagem que se ocupa com o estudo do seu desenvolvimento e que tem como objetivo “conciliar os estudos da mudança da estrutura linguística com os estudos da estrutura da sociedade em que esse elemento se desenvolveu” (MARRA & MILONI, 2012, p.68, § 2º). A partir desta proposta, o interesse de investigação dos linguistas passa a ir além da sintaxe, buscando, no contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua.

Assim, segundo (Cunha *et. al.* (2015),) a linguagem, estudada sob a ótica funcionalista, é considerada um organismo vivo e dinâmico que se molda de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes. Portanto, tal elemento se torna um mecanismo mutável que adquire funções diferenciadas a todo instante em que é empregada.

Desse modo, uma vez aceita a ideia de que a língua é um organismo vivo e mutável, a principal preocupação dos linguistas funcionalistas é a investigação do mecanismo de mudança sofrida por ela. Nesse sentido, os estudos em gramaticalização estão entre as principais abordagens para a compreensão de tal fenômeno. Entendida por Meillet (1912) como a mudança de um elemento lexical para gramatical, e, posteriormente, por Hopper e Traugott (1993), como a passagem de um item gramatical a outro mais gramatical ainda, podemos perceber que, através desse processo, novas formas linguísticas são criadas para funções já existentes bem como novas funções são criadas para formas que já existam.

Assim, como usuários da língua portuguesa, percebemos que o verbo “andar” – objeto central desta pesquisa – possui diferentes usos, como se verifica a seguir:

(1) Aurélio me contou como Lucimar vive desde 10 de janeiro, quando foi atropelada na calçada ao sair do trabalho: “Minha mulher anda na rua completamente assustada e traumatizada. (Século XXI escrito, nível de formalidade 3)

(2) “Agora, quero perder peso”, diz Artur, que não se vê fazendo um sacrifício. “Tem a dieta, mas também tem a parte divertida. Subo em árvores, nado, ando de bicicleta. (Século XXI escrito, nível de formalidade 3)

(3) Então, dinheiro, no- não carrego muito, não tenho hábito, jóia, já não **ando** mais com jóia, nenhuma. Só quando eu saio, boto aliança e um relógio. (Século XXI oral, PEUL)

(4) As pessoas cândidas e boas vivem constantemente logradas, e **andam** tão vendidas nesta feira de pecados, como o Serafim do auto de Gil Vicente. (Século XIX)

(5) Todo mundo concordou e Tarsi foi sucesso instantâneo de comentários, tanto no blog quanto no *twitter*, e **anda** rendendo um montão de vídeos legais! (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

Como podemos observar, e nos aprofundaremos ao longo deste trabalho, o verbo “andar” possui diferentes construções, apresentando, desta maneira, diferentes funções, como demonstramos introdutoriamente aqui e aprofundaremos em seção específica deste trabalho. Em (1) e (2), o referido verbo é utilizado para expressar um sentido de deslocamento físico seja pelo ato de caminhar, seja pelo ato de se transportar por algum meio de algum veículo ou outro suporte, respectivamente. Já em (3), o verbo em questão adquire sentido de portabilidade e em (4) um sentido de avaliação/constatação da realidade. Por fim, em (5), o verbo em estudo deixa de se referir a uma ação propriamente dita para atuar como marcador da duração da ação descrita pelo verbo à sua direita.

Deste modo, este trabalho possui como objetivo principal investigar o processo de gramaticalização por que passa o verbo “andar” na língua portuguesa, mais especificamente o que chamaremos de construção “andar + gerúndio”, conforme explicaremos melhor em seção específica. Para tanto, partimos das seguintes hipóteses:

- (i) o verbo “andar” passa por um processo de gramaticalização, estando, dessa maneira, entre os estágios definidos por Heine (1993) de decategorização e dessemantização;
- (ii) por meio da metaforização, metonimização e reanálise, o verbo “andar” deixa de funcionar apenas como um verbo pleno com sentido [+concreto] – indicador de deslocamento físico – para funcionar, também, como verbo semi-auxiliar, indicando, assim, um sentido [-concreto] de atualizador de aspecto se tornando, dessa maneira, (inter)subjetivo.

Para a comprovação de nossas hipóteses, faremos inicialmente, no 1º capítulo, um panorama geral de como nosso objeto de estudo é tratado pelos dicionários e gramáticas normativas, bem como em algumas dissertações de mestrado. Ainda neste primeiro capítulo, faremos uma breve pesquisa em dicionários etimológicos sobre a origem do verbo em questão que nos auxiliará a entender certos aspectos apresentados atualmente pelo mesmo.

Em seguida, no 2º capítulo, discutiremos mais aprofundadamente o fenômeno da gramaticalização baseando-nos em (MEILLET, 1912; HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993]) bem como a gramaticalização como processo de (inter)subjetivização (FINEGAN, 1995; TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT & DASHER, 2005;). Apresentaremos também o estudo sobre o aspecto, conforme Travaglia (1985), pois acreditamos que tal proposta nos ajudará a entender melhor como o verbo “andar” auxilia na atualização de aspecto quando inserido em uma perífrase.

Já no 3º capítulo, delimitaremos nossa análise de pesquisa baseada, primordialmente, na metodologia qualitativa, a fim de reconhecer os diferentes usos do objeto sob análise a partir das ocorrências encontradas nos *corpora* aqui utilizados. Contudo, também realizaremos uma análise quantitativa por considerarmos o levantamento da frequência de uso um recurso importante para se atestarem os estágios do processo de gramaticalização (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006).

Ainda, neste mesmo capítulo, evidenciaremos que nossa pesquisa se realiza no âmbito da pancronia, uma vez que, investigaremos o nosso objeto de estudo nos séculos XIX, XX e XXI. Neste sentido, os dados do século XXI são compostos por dois *corpora* orais: a) o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, constituído pela Prof.^a Jânia Martins Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais; e b) o *corpus* do PEUL/RJ (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) e *corpora* escritos, que são compostos por textos disponíveis na *Internet* e se distribuem em três níveis de formalidade¹: a) nível de formalidade 1: textos retirados de *blogs*; nível de formalidade 2: textos que compõem as revistas “Caras”, “Cláudia” e “Ana Maria”; e c) nível de formalidade 3: textos que constituem as revistas “Veja”, “Isto é” e “Época” Com a preocupação de manter a uniformidade no tratamento dos dados, foram analisadas 200.000 palavras em cada *corpus*.

¹ No Capítulo III, explicaremos a partir de quais critérios foram compostos os três níveis de formalidade referentes aos dados escritos do século XXI e detalharemos os demais parâmetros que nos levaram ao recorte dos *corpora*.

Também, a fim de evitar o enviesamento dos resultados em relação à análise dos *corpora*, analisamos 300.000 palavras em cada *corpus* nos demais séculos (XIX e XX). Os textos seleccionados estão compreendidos entre o século XIX e o século XX e foram retirados dos seguintes *corpora*: Tycho Brahe (*Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe), amostras da década de 1990 do NURC/RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) e textos disponibilizados pelo *site* “Hemeroteca digital brasileira”.

No 4º capítulo, trataremos da análise pontual das ocorrências de “andar”, mais especificamente de “andar + gerúndio”, a fim de defender a proposta de um caminho de mudança do verbo em questão na língua portuguesa de lexical > gramatical > + gramatical, sem que isso implique que os usos lexicais deixem de existir para que os + gramaticais surjam. Dessa maneira, aplicaremos testes de auxiliaridade que demonstram, também, em que medida é possível vincular sentido aspectual à perífrase “andar + gerúndio”.

Por fim, no 5º capítulo, discutiremos como chegamos à conclusão de que o verbo “andar”, a partir de uma reanálise semântica, também é capaz de apresentar um uso [+ abstrato], passando a formar uma perífrase verbal com o gerúndio e, a partir de então, atualizar o aspecto iterativo/imperfectivo e durativo/cursivo na língua portuguesa.

CAPÍTULO 1

ESCLARECENDO CONCEITOS

Como usuários da língua portuguesa, percebemos que o verbo “andar” possui uma multifuncionalidade, identificada pela coexistência de diferentes usos na língua portuguesa, podendo, dessa maneira, ser encontrado tanto na linguagem oral quanto na escrita como um verbo pleno ou verbo semi-auxiliar². Tal observação nos leva a propor que o item em questão passa por um processo de gramaticalização.

Antes de nos atermos ao processo de gramaticalização em si, é necessário esclarecer alguns aspectos que permeiam este item em estudo. Para tanto, em um primeiro momento, discutiremos acerca dos sentidos que são comumente atribuídos ao verbo “andar” pelos dicionários e verificaremos a existência de estudos acadêmicos sobre o mesmo. Em seguida, ao considerarmos que a etimologia é um subsídio importante para os estudos dos significados que o verbo em estudo apresenta atualmente, discutiremos, também, sua origem no latim a partir de dicionários etimológicos.

Posteriormente, sanaremos algumas dúvidas oriundas da primeira parte de nosso capítulo, evidenciando a diferença conceitual entre as nomenclaturas “locução” e “perífrase” verbal e, assim, delimitaremos que a melhor nomenclatura a se adotar, ao longo de nosso trabalho, é a de perífrase uma vez que, como demonstraremos em nossa análise de dados, o verbo “andar” ainda se encontra em estágio de gramaticalização sendo considerado, dessa maneira, como semi-auxiliar.

1.1. Discussões em torno do verbo “andar”

As próximas seções têm como objetivo apresentar os sentidos que são comumente atribuídos ao verbo “andar” e verificar a existência de estudos acadêmicos sobre o mesmo. Dessa forma, buscamos os sentidos atribuídos ao verbo “andar” nos dicionários – Bastos (1912), Nascente (1976), Houaiss (2001) e Borba (2002). A escolha desses

² Demonstraremos, no capítulo 4, as ocorrências de nossos dados em que o verbo “andar” aparece como pleno e como semi-auxiliar, destacando suas diferenças sintáticas e funcionais.

dicionários se deu por suas datas de publicações nos possibilitarem acompanhar a evolução da descrição dos significados atribuídos ao verbo em estudo, a partir do ano de 1912, dicionário mais antigo de língua portuguesa a que tivemos acesso, até chegar ao ano de 2002, dicionário mais recente utilizado. A fim de corroborar essa análise, recorreremos, também, às gramáticas da língua portuguesa – Bechara (1977), Cunha & Cintra (1985), Neves (2000) e Cunha (2012) – que abordam o verbo em questão como pertencente a uma categoria de verbo auxiliar em que a construção “andar + gerúndio” é vista como formadora de aspecto. A escolha das gramáticas em questão seguiu a mesma linha de critério que utilizamos para selecionar os dicionários aqui trabalhados, ou seja, a evolução do tratamento dado pelas gramáticas sobre nosso objeto de estudo. Assim, acreditamos que as datas de publicações das referidas gramáticas nos possibilitam acompanhar a evolução do tratamento gramatical atribuído ao verbo em estudo, a partir do ano de 1977, gramática mais antiga de língua portuguesa a que tivemos acesso, até chegar ao ano de 2012.

Por fim, pesquisamos teses e dissertações acadêmicas que possuísem tal verbo como objeto de estudo, encontrando as seguintes: Santos (2008) e Fernandes (2012).

Nesse sentido, de acordo com os usos encontrados em nossa pesquisa, esperamos obter um panorama geral das acepções dadas ao verbo “andar” pela literatura tanto normativa quanto funcional, destacando as similaridades e diferenças em seu tratamento. Dessa forma, as próximas seções se organizam de maneira a abordar, inicialmente, os sentidos de “andar” encontrados em dicionários e gramáticas e, posteriormente, descrever as análises desse item encontradas nos trabalhos de Santos (2008) e Fernandes (2012). Ao final, são apresentadas as considerações advindas das análises realizadas.

1.1.1. Sentidos atribuídos ao verbo “andar”

Uma das funções básicas dos dicionários é o levantamento dos diferentes sentidos assumidos por determinada palavra. Contudo, tal levantamento possui variação, entre os exemplares, tanto no que diz respeito ao número de sentidos quanto no fornecimento da função sintática dada ao item em questão, uma vez que, cada um deles utiliza diferentes abordagens.

Com o intuito de demonstrar as similaridades e diferenças no tratamento de “andar” existentes nos dicionários, apresentamos, primeiramente, os sentidos do verbo em questão retirados de Bastos (1912)

Quadro 1 - Sentidos de "andar" retirados do Dicionario etymologico, prosodico e orthographico da língua portuguesa (BASTOS, 1912, p. 97)

ANDAR: [an-dar], v. **Intr.** Passar de um lugar para outro; mover-se; decorrer (falando de tempo); passar a vida; proceder; comportar-se. **V. Tr.** Percorrer a pé: - **s.m.** andadura; andamento de uma casa. (Do latim *andare*).

Como podemos perceber, Bastos (1912) classifica “andar” tanto como verbo transitivo quanto como verbo intransitivo. O sentido atribuído a ele como transitivo é apenas de “*percorrer a pé*”. Já os sentidos atribuídos a este verbo tratado como intransitivo são: passar de um lugar a outro; mover-se; decorrer no tempo e comportar-se. Pode-se perceber que as acepções fornecidas por este dicionário são mais basilares³, ou seja, possuem sentidos que consideramos mais concretos, por serem mais ligados ao deslocamento físico.

Em relação ao Dicionário Ilustrado da língua portuguesa de Nascentes (1976), temos:

Quadro 2 - Sentidos de “andar” retirados do: Dicionário Ilustrado da língua portuguesa (NASCENTES, 1976, p.127)

ANDAR: V. In.: Dar passos, caminhar; mover-se, avançar, decorrer, ir passando (o tempo); funcionar: “*O moinho está a andar.*” Trabalhar: “*Agora ele anda na marinha.*” Passar a vida. // Andar sobre brasas: estar sobressaltado, inquieto. // transcurso, decurso (tempo) **V. Rel.:** Proceder, obrar; agir// (Brás) ter relações sexuais// **V. Pred.** Viver (em algum estado ou condição): “*Andar com fome, triste.*” Estar: “*Em toda parte andava acesa a guerra*” (Camões, “Lusíadas”); existir, sentir-se, ser transportado: “*Ando todos os dias no elétrico*” // **V. Tr.:** Percorrer // Maneira de andar [...].

A partir da leitura do quadro 2, podemos observar um maior número de sentidos atribuídos ao verbo “andar”. Assim, além das classificações de verbo transitivo e intransitivo, ainda verificamos outras duas classificações sintáticas: a de verbo do predicativo e a de verbo relacional, tendo como sentidos, respectivamente, viver em algum estado ou condição e proceder, obrar, agir. Percebemos, também, que tal acepção

³ Conforme a classificação de Fernandes (2012), como veremos mais à diante em seção específica deste mesmo capítulo.

nos fornece sentidos mais abstratos desse mesmo verbo. Outra questão a se destacar é que Nascentes (1976) lança mão de exemplos reais de uso do item em estudo.

Já no dicionário Houaiss (2001), encontramos:

Quadro 3 - Sentidos de “andar” retirados do: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2001, p. 141–142)

ANDAR: [Do lat. *ambulare*.] **V. int.** 1. Movimentar-se, dando passos; caminhar: “A menina só andou com dois anos.” 2. Movimentar-se, por impulso próprio ou não, sem dar passos; mover-se: “As borboletas andam quase sempre aos pares.” 3. Continuar, seguir, prosseguir: “A linha não respondia nada, ia andando.” (Id. *Várias Histórias*, p. 231) 4. Passar, decorrer, escoar-se (o tempo): “Os anos andaram e nada fizemos.” 5. Trabalhar, funcionar: “O relógio, de velho, já não anda.” 6. Proceder, agir; portar-se: “Não andou com acerto ao desamparar o amigo.” 7. Existir, viver: “Enquanto andarem homem sobre a terra haverá discórdia.” 8. Correr os devidos trâmites; ter seguimento: “O processo andou mais depressa do que se esperava.” 9. Continuar, prosseguir: “É verdade que o romance não andava, encrencado miseravelmente no segundo capítulo.” (Graciliano Ramos, *Caetés*, p. 90) 10. Basq.Mover (o atleta) o pé de apoio sem quicar a bola. **T. c.** 11. Percorrer em viagem; viajar: “Andou por toda Europa” 12. Movimentar-se dando passos: “Ela andou por aqui.” (Luís Delfino, *Íntimos e Aspásias*, p. 11) 13. Fazer-se acompanhar: “Andava sempre com um amigo.” 14. P. ext. Ter convívio; conviver: “Só anda com poderosos.” 15. Atingir aproximadamente (certo número): “A dívida do Terceiro Mundo anda pela casa dos 750 bilhões de dólares.” (Paulo Francis, em Folha de S. Paulo, 28.09.1983) 16. Ter relações sexuais; copular: “Gostava das mulheres, andava com elas, tinha-as nos braços.” (José Lins do Rego, *Riacho Doce*, p. 136). 17. Usar como meio de transporte: “Gosta muito de andar de trem.” 18. Apressar-se (em fazer ou terminar algo): “Ande logo com este trabalho!” **Pred.** 19. Estar, sentir-se, ou viver em determinado estado, condição ou aspecto: “Havia oito dias que Lúcia não andava boa.” (José de Alencar, *Lucíola*, p. 176). 20. Estar, existir: “Descrição e caras serviçais nem sempre andam juntos.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 37) 21. Decorrer, suceder: “Com os preparativos da viagem, tudo andava muito atrapalhado.” 22. Percorrer, correr, perpulsar: “Andei longes terras.” (Gonçalves Dias, *Obras Poéticas*, II, p. 23).

Assim como Nascentes (1976), Houaiss (2001) utiliza de exemplos como forma adicional de explicação da construção de sentido do verbo “andar”. Como podemos notar, o autor engloba todas as funções mencionadas pelos outros dois dicionários, porém acrescenta a cada uma delas mais divisões quanto ao sentido. Assim, como verbo intransitivo, o autor adiciona os sentidos de “movimentar-se por impulso sem, contudo, dar passos e correr os devidos trâmites” (HOUAISS 2001, p. 141). Já como verbo transitivo, são acrescentadas à descrição de sentidos do verbo “andar” as seguintes concepções: “viajar; fazer-se acompanhar; ter convívio e atingir aproximadamente uma numeração”.

Por fim, podemos observar as seguintes acepções do verbo “andar” no Dicionário de usos do português de Borba (2002):

Quadro 4 - Sentidos de “andar” retirados do: Dicionário de usos do Português do Brasil (BORBA, 2002, p. 82)

ANDAR: V. *[Ação] 1. Mover-se por conta própria; dar passos; caminhar: “Peguei na mãozinha de Luís com mais força e continuamos a andar.” [**compl.: de + nome concreto**] 2. Viajar: “Manuel Raimundo andava de automóvel em Belém.” [**Compl.: com + nome humano**] 3. Manter relações sexuais com; manter relações amorosas com: “O Silvaninho está andando com a irmã do Saturnino.” 4. Fazer-se acompanhar: “Agenor só andava com capangas.” 5. Acompanhar: “Eu andava com os guitarristas pelas bodegas do Alcázar.” 6. Proceder: “Tibéria não andou direita comigo.” [**Compl.: nome locativo**] 7. Percorrer: “Já andei Ilhéus inteiro.” [**Compl. De lugar**] 8. Passear: “Vai querer sandália havaiana pra andar na praia?” [**Compl. de direção**] 9. Aproximar-se: “Manuel, andando para o vigia Marcolino- Ora, muito bem, seu vigia!” 10 Ir; dirigir-se: “Vi quando levantou e andou para o elevador.” [**Processo**] 11. Mover-se de maneira contínua; pôr-se em movimento: “Sem combustível a locomotiva não anda.” 12. Funcionar: “O relógio começa a andar pra trás.” 13. Movimentar-se: “A dama (do jogo xadrez) anda nos quatro sentidos de sua posição.” [**Compl. de percurso**] 14. Passar: “Foi quando andaram pra lá os aviões supersônicos.” 15. Desenvolver-se; avançar: “O serviço não anda.” ***[Estado]** [**Compl.: de/com+nome**] 16. Estar usando: “Todo mundo andava de botas por causa da lama.” [**Compl.: predicativo ou de lugar**] 17. Estar: “O operário é que anda descontente!” [**Compl.: por+nome**] 18. Ter aproximadamente: “Pedro Rabelo andava pelos vinte e nove anos.” [**Compl.: com+nome humano**] 19. Conviver: “Com que espécie a gente anda?” ***[Auxiliar]** [**~+a+verbo no infinitivo ou gerúndio**] 20. Indica aspecto progressivo: “Você só andou mentindo nos últimos tempos” [...]

A partir do quadro 4, podemos perceber que Borba (2001), diferente dos demais autores até o momento citados, classifica o verbo ‘andar’ como verbo de ação, processo, estado e auxiliar. Outro ponto diferenciador do dicionário de Borba (2001) é que o autor também classifica o verbo em estudo quanto a sua valência verbal indicando, dessa maneira, quais são seus possíveis complementos oracionais, tais como: complemento “de” + nome concreto, complemento “com” + nome humano, complemento “de” + lugar, complemento “de/com” + nome, complemento “por” + nome, complemento “com” + nome humano, complemento “a” + verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Desse modo, é possível observar, a partir dos diferentes dicionários aqui elencados, que o verbo “andar”, na língua portuguesa, possui uma multiplicidade de formas e sentidos, os quais são utilizados de acordo com as necessidades de expressão do usuário da língua.

Verificamos, também, que a atribuição de significado e funções sintáticas vinculadas ao verbo “andar” divergem de acordo com a obra consultada. Salientamos que o dicionário Houaiss (2001), apesar de apresentar um maior número de deslizamentos funcionais⁴ sofridos pelo verbo em questão – movimentar-se por impulso sem, contudo, dar passos; correr os devidos trametes; viajar; fazer-se acompanhar; ter convívio e atingir aproximadamente uma numeração – não menciona seu mecanismo sintático de auxiliar. Tal acepção só vem expressa em Borba (2002).

A partir dessas colocações, demonstramos que tal verbo abarca diferentes usos e comportamentos morfossintáticos – o que será aprofundado em seção específica – a partir das maneiras como foi descrito pelos dicionários consultados, com diversos sentidos e classificações gramaticais.

1.1.2. Etimologia do verbo “andar”

Como já discutido anteriormente, o verbo “andar” possui diferentes sentidos na língua portuguesa, atuando não só como verbo pleno, mas, também, como verbo semi-auxiliar. Ao considerarmos que a Etimologia⁵ é um subsídio importante para o estudo dos significados que o verbo “andar” apresenta atualmente, a presente seção tem como objetivo discutir a origem do verbo em questão no latim, língua que deu origem ao português, a fim de explorar se algum dos sentidos presentes no verbo que deu origem ao que estudamos permanece atualmente em seu “descendente” em língua portuguesa.

Segundo Ilari (1999), todas as línguas vivas apresentam uma variação, seja ela vertical, correspondente à estratificação da sociedade em classes, ou horizontal, que tem correspondente nas diferenças geográficas e temporais.

Assim, torna-se importante, em nosso trabalho, o estudo do “caminho” lexical percorrido pelo verbo “andar” desde sua origem no latim até o português atual, pois, segundo Faraco (2005), as línguas humanas mudam com o passar do tempo, ou seja, as línguas não constituem realidades estáticas e estáveis; pois sua configuração estrutural se altera, mesmo que de modo discreto, constantemente no tempo, gerando, dessa

⁴“ O processo de gramaticalização ocorre quando um item de valor lexical recebe valor gramatical, ou quando, já gramatical, passa a mais gramatical. Essa transferência não acontece de modo direto, mas de maneira gradual. Alguns estudiosos se referem a essa linha de mudança como *continuum* (GONÇALVES et al, 2007, p.38). A análise de um item gramaticalizado, ou em processo de gramaticalização, envolve a focalização de pontos nesse *continuum* de evolução, cujo deslizamento funcional vai de mais concreto (menos gramatical) para mais abstrato (mais gramatical).” (CORDEIRO, 2012, p. 11, § 2º).

⁵ Segundo Faraco (2005), a etimologia é a parte da gramática responsável por tratar da história, origem e explicação dos significados das palavras através da análise dos elementos que as constituem.

forma, contínuas alterações da configuração estrutural das línguas “sem que, no entanto, se perca, em qualquer momento, aquilo que costuma ser chamado de plenitude estrutural e potencial semiótico.” (FARACO, 2005 p. 14, § 2º). Em outras palavras, apesar do seu caráter altamente dinâmico e criativo, as línguas sempre se conservam organizadas e oferecem a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.

Desse modo, nossa proposta de trabalho se justifica pelo fato de que os diferentes usos do verbo “andar” passam a ser bem nítidos e compreensivos, quando examinado seu percurso histórico. Para a realização de tal objetivo, recorreremos aos dicionários etimológicos de Fontinha (s/d), Nascentes (1966), Cunha (1998) e (Filho 2014).

Nascentes (1966), em seu “Dicionário etimológico resumido”, afirma que o verbo “andar” provém do termo *ambulare*, como podemos observar a seguir:

Quadro 5 - Origem de “andar” retirado do: Dicionário etimológico resumido (NASCENTES 1966, p. 46)

<p>Andar. Do lat. <i>ambulare</i> “passear”, pronunciado *<i>amlare</i>, por comunicação ao “l” da oclusão bucal em que consiste o “m” de <i>amdare</i>.</p>

Vemos também que Nascentes (1966) classifica o termo “*ambulo*” como primitivo do verbo “andar”, atribuindo-lhe apenas a noção mais física do verbo – passear. Outro fato importante a se destacar é que o autor, além de sua classificação etimológica, traz ao leitor uma noção da evolução fonética do termo latino que seria pronunciado como **amlare*.

Assim, Nascentes (1966) acredita que o verbo “andar” teve origem no termo latino *ambulare*.

No entanto, tal explicação não é compartilhada por todos os estudiosos da língua. Desse modo, Fontinha (s/d), em seu “Novo dicionário etimológico da língua portuguesa” postula que o verbo “andar” é proveniente do termo latino *ambitare*, como se pode observar a seguir:

Quadro 6 - Origem de “andar” retirado de: Novo dicionário etimológico da língua portuguesa (FONTINHA S/D, p. 143)

Andar, v. i. (Lat. *ambitare*) – Dar passos dum lado para outro; caminhar; mover-se, com movimento natural ou transmitido, mas sem dar passos; desenvolver-se; viver; encontrar-se; *tr.* – percorrer; *s. m.* – modo de andar; o conjunto das pendências duma casa, que ficam no mesmo nível; estrado; sedimento.

Podemos notar que Fontinha (s/d), ao contrário Nascentes (1966), afirma que o verbo “andar” é derivado do termo latino *ambitare*. Outro fato distinto entre esses dois autores é que Fontinha (s/d) faz uma divisão sintática do termo em questão, na qual classifica-o como verbo intransitivo e verbo transitivo.

Cunha (1998), por sua vez, em seu “Dicionário etimológico nova fronteira”, nos fornece a seguinte acepção etimológica do verbo “andar”:

Quadro 7 - Origem de “andar” retirado do: Dicionário etimológico nova fronteira (CUNHA, 1998, p. 45)

Andar: *vb.* “dar passos, caminhar”. De origem controversa; a hipótese mais viável é a que liga o voc. Port. Ao lat. **ambitare* (do cláss. *Ambire* “dar voltas rodear”).

Como podemos perceber, Cunha (1998) afirma, em seu dicionário etimológico, que tal verbo tem origem controversa. O autor, no entanto, nos fornece uma hipótese de que esse item verbal é derivado do latim *ambitare*, que significa “dar voltas rodear” sem, no entanto, apontar outras possibilidades.

Igualmente faz Filho (2013, 2014), conforme se demonstra o quadro a seguir:

Quadro 8 - Origem de “andar” retirado em: Pequeno vocabulário do português arcaico. (FILHO, 2014, p. 43-44)

Andar – v. *inf.* (origem controv., talvez do lat. * *ambitare*) “Dar passos”, “caminhar”; “estar, sentir-se ou viver em determinada condição” [F32Rc1]: ata que veesse alguém que avbrisse a porta e então poderia **andar** seu caminho // *pres. Ind.* [F77v C1]: Muyto **ando** triste por aqueles mancebos poruqe serviam muy bem e eram homens de gram sanguy. [F33rC1]: Tu **andas** per totalas eigrejas dos nossos irmaos que em esta cidade há. [F69yC1]: E não vees como **anda** esta molher maa per ant’a gente e não há vergonha? [F40Vc2]: Quareenta anos há que nos partimos de nosso moesteiro e **andamos** per este ermo de leçença de nosso abade. [F69Rc1]: Yde-vos daqui que **andades** vaguejando pelo ermo e não seedes em vossa celas. [F76vC2]: Emperador, tu chamas os homens que moram longe desta cidade pera sacrificar os ídolos e aqueles que **andam** no teu paaço e te servem de diia e de noyte despreçam o teus

mandamentos. // *pret. perf. Ind.*[F2vC1]: E pois partir-me ende muy ledo porque vira visom andelial e **andey** por todolos moesteyros que eram em derredor. [F8Rc2]: Praz-ti mais do gram viçoso e do gram prazer per ante **andasti** ou deste logar que hora visti? [F74Vc1]: Mas o envejoso e enmiigo de todo bem andou buscando arte como partisse nossa companha. [F74vC1]: E pois **andarom** por muytos sanctos que eram em desvayradas terras e a as doença e o seu mal deles foy apregoado per aquelas terras muytas e desvayradas. // *imperf. Ind.*[F80rC2]: E o pastor **andava** a muy gram seu prazer com elas porque elas lhi obedeciam. [F80vC1]: E tragia huus azorragas metudos per huu fustre e vinha furtrar as ovelhas que **andavam** no grey do primeiro partor que as tragia muy viçosas.// *mais-que-perf. ind.* [F48vC1]: E entom aquel homem ante todos pois o seu mal em que primeiramente **andara** e o bem que lhi Deus fezera era tã apregoado contou ante todos seu estado. [F43rC2]: Ca pelas tas orações segamos nós todo o agro em tanto tempo em quanto o segáramos se tu **andaras** com nosco.// *fut. ind.* [F19rC2]: Senhor, diss'el, **andarey** per meus amigos e pensarey de mhas cousas.// *pres. subj.* [F29rC2]: Rogo-te que me correjas e que tolhas de mim este deosto tã avol e tã maa que nunca **ande** ante a mha fé. [F12vC1]: e ensigna todos aqueles que te quizerem ouvir que **andem** lealmente em estes mandados. // *imperf. subj.*[F43rC1]: E fio de Deus que pelas sãs orações nós duos compriremos quanto todos três havíamos de fazer em tanto quanto o compriramos se o outro hi **andasse** com nosco. [F67rC2]: E quando Deus vio que era tempo que andassem, eviou-lhes hua aaguya e ferio-os das aas.// *fut. subj.* [F43vC1]: Nõ ti perdoarey se nõ **andares** três anos pelo mundo.// *imp. af.* [F16rC1]: **Andemos** enquanto havemos dia, Ca de noyte nõ poderemos bem remar.//*ger.* [F44rC2]: Eu, melhor mal-aventurada, **andando** meu caminho per este ermo, colheu-me aqui a noyte.

Filho (2013, 2014), assim como Cunha (1998), também reconhece que a etimologia do verbo “andar” é controversa, mas advoga que a hipótese mais provável é a de que este verbo deriva de *ambitare*. Pode-se perceber, também, que Filho (2013, 2014) se difere dos demais autores por incorporar ao seu dicionário exemplos reais de dados da escrita do português arcaico.

Como podemos perceber, não há um consenso entre os autores sobre a etimologia do verbo “andar” no latim. O que se verifica é uma divisão entre aqueles que defendem que tal verbo seja proveniente de *ambulare* e aqueles que defendem a hipótese de que esse verbo se originou do item latino *ambitare*.

Porém, apesar de não ser nosso objetivo encerrar a questão de qual termo latino deu origem ao verbo “andar”, a discussão feita ao longo dessa seção nos foi útil, pois possibilitou observar que, já no latim – seja assumindo a origem via *andare*, seja a origem via *ambitare* – o termo em questão já era usado com um sentido que remete não só um deslocamento espacial, mas também temporal uma vez que, a ação de “caminhar”, descrita por todos os autores aqui citados, indica um período de temporal para se realizar.

Desse modo, fica evidente a importância de se conhecer o “caminho” lexical percorrido pelo verbo em questão desde sua origem latina até o português atual para a melhor compreensão das possibilidades semânticas que este apresenta atualmente.

1.1.3. Verbo “andar” abordado pelas gramáticas

Como demonstramos em subseção anterior, o verbo “andar”, nos diferentes dicionários consultados, possui uma multiplicidade de sentidos e, conseqüentemente, uma variedade de classificações sintáticas. Desse modo, tal item pode se comportar no português como verbo intransitivo, transitivo e auxiliar⁶. Vamos nos ater, no entanto, à classificação dada a esse verbo pelos autores de algumas gramáticas como auxiliar, conforme aparece em construções do tipo “andar + gerúndio”.

Nesse sentido, nesta subseção nos preocupamos em abordar o tratamento dado ao verbo “andar” pelas gramáticas – Bechara (1977), Cunha & Cintra (1985), Neves (2000) e Cunha (2012) – em que a construção “andar + gerúndio” é abordada particularmente.

Em geral, todas as gramáticas consultadas abordam o verbo em questão como pertencente a uma categoria de auxiliar que, acompanhado de um verbo principal, forma uma estrutura denominada ora locução verbal ora perífrase⁷.

Segundo Bechara (1977), o verbo “andar”, ao ser encaixado na categoria de auxiliar, faz combinação com o gerúndio ou infinitivo de outro verbo principal. Ainda segundo este mesmo autor, somente o verbo auxiliar recebe as flexões de pessoa, número e modo e que por este motivo tal tipo de verbo empresta “um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados aspectos do verbo” (BECHARA, 1977, p.110, § 1º).

Além dessa noção de atribuição flexional, o autor também enumera as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa, sendo uma delas a de auxiliar acurativo que, segundo o autor, são verbos que “se combinam com o infinitivo ou gerúndio de seus verbos principais para determinarem com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo

⁶ Nomenclatura utilizada pelos autores consultados.

⁷ Como veremos mais adiante, a Gramática Tradicional (GT) trata o tema *perífrases verbais* de forma bastante heterogênea. No entanto, conforme explicaremos na seção 2, utilizaremos o termo “perífrase” para designar tal estrutura em nosso trabalho.

presente, passado e futuro” (BECHARA,1977, 111-112, § 3º). O verbo “andar”, neste sentido, aparece como verbo auxiliar acurativo que indica desenvolvimento gradual da ação, tal como em usos: andar escrevendo, andar pensando, andar querendo.

Cunha & Cintra (1985) afirmam que as construções “estar” ou “andar” + gerúndio são as formações mais antigas da língua portuguesa que ainda preservam vitalidade em dialetos centro-meridianos de Portugal, nos Açores e nos países africanos de língua portuguesa. Os autores destacam que, no português Europeu, predomina atualmente, a formação de [estar (ou andar) + preposição a + V2 infinitivo], que aparece, vez por outra, em obras de escritores brasileiros. Porém, a formação mais encontrada na variedade do português do Brasil, segundo os autores, é a: [ANDAR + V2 gerúndio]. Além disso, os autores também compartilham a ideia de Bechara (1977) de que as construções formadas por “andar” seguido de outro verbo no gerúndio indicam uma ação durativa, ou seja, uma ação continuada.

Neves (2000), por sua vez, desenvolve uma extensa análise sobre a natureza dos verbos no português, em que introduz a noção de verbos que não constituem predicados, ou seja, operadores gramaticais que indicam, segundo a autora, modalidade, aspecto, tempo e voz. Neste sentido, o verbo “andar” é elencado como verbo aspectual, que nas palavras da autora, “forma perífrases ou locuções que indicam entre outras coisas o desenvolvimento do evento que por sua vez pode configurar hábito” (NEVES, 2000 p. 63, § 2º).

Por fim, Cunha (2012) argumenta que os auxiliares de uso mais frequente são “ter”, “haver”, “ser” e “estar”, mas que outros verbos podem funcionar como auxiliares e um deles é o “andar”. Desse modo, segundo o autor, o verbo “andar” como auxiliar emprega-se com o infinitivo ou com o gerúndio do verbo principal para indicar uma ação durativa.

Com base nessa análise sobre o tratamento dado ao verbo “andar” pelas gramáticas tradicionais, podemos perceber que tal verbo é classificado como auxiliar que, ligado a outro verbo principal no infinitivo ou no gerúndio, apresenta um sentido de duratividade da ação, ou seja, “marca certos aspectos do desenvolvimento da ação” (CUNHA, 2012, p. 238, § 1º).

1.1.4. Verbo “andar”, conforme alguns trabalhos acadêmicos consultados

Na pesquisa que realizamos sobre estudos referentes ao verbo “andar”, encontramos as dissertações de mestrado de Santos (2008) e Fernandes (2012), as quais tratam pontualmente da formação de perífrase do verbo em questão. Nesta subseção, discutiremos tais estudos, destacando questões teóricas abordadas por cada uma dessas obras sobre o verbo “andar”.

Santos (2008), em sua dissertação “Perífrases durativas do português brasileiro”, analisa perífrases verbais do português, formadas com os auxiliares “andar”, “viver”, “ficar” e “continuar” seguidos de verbo no gerúndio. A autora defende que os auxiliares⁸ enumerados acima, no presente do indicativo, contribuem, ao juntarem-se com o gerúndio do verbo principal, para a marcação do aspecto verbal durativo. Em outras palavras, Santos (2008) postula que as sentenças com esse tipo de formação perifrástica denotam eventos que se prolongam em um intervalo de tempo possibilitando, assim, a marcação do aspecto verbal durativo.

Desse modo, o tratamento proposto pela autora em seu trabalho é em uma perspectiva aspectual, em que se defende o caráter imperfectivo⁹ inerente a esse tipo de construção, mas é essencial o auxiliar estar no presente do indicativo, por apresentar marcas da homogeneidade e da duração, juntamente com a flexão do gerúndio, que é tratado como um marcador de subeventos e subintervalos de tempo¹⁰. Outro fator importante abordado pela autora é o de que “esses verbos, em sua passagem de pleno para auxiliar, trouxeram acarretamentos semânticos importantes para se vincular às perífrases leituras aspectuais” (SANTOS, 2008, p. 6 § 1º).

Dessa forma, percebe-se uma persistência semântica (cf. HOPPER, 1991) em que parte de seu significado “mais antigo” permanece no processo de gramaticalização¹¹. Ainda sobre essas perífrases, de acordo com Santos (2008), a ação representada por elas pode ser interrompida a qualquer momento ou se prolongar

⁸ Nomenclatura utilizada por Santos (2008).

⁹ “O aspecto imperfectivo se refere a um processo em realização, inacabado e pode combinar-se com os valores temporais de simultaneidade, anterioridade e posterioridade” (SANTOS, 2008, p. 38 § 2º).

¹⁰ Santos (2008), após análise das obras Bertinotto (1996), (2006) nos esclarece que o gerúndio, ligado a um verbo auxiliar, permite uma contagem escalonada dos eventos no tempo subdividindo-os em subeventos (e1, e2, e3, e4, en...) e em subintervalos de tempo (t1, t2, t3,t4, tn...).

¹¹ “Na gramaticalização do auxiliar, a dessemantização é um processo gradual com diferentes etapas que se caracteriza por alguma forma de “persistência” (HOPPER (1991) ou “retenção semântica” (BYBEE — PAGLIUCA 1987 apud HOPPER (1991)) do valor original do lexema” (SANTOS, 2008, p. 44, § 2º).

indefinidamente, ou seja, não há um ponto inicial ou final intrínseco, definido. Assim, elas denotam que o evento se apresenta em andamento, em desenvolvimento. Desse modo, a autora propõe classificar as perífrases em estudo como durativas com dupla leitura: duração e/ou iteração (ou ambas as coisas concomitantemente), subdivididas em perífrases durativas contínuas e perífrases durativas fasais¹².

No que diz respeito à perífrase formada pelo verbo “andar”, Santos (2008) destaca que faz parte do conjunto de perífrases durativas contínuas, que são aquelas que marcam a duração de um evento em um intervalo de tempo, podendo esse evento ter duração de forma contínua no tempo ou repetida indefinidamente neste intervalo.

Por fim, Santos (2008) conclui que as perífrases por ela estudadas denotam matiz aspectual imperfectivo, colocando em foco o andamento da ação sem a marcação de seu ponto inicial ou final. Tais perífrases, segundo a autora, são consideradas muito fortes, uma vez que, para a leitura imperfectiva (duração), não dependem da classe aspectual do verbo pleno e nem do seu argumento interno (objeto direto — OD).

Desse modo, defendemos, assim como Santos (2008), que o verbo em estudo, quando inserido em uma perífrase gerundial, contribui para a marcação do aspecto verbal durativo. No entanto, defendemos também, que essa marcação de aspecto durativo se realiza não somente quando o verbo “andar” está no tempo presente do indicativo, como será demonstrado em nosso capítulo de análise dos dados.

Outro estudo teórico por nós analisado foi o de Fernandes (2012): “Sintatização e semanticização das construções “andar”, “continuar”, “ficar”, “viver” + gerúndio no português paulista”. Neste trabalho, a autora faz uma investigação sobre o percurso diacrônico das construções com os verbos “andar”, “continuar”, “ficar” e “viver” seguidos de gerúndio sob a perspectiva da abordagem multissistêmica da língua que procura analisar os sistemas do léxico, da semântica, da sintaxe e do discurso, além de seus processos de Lexicalização, Semanticização, Gramaticalização e Discursivização.

A autora, em sua análise, apresenta a ideia de que o verbo “andar”, ao longo do tempo, sofreu um processo de gramaticalização em que o item em questão deixou de ser apenas verbo pleno para configurar-se como verbo auxiliar¹³. Neste processo, o verbo “andar” pleno, ou seja, formado por um sintagma nominal único e que apresenta uma interpretação semântica de movimento físico, em algum momento, foi reanalisado como

¹² Perífrases fasais, em especial as continuativas, são aquelas que designam propriedades, especificando a fase de uma série de eventos ou a fase em que o evento se encontra. (SANTOS, 2008, p. 90, apud Bertinetto, 2002, § 1°).

¹³ Nomenclatura dada pela autora.

verbo funcional estativo, “deixando de operar como núcleo do predicado, função que se deslocou para o termo adjacente à sua direita, formando assim estruturas locativas, modais ou atributivas” (FERNANDES, 2012, p. 96, § 2º). Essa associação a termos adjacentes, segundo Fernandes (2012), culminou na combinação desse verbo com infinitivo preposicionado ou gerúndio, formando, desse modo, uma estrutura aspectual.

Assim, segundo Fernandes (2012), no processo de gramaticalização do verbo “andar”, além dessa reorganização sintagmática, houve também uma motivação cognitiva para que ocorresse analogia entre o seu significado menos abstrato na forma plena e em seu significado mais abstrato na forma em semanticização (verbo funcional). Nesse sentido, segundo a autora, a partir da metáfora ESPAÇO > TEMPO, foi possível a ativação das propriedades funcionais do verbo “andar”, dando origem, dessa maneira, ao aspecto imperfectivo cursivo iterativo. Concluindo, a autora advoga que o processo de semanticização de “andar” seguido de gerúndio indica que essa construção é uma perífrase codificadora de VISÃO (aspecto imperfectivo) e EVENTO (evento télico e processo atélico, eventos iterativos).

Assim, em nosso trabalho, comungamos com a ideia de Fernandes (2012), de que o verbo “andar”, além de ter sofrido um rearranjo sintático – deixando de funcionar apenas como verbo pleno para atuar com outra configuração sintática – também adquiriu, ao longo do tempo, uma mudança cognitiva por meio do mecanismo de analogia da metáfora ESPAÇO > TEMPO passando, assim, a designar eventos abstratos, conforme demonstraremos em nossa análise dos dados.

No entanto, diferenciando-nos da autora em questão, realizaremos um estudo que abarca não apenas o português paulista, mas sim, o português mineiro e fluminense. Outro fato diferenciador de nossa pesquisa é que apresentaremos os demais deslizamentos funcionais do verbo “andar”, construindo, assim, um caminho de abstratização sofrido pelo mesmo até chegar ao seu sentido [-concreto] de atualizador de aspecto. Além disso, classificaremos o verbo “andar” seguido de outro verbo no gerúndio não como verbo auxiliar, como fazem os dois autores aqui citados, mas sim como semi-auxiliar, conforme explicaremos mais detalhadamente no capítulo de análise dos dados.

1.1.5. Considerações

A presente seção ocupou-se em levantar os sentidos atribuídos a “andar” pelos dicionários e a fazer uma análise das produções gramaticais e pesquisas acadêmicas da formação perifrástica formada por este verbo.

No que se refere ao levantamento dos diferentes sentidos atribuídos a “andar”, descritos anteriormente, encontramos as seguintes acepções:

(i) manifesta a ideia mais concreta de deslocamento espacial, configurando-se como verbo transitivo e intransitivo;

(ii) expressa a ideia mais abstrata ligada a aspecto, configurando-se, segundo os autores aqui citados, como verbo auxiliar.

Em relação, às gramáticas podemos perceber que uma das classificações dadas a este verbo é a de verbo auxiliar que, ligado a outro verbo principal no gerúndio, apresenta um sentido de duratividade da ação. Já em relação aos estudos de Santos (2008) e Fernandes (2012), o verbo “andar” é abordado através do enfoque aspectual e da perspectiva da gramaticalização respectivamente.

Nesse sentido, de acordo com os usos encontrados em nossa análise ao longo desta seção, obtivemos um panorama geral das acepções dadas ao verbo “andar” pela literatura, destacando as similaridades e diferenças em seu tratamento.

1.2. Discussão acerca das nomenclaturas “locução verbal” e “perífrase verbal”

Diante do exposto na seção 1.1.3, podemos perceber que a formação do verbo “andar” seguida de um verbo no gerúndio ou no infinitivo recebe ora o nome de “locução” ora o nome de “perífrase” verbal. Como forma de esclarecimento sobre esse assunto, evidenciaremos a nomenclatura adotada para este item específico tanto pela gramática tradicional quanto por livros especializados em linguística. Esperamos, dessa maneira, demonstrar a diferença conceitual entre “locução” e “perífrase” e, assim, delimitar qual a melhor nomenclatura a se adotar ao longo de nosso trabalho.

Dessa forma, como gramáticas tradicionais que tratam dessas formações específicas, utilizamos Bechara (1977), Cunha & Cintra (2013) e Cegalla (2008). A escolha dessas obras se deu pelo motivo de que, além de seus exemplares serem geralmente utilizados em trabalhos acadêmicos e de seus autores gozarem de prestígio

nos estudos gramaticais normativos, suas datas de publicações nos possibilitam perceber o tratamento dado ao verbo em estudo em diferentes momentos.

Assim, Bechara (1977), em sua “Moderna Gramática Portuguesa”, define “locução” verbal como uma “combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal” (BECHARA, 1977, p. 110, § 1º). Neste sentido, segundo essa definição, somente o auxiliar receberia flexões de pessoa, número, tempo e modo.

Ainda sobre o verbo auxiliar, o autor argumenta que tais verbos possuem várias aplicações na língua portuguesa, tais como:

1. Formação dos tempos compostos, que, unidos ao tempo simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa, exprimindo, dessa maneira, a conclusão da ação verbal;
2. formação da voz passiva que pode denotar ação, estado e mudança de estado;
3. formação de auxiliares acurativos que se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal, que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro;
4. auxiliares modais que se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou deixa de se realizar a ação verbal expressando, dessa maneira, uma necessidade, obrigação, dever, possibilidade ou capacidade, vontade ou desejo, tentativa ou esforço, consecução aparência, dúvida e resultado.

Cunha & Cintra (2013) também afirmam que “locuções verbais” são “conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 408, § 2º). Os autores ainda apontam que, nas locuções, o verbo principal vem sempre em uma das formas nominais: particípio, gerúndio, infinitivo ou impessoal.

No que diz respeito ao tratamento dos verbos auxiliares pelos autores, podemos perceber que não há uma definição bem delimitada dos mesmos, uma vez que eles apenas apontam quais verbos têm o uso mais frequente nesta categoria: ter, haver, ser e estar. Mais à frente, assinalam que, apesar desses quatro verbos citados acima serem mais comumente usados como auxiliares, existem outros verbos que podem funcionar como tal, os quais, ligados ao infinitivo ou ao gerúndio do verbo principal, “expressam matices de tempo ou marcam certos aspectos do desenvolvimento da ação tais como: ação que se realiza progressivamente; firme propósito de execução da ação; intenção de

realização de um ato; expressão do resultado final de uma ação e indicação do término recente de uma ação” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 385-386, § 3º).

Cegalla (2008), por sua vez, na seção de auxiliares de sua “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa”, oferece uma breve definição de “locução verbal” em que fala que esta construção é formada por verbos auxiliares que “se juntam a uma forma nominal de outro verbo para construir a voz passiva e os tempos compostos” (CEGALA, 2008, p. 196, § 3º), sem se ater, contudo, à explicação do que seja voz passiva e tempo composto.

Mais à frente em sua obra, Cegalla (2008) se difere das demais gramáticas até aqui estudadas por apontar que as “locuções verbais” também podem ser chamadas de “construções perifrásticas”, mas sem nos fornecer, no entanto, mais esclarecimento do motivo dessa variação.

Como podemos perceber, o termo “perífrase verbal” ou “construção perifrástica” não é citado na maioria desses materiais. A nomenclatura comumente utilizada é a de “locução verbal”, com uma definição comum a todos os materiais: formação de um verbo auxiliar mais um principal na forma nominal.

Desse modo, o que nos chama a atenção é que tal elemento é abordado de forma circular, no que diz respeito ao foco dado a sua estrutura, ou seja, levando em consideração apenas seu caráter morfológico ou sintático, sem levar em conta seu caráter semântico.

O que se percebe, portanto, é que “não há um tratamento homogêneo para o assunto” (FERNANDES, 2012, p.19, § 2º). Os conceitos não são apontados de forma clara e precisa e apresentam a sintaxe somente como parâmetro sem, contudo, se atentar para a semântica. A palavra “perífrase”, na maioria das obras consultadas até aqui, não aparece, e quando raramente isso acontece, como no caso de Cegalla (2008), não há uma separação conceitual exata dessas duas nomenclaturas.

Diante da indeterminação do que seja “locução” e “perífrase” dentro das gramáticas tradicionais, recorreremos a livros especializados em Linguística para melhor esclarecimento sobre o assunto. Desse modo, encontramos trabalhos de Pontes (1973), Câmara (1979), Neves (2000,2006) e Santos (2008).

Pontes (1973) inicia seu livro “Verbos auxiliares em português” afirmando que um dos problemas nos estudos da tradição gramatical “é a falta de definição rigorosa dos termos usados e, conseqüentemente, o emprego, por autores diversos, de termos idênticos com significados diferentes” (PONTES, 1973, p. 15, § 1º). Neste sentido, a

autora, ao longo de seu primeiro capítulo, faz um levantamento bibliográfico de obras gramaticais que tratam o termo “Locução Verbal” ora como “qualquer sequência verbal com uma certa coesão interna, de tal modo que funcione como verbo simples” (PONTES, 1973, p. 15, § 1º), ora como certas sequências verbais distintas das sequências denominadas “Tempo Composto” ao qual denotam, segundo alguns autores por ela citados, apenas formação de aspecto e não de tempo. Por fim, Pontes (1973) aponta que tanto na primeira quanto na segunda concepção de “locução verbal” aqui expostas, esta mesma nomenclatura “costuma ser sinônimo de conjugações Perifrásticas” (PONTES, 1973, p. 15, § 1º).

Podemos perceber, portanto, que Pontes (1973) não diferencia os termos “locuções verbais” e “locuções perifrásticas” empregando-os, em seu trabalho, com o mesmo sentido.

Neves (2000) afirma que “perífrase” ou “locuções” é uma construção composta por um verbo designador de predicação responsável pelo preenchimento argumental da oração e por outro verbo que serve como operador gramatical designador de tempo, modo e aspecto. Em outro trabalho, Neves (2006), ao se referir a verbos que “(...) combinam-se com o verbo nuclear do predicado para auxiliar mais especificamente a indicação da categoria aspecto” (NEVES, 2006, p. 66, § 2º), apresenta novamente os termos “perífrase” e “locução” em igualdade de sentido.

Percebemos, portanto, que a autora, assim como Pontes (1973), não faz distinção entre os termos “perífrase” e “locução” utilizando-os, em seus trabalhos, como sinônimos.

Diferentemente de Pontes (1973) e Neves (2000, 2006), Mattoso Câmara (1979) distingue a nomenclatura “Locução Verbal” da nomenclatura “Perífrase Verbal”. Assim, segundo Câmara (1979), “locução” é uma formação em que o auxiliar possui uma significação mais esvaziada que, ao longo do tempo, se tornou um “mero índice da categoria que se destina a exprimir” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 164, § 3º). Já a “perífrase” deve ser entendida, segundo o autor, como uma “composição morfológica na base de uma “locução”, isto é, dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam numa unidade lexical superior” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 167, § 1º). Desse modo, de acordo com Câmara (1979), o que diferencia a “locução” e a “formação perifrástica” é exatamente o auxiliar.

O autor aponta que as “conjugações perifrásticas” são “composições de duas formas verbais para expressar categorias ou nuances categóricas que não estão previstas

no quadro das flexões” (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 163, § 2º). Desse modo, de acordo com Câmara (1979), é na flexão do auxiliar que se encontra a marcação de número, pessoa, modo e tempo que, juntamente com a forma nominal do verbo pleno, formam uma unidade semântica.

Ainda sobre a formação de “perífrase”, Câmara (1979) enumera os fatores que levariam a composição de um verbo auxiliar e um verbo na forma nominal a passar para outra categoria que não a lexical e, assim, formarem uma “perífrase”:

(...) a tendência de aglutinação, que, às vezes, na história lingüística faz de uma conjugação perifrástica... depende de três fatores: 1) ascensão em importância, no quadro geral das categorias verbais da língua, da noção gramatical que a perífrase traduz; 2) obsolescência da significação lexical do verbo que entra como auxiliar, isto é, aquele a que cabe o mecanismo gramatical do conjunto; 3) possibilidades fonológicas da construção em sua morfofonêmica”. (...) A significação lexical do conjunto está na forma nominal, como da forma simples está no radical. Na forma flexional auxiliar está a significação gramatical (MATTOSO CÂMARA, 1979, p. 16, § 3º).

Por fim, Santos (2008), em seu trabalho sobre as “perífrases” durativas do português, considera que, na distinção entre o termo “perífrase” e “locução verbal”, “parece haver um gradativo e crescente processo de gramaticalização” (SANTOS, 2008, p.25, § 1º). Desse modo, segundo a autora, “a locução verbal” seria aquela em que o verbo auxiliar estaria mais gramaticalizado, enquanto, para a “perífrase, concebida pela autora como um complexo verbal formado por um auxiliar mais um verbo principal, o auxiliar ainda manteria traços do significado do seu uso como pleno” (SANTOS, 2008, p.25, § 1º).

Como podemos observar, apesar de Neves (2000, 2006) e Pontes (1973) utilizarem os termos “locução” e “perífrase” no mesmo sentido, nos estudos acadêmicos é possível encontrar uma separação um pouco mais clara entre esses dois termos. Ambos são considerados formações em que um verbo auxiliar se une a um verbo pleno na forma de gerúndio ou infinitivo, porém, segundo Câmara (1979) e Santos (2008), a “locução verbal” seria uma formação avançada no processo de gramaticalização e, por esta razão, tal construção não admitiria a intercalação entre seus elementos. Por outro lado, as “perífrases” seriam construções em processo inicial de gramaticalização e, portanto, o verbo marcador de tempo, modo, número e pessoa atuaria como “semi-auxiliar” uma vez que, ainda carregaria também algum traço de seu significado pleno.

Sobre a noção de verbos “semi-auxiliares”, Travaglia *et al.* (2003) fazem uma lista dos verbos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização no português e afirmam que os verbos “semi-auxiliares” possuem o *status* de indicador, ou seja, “expressariam uma noção semântica geral e passível de se tornar categorias gramaticais possuindo, assim, um grau menos avançado de gramaticalização” (TRAVAGLIA *et al.*, 2003, p. 99, § 3º).

Ainda segundo esses autores, tais verbos, ao se gramaticalizarem, podem exercer a função de marcador de categorias gramaticais e de expressão de noções semânticas gerais e mais abstratas que não constituem situações, tais como: repetição, cessamento, tentativas etc.

Assim, para Travaglia *et al.* (2003):

Verbos semi ou quase-auxiliares ou auxiliares semânticos, que chamamos assim porque, além de “carregarem” as categorias verbais acrescentam ao verbo que acompanham uma série de noções semânticas mais gerais, abstratas ou relacionais que são nuances semânticas (geralmente não ligadas ao mundo biopsicofísico-social) que se aplicam à situação indicada por outro verbo e que não se destinam à indicação de situações que caracterizariam um sentido mais nocional, expressando situações do mundo biopsicofísico-social, atendendo o princípio de gramaticalização de perda de conteúdo semântico ou troca por outro mais abstrato ou gramaticais (TRAVAGLIA, 2003, p. 108, § 1º).

Desse modo, considerando que o verbo “andar”, por nós estudado, ao se combinar com um verbo no gerúndio, ainda carrega traços de sentidos de sua forma plena, assumiremos a nomenclatura “perífrase” para definir tal formação. Dessa forma, comungamos com a ideia de Travaglia *et al.* (2003) e Campos (2008) de que o termo “perífrase” designa uma entidade formada por um verbo na função de semi-auxiliar, pois ainda carrega traços de significado de sua forma plena, unido a outro verbo na forma nominal, podendo expressar, assim, noções mais abstratas.

1.3. Considerações

Neste capítulo procurou-se esclarecer alguns pontos base acerca do verbo “andar”. Desse modo, diante do exposto acima, podemos perceber que o verbo “andar” nos dicionários e gramáticas, apresenta as acepções de manifestar a ideia mais concreta de deslocamento espacial, configurando-se como verbo transitivo e intransitivo além de expressar a ideia mais abstrata de aspecto, configurando-se como verbo auxiliar. Em

seguida, através da análise feita nos dicionários etimológicos, evidenciamos que o verbo “andar” não possui um consenso geral entre os autores sobre a sua origem.

Já em relação aos estudos de Santos (2008) e Fernandes (2012), evidenciamos que o verbo em estudo é abordado através do enfoque aspectual e da perspectiva da gramaticalização respectivamente. Posteriormente, demonstramos a diferença conceitual entre “locução” e “perífrase” verbal, e, ao considerarmos que o verbo “andar” ao se combinar com um verbo no gerúndio, ainda carrega traços de sentidos de sua forma plena, decidimos utilizar ao longo de nosso trabalho a nomenclatura “perífrase” para definir tal formação. Dessa forma, comungamos com a ideia de Travaglia *et al.* (2003) e Campos (2008) de que o termo “perífrase” designa uma entidade formada por um verbo na função de semi-auxiliar, pois ainda carrega traços de significado de sua forma plena, unido a outro verbo na forma nominal expressando assim, noções mais abstratas.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Abordaremos neste capítulo os conceitos e princípios do fenômeno da Gramaticalização que nos ajudarão a entender o processo de mudança pelo qual o verbo “andar” transita. A escolha dessa abordagem teórica se justifica pelo fato de que, segundo Hopper (1987), a gramática das línguas passa por uma constante renovação, não sendo, dessa forma, produto acabado.

Ao assumirmos o funcionalismo como paradigma, o presente capítulo se organiza de forma a caracterizar inicialmente essa abordagem. Desse modo, assumimos a língua concebida como um objeto maleável e criativo que, sujeito às pressões oriundas das diferentes situações extralinguísticas, se renova a cada dia. Posteriormente, destacamos pontos relevantes no tratamento da gramaticalização, apontando as referências teóricas que sustentam, até os dias atuais, essa perspectiva (MEILLET, 1912; HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993]).

Por fim, tratamos da gramaticalização como processo de (inter)subjetivização destacando, dessa maneira, que as construções de sentidos gramaticalizados são cada vez mais baseados nas crenças dos falantes, ou seja, refere-se à construção de sentidos (inter)subjetivos (FINEGN, 1995; TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT & DASHER, 2005)

2.1. O surgimento da linguística moderna e a abordagem funcionalista

Segundo Kenedy & Martelotta (2015), o surgimento da linguística moderna se deu a partir do aparecimento do “Cours de linguistique générale” de Saussure, em 1916. A partir desse marco, as pesquisas sobre a língua passaram a abordar uma postura eminentemente estruturalista, que tem como características centrais as noções básicas de “sistema” e “estrutura”.

Todavia, o estruturalismo não é o único paradigma que faz parte da Linguística moderna. Em 1929, através do denominado Círculo Linguístico de Praga¹⁴, surge a abordagem funcionalista da linguagem, que tem por característica a visão da língua como um instrumento cujo principal objetivo é a comunicação. Assim, a abordagem funcionalista, ao assumir essa característica, deixou de analisar a língua como um objeto autônomo, mas sim como uma “estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical” (KENEDY & MARTELOTTA 2015, p. 14, § 3º).

A abordagem funcionalista foi introduzida nos Estados Unidos em 1970 através dos trabalhos de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que têm o uso como base de suas análises e “cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (KENEDY & MARTELOTTA 2015, p. 16-17, § 3º).

Dessa forma, de acordo com essa concepção de língua, é no discurso que a sintaxe ganha moldes, ou seja, “a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organizações da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva” (KENEDY & MARTELOTTA 2015, p. 16-17, § 3º).

Ainda segundo esse aspecto, Cunha *et. al.* (2015) consideram que:

Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa (CUNHA *et. al.*, 2015, p. 21, § 1º).

Nesse sentido, segundo esses autores, na análise funcionalista, ao contrário do estruturalismo, não há uma hierarquia entre os níveis sintático, morfológico, fonológico e pragmático. Tais níveis são concebidos como interdependentes, ou seja, se organizam e se inter-relacionam de forma conjunta nas diversas situações comunicativas em que são expostos.

Desse modo, a partir do que foi apresentado anteriormente, fica evidente que a abordagem funcionalista difere da linguística estrutural, uma vez que põe em evidência

¹⁴ Segundo Kenedy & Martelotta (*apud* OLIVEIRA, 2012, p. 22, §1º), o Círculo Linguístico de Praga, o qual se caracterizou por desenvolver, em um primeiro momento, estudos da lógica interna do sistema linguístico, posteriormente diferenciou-se das outras escolas estruturalistas, visto que começou a propor, em suas análises, a relevância da função na linguagem (KENEDY & MARTELOTTA, 2003, p.17-18, §2º). Assim, passou a observar “o uso das expressões linguísticas na interação verbal” (NEVES, 1997, p. 16, §1º).

a função e não a forma da linguagem. Assim, a função ganha destaque diante da sintaxe, uma vez que sua “estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema” (CUNHA *et al.*, 2015, p. 21, § 1º).

Outro fator importante a se destacar sobre esse assunto é que “dentro do quadro da linguística funcional, existem vários fenômenos associados aos processos de regularização do uso da língua” (KENEDY & MARTELOTTA 2015, p.41, § 4º). Tais fenômenos, portanto, evidenciam o aspecto dinâmico da linguagem que é moldada pelo tipo de situação comunicativa em que é empregada. Um exemplo claro de fenômeno funcional é a gramaticalização, entendida como um mecanismo de variação e mudança linguística “comum a todas as línguas” (GONÇALVES *et. al.* 2007, § 2º).

Na próxima seção, apresentaremos a perspectiva decorrente da definição tradicional da gramaticalização proposta por Meillet (1912) e as contribuições de outros autores sobre essa concepção ao longo do tempo.

2.2. Abordagem tradicional da gramaticalização

Como já visto anteriormente, a abordagem da gramaticalização tradicional é tida como um mecanismo de mudança linguística em que, segundo Gonçalves *et al.* (2007, p.15, § 1º), “novas formas são criadas para funções já existentes e/ou novas funções são atribuídas às formas que já existem”, sendo possível, dessa maneira, estabelecer certa regularidade nas diferentes mudanças identificadas.

Datada no séc. X na China, mas só ganhando destaque nos estudos linguísticos no séc. XX, a gramaticalização foi postulada por Meillet em 1912 como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912, p.131, § 2º). Assim, segundo esse mesmo autor, um item lexical passaria a um elemento gramatical.

Como forma de exemplificação do que Meillet (1912) considera categorias gramaticais, segue, no quadro a seguir, retirado de RADFORD (1997, *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 25, § 1º), a distribuição das classificações gramaticais dos elementos da língua em categorias lexicais e funcionais:

Quadro 9 - Distribuição das categorias gramaticais em categorias lexicais e categorias funcionais
RADFORD (1997 apud, OLIVEIRA, 2012, p. 25, § 1º)

CATEGORIAS GRAMATICAIS	
Categories lexicais	Categories funcionais
Nomes	Flexão
Verbos	Auxiliares
Adjetivos	Determinantes
Advérbios	Negação
Preposições	Complementizadores

Como podemos observar, segundo o quadro anterior, os primeiros itens elencados por Meillet (1912) são os nomes, verbos, adjetivos, advérbios e preposições. Tais elementos possuem conteúdo lexical e, por isso, são tidos como palavras autônomas. Já os itens funcionais elencados por esse mesmo autor são as flexões, auxiliares, determinantes, negação e os complementizadores e correspondem às categorias gramaticais exercidas pelos elementos menos autônomos chamados de gramaticais.

Contudo, Meillet (1912) ainda faz distinção, segundo Gonçalves *et al.* (2007), de três classes de palavras, a saber: “as principais (nomes, adjetivos, verbos e complementos circunstanciais), as acessórias¹⁵ e as gramaticais (preposições, conjunções e auxiliares)” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 21, § 2º). A partir de tal distinção, ainda segundo os autores, Meillet (1912) concentra seus estudos sobre gramaticalização na perspectiva diacrônica, pois sua maior preocupação é demonstrar que a fonte primária de uma forma gramatical é uma palavra lexical e que essa transição se dá numa espécie de *continuum* MEILLET (1912, *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 25, § 2º).

Gonçalves *et al.* (2007) observam que, apesar de Meillet (1912) ter destacado os estudos sobre a gramaticalização por meio da perspectiva diacrônica, tal processo começou a ser concebido também, ao longo do tempo, como paradigma, processo sob a perspectiva sincrônica e sob a perspectiva panocrônica.¹⁶

¹⁵ Meillet (1912) não especifica quais são as palavras acessórias.

¹⁶ A gramaticalização vista como paradigma pressupõe que o pesquisador focalize a maneira como as formas gramaticais e construções surgem na língua. Já como processo, o estudo se volta para a identificação e a análise dos itens que se tornam mais gramaticais. O olhar sincrônico sobre a gramaticalização destaca a relevância de se identificarem os graus de gramaticalidade de uma forma desenvolvidos em decorrência de deslizamentos funcionais sofridos por meio de um enfoque discursivo-

É importante ressaltar que Meillet (2012) considera que a motivação para a gramaticalização se encontra na necessidade que os falantes têm de buscar na língua maneiras de designar ideias já conhecidas, uma vez que os itens recorrentes na língua vão perdendo sua “força expressiva” e necessitam ser renovados. Todavia, podemos notar que o autor, apesar de reconhecer as necessidades comunicativas como fator motivador da mudança, toma o processo de gramaticalização como uma mudança estritamente categorial.

Desse modo, Heine *et al.* (1991) e Hopper e Traugott (2008 [1993]) passaram a defender, posteriormente, que a mudança linguística poderia partir de um elemento gramatical para outro mais gramatical, destacando, assim, questões de ordem pragmática e/ou discursiva subjacentes ao processo de gramaticalização. Nas palavras de Gonçalves *et al.* (2007, p.20, § 1º):

[...] palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos) podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares etc.), as quais, em momento posterior, podem vir até mesmo a se tornar afixos (GONÇALVES *et al.*, 2007, p.20, § 1º).

Assim, Gonçalves (2007) compartilha da ideia de gramática emergente (HOPPER, 1987), que diz respeito a uma gramática que leva em consideração as necessidades comunicativas dos falantes, ou seja, uma gramática aberta e, conseqüentemente, passível de mudança, seja ela [lexical] > [gramatical] ou [gramatical] > [+ gramatical]¹⁷. A partir desse pressuposto, ao longo de nosso trabalho, abordaremos o conceito de gramaticalização como paradigma (que se preocupa em focalizar a maneira como formas gramaticais surgem e são usadas) e como processo (que identifica e analisa os itens que se tornam mais gramaticais) (GONÇALVES, 2007).

Lehmann (1995 [1982]), por sua vez, argumenta que a mudança linguística ocorre em contextos de polissemia, definindo, assim, a gramaticalização como um

pragmático. Por fim, a perspectiva pancrônica defende a conjugação das perspectivas diacrônica e sincrônica (OLIVEIRA, 2012, p.25-26, § 3º).

¹⁷ Sobre o caráter contínuo da gramaticalização, muitos estudiosos defenderam que este seguiria um caminho unidirecional. O princípio da unidirecionalidade é tido “como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (NEVES, 1997, p. 121). Contudo, de acordo com Campbell (2001 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 38), não há um consenso entre os teóricos acerca de tal princípio. Como veremos, a seguir, Hopper e Traugott (2008 [1993]) defendem que a unidirecionalidade é uma hipótese passível de verificação empírica. Já Heine *et al.* (1991) pensam ser essa uma propriedade definidora do processo de gramaticalização em si (OLIVEIRA, 2012, p.28, § 1).

processo que transforma lexemas em formativos gramaticais e formativos gramaticais em mais gramaticais ainda. Desse modo, o grau de gramaticalização de tais itens, segundo o autor, é inversamente proporcional à sua autonomia, pois quanto mais gramaticalizado um item estiver, menos autônomo ele será. Neste sentido, o autor estabelece critérios que avaliam a gramaticalização sincronicamente: **peso** – quanto maior a proeminência de um item dentro de um sintagma maior será sua autonomia; **coesão** – a autonomia é menor à medida em que um signo contrai relações com outros signos; **variabilidade** – quanto maior a mobilidade de um item, maior é sua autonomia.¹⁸

Para Lehmann (1995 [1982]), os parâmetros anteriormente mencionados (peso, coesão e variabilidade) representam propriedades de signos que, segundo o autor, são variáveis de acordo com cada estágio de gramaticalização em que o signo se encontra. Desse modo, Heine (1993) estabelece quatro tipos de estágio em que os conceitos gramaticais estão relacionados: dessemantização, decategorização, cliticização e erosão.

- **Dessemantização:** processo através do qual, em contextos específicos, um item lexical é esvaziado de seu sentido lexical e adquire função gramatical. No início do processo, o sujeito é humano, o verbo expressa conceito lexical e o complemento, um objeto concreto ou lugar. Em seguida, o complemento passa a designar situações dinâmicas, e, por fim, o sujeito não mais é associado com referentes humanos, e o verbo adquire uma função gramatical (HEINE, 1993 *apud* SOUSA, 2011, p. 54 § 2°).
- **Decategorização:** as formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e características sintáticas de categorias plenas como nomes e verbos e passam a assumir características de categorias secundárias como adjetivos, particípios, preposições, etc. Com a mudança de contexto lexical para gramatical, o verbo perde suas propriedades verbais, como a possibilidade de ser negado separadamente e ocorrer em outras posições na sentença; e o complemento, suas propriedades nominais, como sua marca infinitiva (HEINE, 1993 *apud* SOUSA, 2011, p. 54 § 2°).
- **Cliticização:** com a perda de conteúdo lexical, o verbo predicador se desenvolve para um “operador” e seu complemento assume a função de verbo independente (HEINE, 1993 *apud* SOUSA, 2011, p. 54 § 2°).
- **Erosão:** o verbo, que tinha forma fonológica plena, tende a sofrer erosão, perdendo a capacidade de marcar tom e stress distintivos (HEINE, 1993 *apud* SOUSA, 2011, p. 57-58, § 2°).

Por fim, para identificar o processo de gramaticalização em estágios menos avançados e classificar as construções estudadas em mais ou menos gramaticalizadas,

¹⁸ É importante ressaltar que, para Lehmann (1995 [1982]), os parâmetros (peso, coesão e variabilidade nos eixos sintagmático e paradigmático) não representam processos, mas propriedades de signos. Isso significa que os parâmetros não identificam a gramaticalização e, sim, a autonomia ou o *grau de gramaticalidade* de um signo. (FERNANDES, 2012, p. 75, § 2°).

Hopper (1991) propõe um conjunto de parâmetros, a saber: a estratificação, a divergência, a especialização, a persistência e a decategorização.

Assim, segundo o autor, a **estratificação** consiste no surgimento de novas camadas que estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas, ou seja, ao surgirem novas formas funcionais a substituição das equivalentes preexistente não é imediata ocasionando, assim, uma variação linguística.

A **divergência** é o processo pelo qual a unidade lexical que dá origem ao processo da gramaticalização pode manter suas propriedades oriundas ocasionando, assim, diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item.

Por outro lado, a **especialização** resulta da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, em outras palavras, a especialização relaciona-se ao estreitamento de opções para codificar determinada função.

Por sua vez, a **persistência** nada mais é que a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada.

E, por fim, a **decategorização** remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva.

Nesse sentido, pretendemos demonstrar que o verbo “andar” se encontra no estágio de dessemantização, uma vez que, como veremos mais adiante em nossa análise de dados, seguido de outro verbo na forma de gerúndio, tal verbo deixa de expressar parte de seu conceito lexical e seu complemento¹⁹ não indica lugar, mas sim uma situação dinâmica. Assim, defendemos que este mesmo verbo, ao se gramaticalizar e, portanto, passar de um estatuto lexical a outro gramatical, traz consigo alguns traços de seu sentido original, se enquadrando, dessa maneira, no parâmetro denominado por Hopper (1991) de persistência.

Acreditamos, também, que o verbo “andar” seguido de outro verbo na forma de gerúndio se encontra no estágio de decategorização, uma vez que não atua mais como verbo pleno e passa a exercer uma função de verbo semi-auxiliar perdendo, dessa forma, parte de suas propriedades verbais, já que não pode ser negado separadamente nem ocorrer em outra posição na sentença.

Desse modo, a partir do que foi exposto até o presente momento, podemos perceber que a gramaticalização consiste em um processo que tem como objetivo a

¹⁹ Nomenclatura de complemento conforme BORBA (2002).

“regularização do uso da língua” (KENEDY & MARTELOTTA 2015, p.41, § 4º), ligado diretamente à variação e à mudança linguística motivada.

Podemos perceber, portanto, que a gramaticalização tradicional está diretamente ligada à variação e à mudança linguística motivada, segundo Heine (2003, p.578§ 2º), pelo estabelecimento de uma comunicação bem sucedida. Todavia, apesar dos esforços desses últimos autores citados de se destacarem as necessidades comunicativas como um fator que motivaria a mudança linguística, percebemos que o estudo do fenômeno ainda está centrado na mudança categorial.

Neste sentido, Traugott e Dasher (2005), propõe a gramaticalização como um fenômeno de (inter)subjativização, ou seja, um processo gradiente e variável. Segundo os autores, tal fenômeno exige inferências e funções discursivas complexas, as quais são adquiridas pelos falantes por meio de inferenciação.

Segundo os autores, a gramaticalização enquanto (inter)subjativização envolve uma reanálise dos sentidos pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor, caracterizando-se, portanto, como um processo de semanticização que exige que os novos significados (inter)subjativos sejam convencionalmente codificados, resultando em um novo par forma-sentido (DAVIDSE, VANDELANOTTE & CUYCKENS, 2010, p.4, § 2)

Dois processos estão ligados diretamente à esta nova perspectiva da gramaticalização, são eles: a sbjetivização e a intersbeivização.

Segundo TRAUGOTT & DASHER (2005), a subjativização é o processo natural em que os falantes, ao longo do tempo, desenvolvem significados que codificam ou externalizam suas perspectivas e atitudes a partir do evento de fala. Nas palavras de Finegan (1995):

O termo subjatividade possui um grupo de significados, nem tão antigos, nem tão bem estudados como conteúdo da gramática, mas centrais para visões emergentes do discurso – para a interseção da estrutura da língua e do uso da língua na expressão do *eu*. A subjatividade se preocupa com o envolvimento de um agente ilocucionário no discurso, e o efeito deste envolvimento no molde formal do discurso – em outras palavras, na expressão linguística do *eu*. (FINEGAN, 1995, p. 1, § 2)

Percebemos, portanto, que o autor destaca a importância da interseção da estrutura da língua com a expressão do *eu* nos estudos da língua.

A intersubjetivização, por sua vez, está ligada ao *self*²⁰ do interlocutor, dessa forma esse processo é a mudança resultante do desenvolvimento de significados que exprimem sentido epistêmico e social. Goffman (1980, p.76-77), afirma que a intersubjetivização corresponde a um valor social positivo requerido pelo falante no momento da interação, os quais expressam sua visão e avaliação da situação e dos participantes. Assim, ma vez entendido que todo processamento linguístico passa pelo interlocutor, é necessário considerá-lo nesse processo.

Baseando-nos no que foi exposto, defendemos que o verbo “andar”, na língua portuguesa, passou por um processo de (inter)subjetivização no desenvolvimento de novos usos, os quais, em contextos específicos, através da ritualização, foram incorporados à gramática da língua, sendo, portanto, gramaticalizados.

2.3. Princípio e mecanismos da gramaticalização

Heine (1991), Lehmann (1995 [1982]) e outros pesquisadores da gramaticalização, preocupados em explicar uma dada regularidade do fenômeno, apresentam, além dos princípios e parâmetros já mencionados, mecanismos que esclarecem o modo como a gramaticalização efetivamente ocorre, segundo postula a teoria tradicional. Assim, na próxima subseção serão expostos alguns desses mecanismos, no sentido de elucidar como cada um deles atua no processo em questão.

2.3.1. Metáfora

Heine *et al* (1991) defendem que a gramaticalização é caracterizada como um fenômeno de ordem linguística, que, por sua vez, é motivada cognitivamente. Desse modo, o autor sugere que tal fenômeno tenha motivação na manipulação de conceitos cognitivos como a metáfora. Nesse sentido, Heine *et al.* (1991) defendem que a gramaticalização seja “uma atividade cognitiva mapeada na estrutura da língua” (Heine *et al.* 1991, p. 259, § 1°). Uma vez aceita essa ideia de que a língua se estrutura através

²⁰ Segundo Goffman (1956,1961, *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 32), *self* não corresponde a uma propriedade da pessoa ou a uma dimensão psicológica interna ao indivíduo, mas sim ao resultado de um processo interacional, o qual se caracteriza pelo controle social exercido tanto pelo indivíduo quanto pelas pessoas que o cercam.

de mapeamentos cognitivos, tais manipulações conceituais ocasionam, segundo os autores, uma transferência do plano semântico para o plano gramatical.

Os estudos sobre a metáfora, por sua vez, ganharam uma abordagem cognitivista da linguagem a partir do estudo de Lakoff e Johnson (1980), segundo o qual se compreende que este processo é um fenômeno ligado à formação do sistema conceitual humano. Nas palavras dos autores:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são somente problemas do intelecto. Eles também governam o funcionamento da rotina. Os conceitos estruturam a nossa concepção das coisas do mundo e nossas relações com as outras pessoas. Nosso sistema conceitual, portanto, exerce um papel central na definição da nossa realidade. Se nós estamos certos ao afirmar que o nosso sistema conceitual é altamente metafórico, então a forma como pensamos, a experiência e a rotina são problemas de metáfora LAKOFF & JOHNSON (1980, *apud* ORRICO, 2017, p. 106, § 4º).

Neste sentido, como podemos perceber, os autores advogam que a metáfora, muito além de ser um recurso retórico e poético, ou seja, usada apenas como figura de linguagem, se constitui também como suporte para a constituição dos conceitos e categorias da língua.

Assim, Heine *et al.* (1991) evidenciam que a metáfora é motivada pragmaticamente passando, assim, a gerar uma função gramatical. Os autores destacam que, através desse mecanismo, novos contextos são operados por predicções já existentes através da expansão de seus significados.

Taylor (1989), em “Linguistic categorization”, também apresenta a visão da metáfora como mecanismo de constituição da linguagem propondo que tal mecanismo categoriza entidades linguísticas e não-linguísticas. O autor ainda destaca que este mecanismo é a conceptualização dos meios mais abstratos da experiência em termos mais concretos. Assim, as relações metafóricas são entendidas como um mapeamento de um domínio, mais concreto, em termos de outro, mais abstrato. Desse modo, as experiências abstratas são codificadas em termos da experiência física. Exemplo disso é a conceptualização do tempo em termos de espaço, a causa em termos de tempo, as relações abstratas em termos de processos físicos ou relações espaciais.

Desse modo, os autores citados até aqui descrevem a trajetória do processo de desenvolvimento gramatical por meio de algumas categorias básicas distribuídas de acordo com um grau de abstração crescente, a saber:

Pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Essa abstratização via metáfora, segundo Gonçalves *et al.* (2007), está relacionada ao modo “como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo que os cerca” (GONGALVES *et al.*, 2007, p. 43, § 1º). Desse modo, experiências humanas mais elementares são consideradas entidades concretas e servem de conceito-fonte para um outro conceito mais abstrato.

Ainda sobre esse assunto, Lakoff (1987) defende que o processo de abstratização via metáfora é estruturado dentro de algumas áreas da experiência por meio de esquemas de imagens básicas do corpo humano. Heine *et al.* (1991) também assumem que, no processo de gramaticalização, os conceitos fonte participam do processo de manipulação de conceitos concretos e as fontes mais básicas, segundo os autores, correspondem às partes do corpo humano. Assim, segundo estes autores, um item em gramaticalização passa pelo processo de mudança semântica em que ocorre perda de conteúdo semântico e um ganho de conteúdo gramatical. Essa mudança, segundo os autores, é motivada pela metáfora.

Neves (1997) também advoga que a metáfora se configura como sendo centro motivador do processo de gramaticalização, uma vez que possibilita uma extensão de espaço e tempo para o texto, ou seja, segundo a autora, através da metáfora, é possível “prever que elementos espaciais, além de poder passar à expressão de tempo, ainda possam passar à organização do universo discursivo” (NEVES, 1997, p. 137, § 1º).

Defendemos, ao longo deste trabalho, que a construção “andar + gerúndio”, em algum momento, sofreu um processo de metaforização, uma vez que deixou de indicar uma noção mais concreta como a de deslocamento físico para indicar uma noção mais abstrata de atualizadora de aspecto.

2.3.2. Metonímia

Segundo Heine *et al.* (1991), a metonímia é um processo cognitivo que depende fortemente do contexto linguístico e extralinguístico, podendo, dessa forma,

desencadear uma reanálise estrutural através de substituição que o falante faz para exemplificar algo característico. Assim, a metonímia nada mais é do que uma reinterpretação possibilitada pelo contexto, ou seja, o manejo discursivo-pragmático dos conceitos sujeitos a fatores contextuais na interpretação dos diversos contextos enunciativos.

Ainda a esse respeito, Gonçalves (2007) afirma que tal mecanismo semântico opera na inter-relação sintática dos constituintes, uma vez que evidencia significados que estão implícitos. Assim, segundo o autor, a metonímia opera no eixo sintagmático, especificando um significado em termos de outro que está presente no contexto, ainda que de forma não explícita, envolvendo, assim, implicaturas conversacionais.

Em se tratando de cognição, Barcelona (2000 apud TRAUGOTT & DASHER, 2005, p. 29, § 3) afirma que a metonímia constitui um mecanismo de reanálise semântica mais basilar do que a metáfora. Stern (1968, [1931], p. 350 apud TRAUGOTT & DASHER, 2005, p. 29, § 2), por sua vez, pontua que a noção de metonímia diz respeito à “apreensão subjetiva do referente”, ou seja, tal mecanismo seria uma associação conceptual. Já Anttila (1989 [1972] apud HOPPER & TRAUGOTT 2008 [1993], p. 88, § 2) sugere que a “metonímia é uma transferência semântica através da contiguidade e da indexalidade”.

Acreditamos que seja por meio de tal processo de inferenciação que os diferentes usos de “andar” surgiram na língua. Diante das necessidades comunicativas, os falantes foram inovando o uso de “andar”, sendo possível a compreensão dos sentidos emergentes devido à projeção de traços semânticos que possibilitaram a interpretação dos novos usos.

2.3.3. Analogia e reanálise

A reanálise e a analogia são dois mecanismos que afetam a estrutura da língua. Tais mecanismos são subjacentes à metáfora e à metonímia, respectivamente, e são considerados significativos principalmente para mudanças morfossintáticas.

Sobre a analogia, Bybee (2016) argumenta que tal representação mental “é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias” (BYBEE, 2016, p. 27, § 2º).

Assim, segundo a autora, criamos novos enunciados a partir de enunciados já existentes através do mecanismo da analogia que, por sua vez, é um processamento cognitivo que dá criatividade e produtividade às estruturas linguísticas. Nas palavras da autora:

Analogia se refere ao processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção. Dada a especificidade das construções e o modo como elas são formadas por meio da experiência com a língua, a probabilidade e a aceitabilidade de um novo item são gradientes e se baseiam na extensão de similaridades com usos antigos da construção (BYBEE, 2016, p. 99, § 1°).

Desse modo, como podemos perceber, o estabelecimento do processo da analogia na língua, segundo a autora, depende diretamente da similaridade e da gradiência dos itens linguísticos.

De acordo com Hopper e Traugott (1993), a reanálise, por sua vez, acontece através da perda das fronteiras morfológicas de duas ou mais formas e sua conseqüente fusão, em que os constituintes são redelimitados para diferentes categorias semântico-pragmáticas. Assim, um item que sofre reanálise, ao ganhar novas nuances de significados, sofre também uma mudança categorial.

Demonstraremos, ao longo deste trabalho, que o verbo “andar” passa pelo processo de reanálise, uma vez que deixa de fazer parte apenas da categoria de verbo pleno para fazer parte também da categoria dos verbos semi-auxiliares.

Podemos perceber, portanto, que a gramaticalização está diretamente ligada à variação e à mudança linguística motivada, segundo Heine (2003, p. 578 § 2°), pelo estabelecimento de uma comunicação bem-sucedida. Tal processo possui diversos mecanismos semânticos/pragmáticos para seu estabelecimento, como vimos até aqui.

A seguir, passaremos a abordar noções que se referem diretamente à categoria do verbo “andar” com o intuito de entender melhor as peculiaridades observadas do item em questão que constitui nosso objeto de estudo.

2.4. O verbo “andar” e a noção de auxiliaridade

Como já visto anteriormente, verbos auxiliares são elementos que passaram pelo processo de gramaticalização, pois deixaram de desempenhar papel de verbo pleno, ou seja, deixaram de atribuir papel temático e de expressarem ações, fatos, fenômenos ou estados para funcionarem como marcadores de categorias verbais. Segundo Castilho

(2010), no fenômeno de gramaticalização de verbos ocorre o seguinte caminho de mudança:

Quadro 11 - Caminho de mudança dos verbos em gramaticalização (CASTILHO, 2010, p. 397, § 1º)

Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar

Neste sentido, na escala evolutiva de gramaticalização dos verbos segundo Castilho (2010), tal item pode, primeiramente se configurar como pleno e funcional para depois se tornar auxiliar.²¹ A seguir, passamos a apresentar as características de cada tipo verbal apontado por Castilho (2010).

De acordo com Castilho (2010, p. 397, § 2º), “verbos plenos são os que funcionam com os núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papel temático”. Portanto, desse modo, o verbo “andar”, enquanto núcleo do predicado, é categorizado como pleno constituído por apenas um sintagma nominal. Assim, ocorrências com “andar” pleno apresentam uma interpretação semântica de movimento físico e, conseqüentemente, temporal.

Por sua vez, o verbo funcional substitui o complemento verbal por outros tipos de estruturas. Desse modo, segundo Castilho (2010), no processo de gramaticalização, o ponto seguinte aos verbos plenos é ocupado pelos verbos funcionais:

Verbos funcionais são os que transferem esse papel aos constituintes à sua direita, geralmente sintagmas nominais, sintagmas adjetivais, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais, reduzindo-se a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas (...) (CASTILHO, 2010, p. 397, § 3º).

Neste sentido, o verbo “andar” sofre uma reanálise e deixa de ser verbo pleno, passa a ser verbo funcional estativo e, assim, não mais opera como núcleo do predicado, função essa que se desloca para o termo adjacente à sua direita, que pode ser constituído por estruturas locativas, modais ou atributivas, organizadas por esse verbo. Portanto,

²¹ É importante ressaltar que a escala reproduzida por Castilho (2010) não designa uma seqüência obrigatória de um percurso, mas apenas indica pontos possíveis pelos quais pode passar um verbo em processo de gramaticalização (FERNANDES, 2012, p. 92, § 3º). Outro fato importante a se destacar é que, apesar de Castilho (2010) utilizar a nomenclatura “auxiliar” para descrever verbos que se encontram em um estágio mais avançado de gramaticalização, em nossa pesquisa, nos referiremos a este tipo de verbo como “semi-auxiliar” conforme foi explicado no capítulo 1 desta pesquisa.

Castilho (2010) argumenta que, na passagem de verbo pleno à funcional, tal elemento é seguido por uma minissentença.

Por fim, Castilho (2010) afirma que as estruturas formadas por verbos auxiliares seguidas de verbo pleno em formas nominais surgem a partir de estruturas formadas por verbo funcional seguido de sintagma nominal, sintagma adjetival ou sintagma adverbial, dando origem, assim, a um verbo auxiliar acompanhado de infinitivo, particípio ou gerúndio. Nas palavras do autor:

Verbos auxiliares são os que desempenham papel semelhante ao dos verbos funcionais, com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma nominal, aos quais os auxiliares atribuem categorias de pessoa, número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo (CASTILHO, 2010, p. 398, § 1º).

Tal configuração do verbo “andar” vai ao encontro com o estágio denominado por Heine (1993) como dessemantização, que consiste em um processo através do qual, em contextos específicos, um item lexical é esvaziado de seu sentido lexical e adquire função gramatical. A seguir, passaremos a abordar os critérios estabelecidos por alguns autores que servem como base para a identificação da categoria do verbo auxiliar na língua.

2.4.1. Critérios de auxiliaridade dos verbos

Como vimos anteriormente, os verbos, ao sofrerem o processo de gramaticalização, podem percorrer o caminho estabelecido por Castilho (2010), que vai de uma classe plena passando por *status* funcional até chegar, por fim, à uma categoria auxiliar.

Lehmann (1995 [1982]), por sua vez, estabelece um critério de conexão ou conexão sintagmática entre os elementos que estão no processo de gramaticalização. Segundo este autor:

é a intimidade com que ele [um signo] é conectado a outro signo, com o qual sustenta uma relação sintagmática. O grau de conexão de um signo varia da justaposição até a fusão, em proporção com o seu grau de gramaticalidade. (LEHMANN, 1982, p. 147-148, § 4º).

Desse modo, o autor considera que relações sintagmáticas mais frouxas entre os elementos apontam para um menor grau de gramaticalidade, enquanto relações mais

estreitas apontam para um maior grau deste mesmo processo. A partir dessa consideração, portanto, é possível identificar as mudanças sintáticas que ocorrerem em dadas estruturas que sofrem o processo em questão.

Para comprovar a hipótese de que o verbo “andar” seguido por outro verbo no gerúndio não está totalmente gramaticalizado, torna-se necessário nesta subseção abordar os demais critérios de auxiliaridade elencados por outros estudiosos da linguagem. Desse modo, a seguir, elencamos os critérios e características de auxiliaridade propostos por Longo (1990) e Heine (1993)²²:

- **Critérios e características de auxiliaridade propostos por Heine (1993):**

- (i) Auxiliares são expressões que exprimem uma pequena gama de domínios conceituais, tais como tempo, aspecto e modalidade.
- (ii) Auxiliares formam um conjunto fechado de unidades linguísticas.
- (iii) Os auxiliares não são unidades claramente lexicais nem gramaticais podendo, desse modo, ocorrer como verbos principais.
- (iv) Mesmo tendo propriedades verbais, os verbos auxiliares mostram um comportamento verbal reduzido.
- (v) Eles não podem ser predicado principal, ou seja, eles não selecionam os argumentos internos e externos da oração.
- (vi) Eles tendem a ser cliticizáveis ou são necessariamente clíticos.
- (vii) Eles são responsáveis pela informação morfológica do predicador principal, como flexão de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade, negação, concordância.
- (viii) Verbos auxiliares não podem ser nominalizados.
- (ix) Eles tendem a ocorrer em uma ordem fixa ou em uma posição fixa na oração.
- (x) Na presença do auxiliar, o verbo principal tende a aparecer numa forma não finita, frequentemente carregando em si algum elemento morfológico como uma nominalização, marca de infinitivo, gerúndio ou particípio podendo, ainda, estar associado com alguma morfologia locativa.

- **Critérios de auxiliaridade apresentados por Longo (1990)**

²² É importante ressaltar que, em nosso trabalho, elencamos somente os critérios estabelecidos por Longo (1990) e Heine (1990) que julgamos serem pertinentes para nossa pesquisa.

- (i) Apassivização: o verbo é auxiliar quando a transformação de uma frase ativa em passiva o inclui na mudança estrutural.
- (ii) Incidência da negação: a negação deve incidir sobre o grupo verbal e não entre ele.
- (iii) Incidência de circunstante temporal: o circunstante deve incidir sobre o complexo unitário AUX + VERBO.
- (iv) Pronominalização: a forma nominal do auxiliar não pode ser substituído por um pronome.
- (v) Impossibilidade de inserção de mais de um sujeito: a perífrase verbal deve comportar apenas um sujeito.
- (vi) Detematização: o auxiliar perde a propriedade de atribuir funções semânticas.

Podemos perceber que tanto Longo (1990) quanto Heine (1993) estabeleceram os critérios elencados anteriormente a partir de generalizações feitas por meio de suas observações. Desse modo, é necessário ressaltar que a aplicação de cada um desses critérios nem sempre é imediata, podendo ser contestada a depender da língua e do fenômeno investigado. Portanto, “o emprego dos critérios deve ser feito de modo a identificar sua possibilidade e não sua ocorrência efetiva” (FERNANDES, 2012, p. 40, § 3º).

Assim, tendo em vista as devidas considerações, acreditamos que tais critérios sejam bons instrumentos para medir o grau de gramaticalidade de perífrases, uma vez que, indicam quão coesa é uma perífrase verbal.

A seguir, passamos a abordar, especificamente, o verbo “andar” como verbo semi-auxiliar, pois acreditamos que tal construção tem a função de atualizar o aspecto da sentença em que se encontra. Neste sentido, torna-se necessário abordar pontualmente a noção de aspecto tratado por Castilho (1968), Travaglia (1985) e Ilari/Basso (2008) para que possamos entender melhor como essa atualização aspectual feita pelo verbo em estudo se estabelece.

2.5. A perífrase “andar + gerúndio” e sua atualização de aspecto

Castilho (1968), ao apresentar o histórico dos estudos das noções aspectuais, revela que desde o século IX e XVIII, Varrão e Georg Curtius, respectivamente, já atentavam para noções não temporais em suas línguas. Assim, na concepção do autor:

O aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as fases que ele pode compreender. (CASTILHO, 2002, p. 83, § 3).

Ilari/Basso (2008) apontam que aspecto:

[...] não tem nada de dêitico, expressa ao contrário uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisa expresso pelo verbo segundo uma perspectiva (na palavra *aspecto* está presente a raiz indo-européia *spek*, a mesma que encontramos em *perspectiva*) que permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases. (ILARI/BASSO, 2008, p. 167, §2).

Travaglia (1985), por sua vez, faz um levantamento do que já foi dito sobre esse assunto nas gramáticas tradicionais do português. Através de sua pesquisa, o autor pôde constatar que, no que se refere a essa categoria, o que se encontra “é uma superposição ao português de quadros aspectuais criados por estudiosos de outras línguas onde suas noções não são definidas claramente dentro dos estudos normativos sendo, por vezes, apenas nomeadas.” (TRAVAGLIA, 1985, p. 27, § 3º).

Outro fato apontado pelo autor é que a referência ao aspecto realizada pelos estudiosos é feita através de duas maneiras: diretamente, ou seja, a categoria em questão é tratada de forma explícita, buscando especificar sua categoria e elaborar um quadro aspectual; e indiretamente, onde não há referência do mesmo, mas sim de noções que são nitidamente aspectuais.

Desse modo, ao fim de seu levantamento, o autor conclui que a categoria de aspecto, salvo algumas exceções, recebe pouca relevância nos estudos do verbo no português criando, assim, “uma lacuna na descrição do sistema verbal do português” (TRAVAGLIA, 1985, p. 21, § 1º). Diante desse quadro, o autor propõe uma definição da categoria de aspecto estabelecendo, assim, dois quadros: o quadro das noções aspectuais que são expressas no português e outro quadro correspondente ao aspecto propriamente dito.

Antes de conceituar o aspecto verbal, Travaglia (1985) nos chama atenção para dois fatos dessa categoria em questão. A primeira delas é a de que, embora o aspecto esteja localizado no verbo, este sofre influência dos demais elementos presentes na frase

e seu estudo requer um tratamento de sua relação com tais elementos, exigindo, assim, esquematização e posicionamento sobre os mesmos.

O segundo fato apontado pelo autor sobre o aspecto se refere a sua dependência do contexto não só linguístico, mas também extralinguístico. Isso se dá porque, como afirma Travaglia (1985), uma mesma frase pode ter diferentes valores aspectuais. Tal fato acontece por diversos fatores, tais como a situação em que é utilizada, o contexto linguístico em que se acha inserida, a variação de significado do verbo em questão ou mesmo a forma em que se encontra.

Dessa maneira, segundo o autor, ao se estudar o aspecto atualizado em uma frase, deve-se levar em consideração a situação tal qual ela é concebida pelo falante e apresentada na frase. Sobre esse assunto Ruipés (1954, *apud* TRAVAGLIA, 1985, p. 23, § 1º) também diz que é preciso:

[...] não mesclar sincronia e diacronia nem umas línguas e outras, pois é na subjetividade essencial da expressão linguística que faz com que se tenha de se considerar os processos sempre como são concebidos pelo falante e não como o são Ruipés (1954, *apud* TRAVAGLIA, 1985, p. 23, § 1º).

Após essas duas observações preliminares sobre o aspecto, Travaglia (1985) inicia sua conceituação do elemento em questão com a seguinte afirmação:

[...] aspecto é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”²³, pois antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização. (TRAVAGLIA, 1985, p. 5, § 3º).

Ainda sobre esse assunto, Travaglia (1985) também diz que, assim como o aspecto, o “tempo”, considerado pelo autor como uma ordem flexional, também faz parte do ramo da categoria de “TEMPO” e é, por esse motivo, que, muitas vezes, esses dois termos se confundem. No entanto, o autor esclarece a distinção entre eles declarando que a categoria de tempo é uma categoria dêitica, ou seja, “indica o momento da situação relevante à situação de enunciação. Aqui temos uma datação”

²³ Segundo Travaglia (1985) existem três sentidos básicos do termo “tempo”:

- (i) Tempo 1: categoria verbal (correspondentes às épocas: passado, presente e futuro). Remete ao termo “**tempo**”.
- (ii) Tempo 2: Flexão temporal. Se refere ao agrupamento de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, presente, imperfeito do indicativo, etc. Remete-se ao termo “**Tempo flexional**”.
- (iii) Tempo 3: É a ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase. Remete ao termo “**TEMPO**”.

(TRAVAGLIA, 1985, p.52, § 1º). Já a categoria de aspecto seria uma categoria de TEMPO interno à situação, ou seja, o aspecto indicaria as “diferentes maneiras de ver a constituição interna da situação” (COMRIE, 1976 *apud* TRAVAGLIA, 1985, p. 102, § 2º). Assim, tempo se refere a um “TEMPO externo da situação” e aspecto se refere a um “TEMPO interno da situação” (TRAVAGLIA, 1985, p52, § 2º).

Para completar a conceituação de aspecto, Travaglia (1985) nos esclarece que a categoria de aspecto também indica algo sobre o grau de desenvolvimento, ou seja, da realização da situação que é tomada, segundo o autor, através de três pontos de vista diferentes: o do desenvolvimento da ação (início, meio e fim); o do completamento da situação (situação incompleta e situação completa) e, por fim, o da realização da situação²⁴ (situação por começar, situação começada e situação acabada).

Reunindo tudo o que já foi exposto até agora nesta seção, pode-se chegar a seguinte definição da categoria de aspecto:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e / ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do complemento e o da realização (TRAVAGLIA, 1985, p. 53, § 1º).

Assim, após essa conceituação da categoria de aspecto, Travaglia (1985) passa a descrever suas noções que, segundo ele, são duas: duração e pontualidade.

Desse modo, para Travaglia (1985), a noção de duração do aspecto é contrária à noção de pontualidade por esta indicar um caso de situação cujo início e término se dão ao mesmo tempo. Ainda sobre a duração, o autor aponta que tal noção pode ser definida de diferentes maneiras.

A primeira delas é como sendo limitada, ou seja, quando a situação é sentida como tendo uma duração finita através da indicação de seu início, o valor de sua duração ou pelo seu fim. A segunda noção de duração, segundo o autor, seria a ilimitada, indicando situações consideradas como “eternas” ou sentidas como tal. A terceira noção de duração elencada por Travaglia (1985) é a contínua, que indica uma situação sem nenhuma interrupção no seu tempo de existência. Por fim, a quarta noção de duração dada pelo autor é a descontínua. Tal noção é empregada quando temos uma

²⁴ “Os termos “desenvolvimento” e “realização” da situação são utilizados, pelo autor, com significados específicos e distintos para identificar dois pontos de vista diferentes” (TRAVAGLIA, 1985, p. 53, § 1º).

situação apresentada como sofrendo interrupções na sua duração, criando, assim, a ideia de repetição, ou seja, iteração.²⁵

A segunda noção aspectual apontada por Travaglia (1985) faz referência às fases. Segundo o autor, as fases estão ligadas ao ponto de vista da realização da ação e se dividem em três: a fase em que a situação ainda não acabou, a fase em que a situação já é começada e a fase em que a situação já terminou.

Ainda sobre essa noção, Travaglia (1985) aponta que, a partir do momento em que a situação entra em realização, passamos a olhar as suas fases do ponto de vista do desenvolvimento, ou seja, através das fases de início, meio e fim. Assim, para o autor, o início de uma situação em realização recebe o nome de inepção ou inceptividade, que indica a situação no seu ponto inicial. Já a fase que indica o meio da situação em desenvolvimento, recebe o nome de cursiva e é concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos. A fase correspondente ao fim da situação em desenvolvimento, por sua vez, recebe o nome de terminativa e representa a situação em seus últimos momentos.

Prosseguindo sua descrição das noções aspectuais, Travaglia (1985) afirma que, ao estudar a categoria de aspecto, é importante se considerar determinados tipos de situações. Isso se dá, segundo o autor, pelo fato de que a combinação de diferentes tipos de situação com a mesma flexão temporal ou tipo de perífrase verbal, por exemplo, pode resultar na expressão de diferentes aspectos.

Assim, Travaglia (1985) enumera três tipos de situações. O primeiro tipo de situação apontada pelo autor é a dos verbos télicos e atélicos, em que o primeiro se refere aos verbos que indicam uma situação que necessariamente chega a um fim, e o segundo se refere aos verbos que indicam uma situação que não tende a um fim necessário. O segundo tipo de situação, por sua vez, é a situação dinâmica e estática: temos uma situação estática, segundo o autor, quando as fases da situação são idênticas e temos a situação dinâmica quando as fases da situação são diferentes, havendo, portanto, mudança de uma para outra fase. As situações dinâmicas podem ser subdivididas em dois tipos: processo - que são situações dinâmicas estendidas, que duram através do tempo, ou seja, situações dinâmicas e durativas; e eventos - que são

²⁵ A iteração possui uma ideia de hábito. Não é muito fácil explicar como uma iteração se torna habitual, mas logo pode ser dito: a) a repetição (iteração) que se torna inconsciente e automática torna-se hábito; b) no hábito a repetição parece ser mais regular, constante, não havendo falhas nas repetições da situação, daí o adj. adv. ter normalmente sentido totalizador em frases de repetição habitual; c) na iteração simples a duração descontínua é limitada, enquanto na iteração habitual a duração é ilimitada (TRAVAGLIA, 1985, p. 59, § 2º).

situações dinâmicas pontuais, momentâneas, não estimadas. E por fim, o terceiro tipo de situação elencado pelo autor é a situação referencial e a situação narrada. A situação referencial, segundo Travaglia (1985), é um estado resultante da realização anterior da situação narrada implicando o seu início ou término. Ainda sobre a situação referencial, o autor aponta que esta é uma situação cuja realização implica o prosseguimento da realização da situação narrada, cujo término é esperado por uma razão explícita ou não.

As locuções verbais são um tipo de construção que possui esse tipo de situação. Nessas construções, segundo o autor, é possível perceber que não há situação narrada e referencial simultâneas, pois neste caso, uma única situação seria referencial e narrada, não havendo porque nem como fazer a separação.

Após essa extensa descrição das noções relacionadas ao aspecto, Travaglia (1985) propõe em seu trabalho um quadro aspectual do português e enumera 14 tipos deles, a saber: durativo, indeterminado, iterativo, habitual, pontual, não-começado, não-acabado ou começado, acabado, inceptivo, cursivo, terminativo, perfectivo, imperfectivo e aspecto não atualizado. No entanto, apenas quatro desses aspectos elencados nos interessa uma vez que, nosso objetivo nesta seção é analisar como a perífrase “andar + gerúndio” age como formador de aspecto. Assim, no capítulo referente à metodologia, explicaremos melhor com quais aspectos apresentados por Travaglia (1985), trabalharemos.

2.6. Considerações

O presente capítulo teve por objetivo, a delimitação da linha teórica que sustentará nossa pesquisa. Desse modo, ancorados em uma perspectiva funcionalista da linguagem, elegemos a gramaticalização tradicional como aporte teórico ideal para a explicação dos deslizamentos funcionais observáveis por nosso objeto de estudo, o verbo “andar”.

Assim, descrevemos o processo de gramaticalização desde Meillet (1912) até os dias atuais, destacando suas principais características e processos de mudança, tais como a metáfora, metonímia, reanálise e analogia. Tal escolha metodológica se justifica pelo fato que, segundo Martelotta *et al.* (2012), a gramaticalização é um fenômeno diretamente ligado à regularização do uso da língua, ou seja, tal fenômeno se relaciona com variação e mudança linguística uma vez que, “a gramática está num

contínuo fazer-se” (MARTELOTTA E.M. *et al.*, 2012, p. 41-42, §, 3º). Além disso, levamos em consideração questões de ordem pragmática e/ou discursiva subjacentes ao processo de gramaticalização concebemos esta perspectiva como um processo (inter)subjetivo.

Assim, descrita de maneira sucinta, acreditamos que a abordagem aqui defendida dê conta de explicar o processo de gramaticalização do verbo “andar”, dentro de uma perspectiva funcionalista.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

O presente capítulo tem como objetivo a caracterização do método de investigação de nossa pesquisa e se organiza da seguinte maneira: (i) descrever os *corpora* pancrônicos que constituem nosso banco de dados para a análise do verbo “andar”, na língua portuguesa; (ii) evidenciar o método de pesquisa adotado: qualitativo e quantitativo²⁶.

3.1. Constituição dos *corpora*

Constituí objetivo de nosso estudo analisar todas as ocorrências do verbo “andar” encontradas em nossos *corpora*, em especial, as ocorrências de “andar” seguidas de gerúndio definidas como perífrase verbal marcadora do aspecto, como demonstraremos na análise. A escolha desse verbo foi motivada por uma observação inicial de exemplos seguida pela comprovação da análise do século XIX, de que, este verbo, apesar de inicialmente codificar um sentido de deslocamento físico, também pode codificar uma noção mais abstrata de atualização aspectual, conforme demonstraremos no capítulo de análise dos dados.

Assim, descreveremos a constituição dos *corpora* pancrônicos que constituem nosso banco de dados para a análise do verbo “andar” seguido de gerúndio na língua portuguesa, bem como o método de pesquisa adotado, o qual, apesar de ser, primordialmente, qualitativo, também verifica a frequência de uso do fenômeno em questão.

Como já visto anteriormente, Meillet (1912), em seus primeiros estudos sobre gramaticalização, estava preocupado em explicar como as formas gramaticais surgem e são utilizadas na língua. Dessa forma, o autor atribuiu um caráter essencialmente diacrônico à análise da mudança linguística em seus trabalhos. No entanto, Gonçalves *et al.* (2007) advogam que, com o desenvolvimento de trabalhos em gramaticalização, tal

²⁶ Utilizaremos a análise quantitativa apenas como suporte.

abordagem ganhou um novo olhar, deixando de ser considerada apenas como paradigma e passando a ser considerada como sincrônica, ou seja, os graus de gramaticalidade de uma forma passaram a ser observados através da identificação de deslizamentos funcionais sofridos por meio de um enfoque discursivo-pragmático.

Neste sentido, comungamos ainda com Neves (1997), embasada em Burridge (1993), a qual defende que a pancronia corresponde a uma análise ideal para os estudos sobre a gramaticalização, uma vez que possibilita o alinhamento entre o sistema linguístico e as questões discursivo-pragmáticas.

Ainda sobre esse assunto, Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999) afirmam que os estudos funcionalistas estão consolidando a pancronia, principalmente em se tratando de gramaticalização. Desse modo, além de se investigarem as construções gramaticais enquanto um fenômeno discursivo-pragmático, ou seja, além de se observarem os diferentes estágios linguísticos, realiza-se, também, um exame sobre a origem e sobre a trajetória dessas construções através da verificação da incorporação da mudança na gramática.

Portanto, nesta pesquisa, desenvolvemos uma análise pancrônica, que identifica e descreve os diferentes usos funcionais encontrados para o verbo “andar” no português contemporâneo, aprofundando-nos mais especificamente na construção “andar + gerúndio”, a fim elucidar, com maior propriedade, quais usos seriam historicamente anteriores e, portanto, mais basilares desse verbo em questão.

3.1.1 Constituição dos *corpora* pancrônico

Os dados pancrônicos utilizados em nossa pesquisa são constituídos por três *corpora* distintos, a saber: séculos XIX, XX e XXI. O *corpus* referente ao século XXI é dividido entre a modalidade oral (composto por entrevistas) e a modalidade escrita (formado por textos retirados de *blogs* e revistas, disponíveis na *Internet*²⁷). O *corpus* do século XX também é dividido entre a modalidade oral (amostras da década de 1990 do projeto NURC/RJ) e escrita (textos disponibilizados pelo *site* “Hemeroteca digital

²⁷ Tanto o *corpus* do século XXI oral quanto o *corpus* do século XIX foram elaborados por bolsistas de graduação da UFJF integrantes do “projeto de pesquisa em gramaticalização”, coordenado pela Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda. Já o *corpus* do século XXI escrito, foi elaborado e utilizado por Oliveira (2012) em seu estudo sobre o verbo “esperar”.

brasileira”). Já o *corpus* do século XIX, é formado apenas por textos escritos do português do Brasil (doravante também PB)²⁸.

Assim, o *corpus* panocrônico utilizado em nossa pesquisa foi elaborado seguindo as diretrizes apontadas por Vitral (2006), segundo o qual, cada *corpus* que constitui a amostra deve:

- (i) possuir um recorte do mesmo número de palavras, mesmo que aproximadamente;
- (ii) apresentar uma diversidade de gêneros textuais;
- (iii) se distanciar o máximo possível no tempo.

Desse modo, os *corpora* utilizados em nosso trabalho são compostos por número de palavras aproximado²⁹. Tal critério de equidade do número de palavras, segundo Vitral (2006), impossibilita possíveis enviesamentos no levantamento da frequência de uso. O quadro a seguir apresenta, nesse sentido, o número total de palavras que constitui o nosso *corpus* panocrônico:

Quadro 12 - Total do número de palavras nos *corpora* dos séculos XIX, XX e XXI

<i>Corpora</i>	Total do n° de palavras
Corpus século XIX	300.000
Corpus século XX	600.000
Corpus século XXI	1.200.000
Total: 2100.000 palavras	

Como podemos verificar, o *corpus* do século XXI é composto por 1 milhão e 200 mil palavras. Desse total de palavras, 600 mil são referentes à modalidade oral e as outras 600 mil palavras são referentes à modalidade escrita. Quanto ao *corpus* do século XX, que totaliza 600 mil palavras, 300 mil palavras são referentes à modalidade escrita e 300 mil são referentes à modalidade oral. Já o *corpus* do século XIX é constituído por

²⁸ Os diferentes *corpora* serão descritos detalhadamente nas subseções a seguir.

²⁹ Como será esclarecido mais à frente, estamos trabalhando com o levantamento da frequência de uso. Esse procedimento metodológico se justifica, segundo Vitral (2006), afim de que os possíveis enviesamentos de análise sejam evitados, ou seja, para a não ocorrência de assimetrias no levantamento de tal frequência, é necessário que cada *corpus* apresente o mesmo tamanho, mesmo que aproximadamente.

300 mil palavras, todas na modalidade escrita³⁰. O número foi estabelecido com base nos documentos encontrados para formar o *corpus* do século XIX, com menos textos disponíveis, que totalizam, aproximadamente, essa quantidade de palavras. A partir de então, montamos os *corpora* do século XX e XXI.

Outro fator levado em consideração na elaboração dos *corpora* utilizados está relacionado ao tipo textual. Sobre esse aspecto, Marcuschi (2009 [2008]) destaca que os tipos textuais apresentam:

[...] padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2009 [2008], p. 155 § 1º).

Dessa forma, uma vez aceita a ideia de que os tipos textuais são definidos “pela natureza linguística de sua composição³¹” (MARCUSCHI, 2009 [2008], p. 154-155 § 1º), entende-se que determinados aspectos linguísticos estariam relacionados, mais prototipicamente, a determinadas sequências tipológicas. Da mesma forma, Vitral (2006) defende que um *corpus* composto por uma diversidade de gênero, induz o “surgimento de ambientes semânticos diferentes que propiciam a ampliação dos usos dos itens, com significados diferentes” (VITRAL, 2006, p. 151, § 3). Desse modo, a nossa amostra, levando em consideração o segundo critério estabelecido em Vitral (2006), é constituído por entrevistas, cartas, diários, reportagens, notícias, poesia, documentos notariais, textos ficcionais etc.

Por fim, consideramos a terceira diretriz estabelecida por Vitral (2006), em que o autor afirma ser importante o maior distanciamento possível entre os textos de cada *corpus*. Dessa forma, para a constituição dos *corpora* aqui trabalhados, selecionamos textos que datam do século XIX ao XXI, conforme justificaremos adiante.

A partir dos critérios metodológicos mencionados anteriormente, expomos a constituição dos diferentes *corpora* utilizados em nossa análise. No entanto, é importante ressaltar que, apesar de tais *corpora* buscarem uma representatividade da língua portuguesa – constituindo um banco de dados com um número satisfatório de palavras, eles apenas nos oferecem um recorte parcial da língua.

³⁰ A diferença do número de palavra dos *corpora* apresentados será explicada e justificada mais á frente, neste capítulo.

³¹ Por natureza linguística de sua composição entendem-se os aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo (OLIVEIRA, 2012, p. 66).

3.1.2. *Corpora* do século XXI

Em relação aos dados do século XXI, como já destacado, trabalhamos tanto com a modalidade oral quanto com a modalidade escrita. Para tanto, utilizamos um *corpus* oral, a partir de entrevistas retiradas de dois diferentes bancos de dados, a saber: a) “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”; b) Projeto “PEUL” – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. Já o *corpus* escrito foi constituído a partir de textos de *blogs* e revistas retirados da *Internet*, organizados em três níveis de formalidade.

Visando a manter a uniformidade dos dados, cada modalidade apresenta 600 mil palavras, as quais se distribuem pelos diferentes bancos de dados selecionados. Tal divisão pode ser visualizada no quadro a seguir:

Quadro 13 - *Corpora* do século XXI utilizados

	<i>Corpus</i>	Total de número de palavras analisadas
Modalidade Oral	“Projeto Mineirês”	300.000
	“PEUL”	300.000
Modalidade Escrita	Nível de formalidade 1	200.000
	Nível de formalidade 2	200.000
	Nível de formalidade 3	200.000
Total		1.200.000 palavras

Como se pode verificar, a modalidade oral é composta por dois bancos de dados de 300 mil palavras cada um. A modalidade escrita, por sua vez, é constituída por três bancos de dados de 200 mil palavras. Sendo assim, cada modalidade é representada por um *corpus* de 600 mil palavras o que totaliza 1 milhão e 200 mil palavras para os dados do século XXI.

Acreditamos que, com esse total, obtivemos um *corpus* com representatividade suficiente para este estudo. Nas duas subseções a seguir, descreveremos detalhadamente os *corpora* (orais e escritos) selecionados.

3.1.2.1. *Corpora do século XXI orais*

Para representar a oralidade em nossa pesquisa, utilizamos um *corpus* montado por bolsistas de graduação da UFJF integrantes do projeto de pesquisa em gramaticalização coordenado pela Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda. Tal *corpus* foi selecionado a partir de dois *corpora* bastante abrangentes – O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”³² e o projeto “PEUL” (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua)³³ com 300 mil palavras para cada um. Dessa forma, foram analisadas as ocorrências orais de “andar” no século XXI encontradas em um universo de 600 mil palavras, como se verifica no quadro a seguir:

Quadro 14 - Total de número de palavras analisadas por *corpus* na modalidade oral do século XXI

<i>Corpus</i>	Total de palavras analisadas
“Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”	300.000
Projeto “PEUL”	300.000
Total de palavras do <i>corpus</i> do século XXI oral	600.000 palavras

O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” é coordenado pela Professora Jânia Martins Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais. Tal projeto tem como objetivo a descrição do dialeto belo-horizontino contemporâneo, contrapondo-o aos dialetos de Arceburgo, Mariana, Ouro Preto, Piranga e São João da Ponte por meio de entrevistas que datam do início do século XXI.

O Projeto “PEUL”, por sua vez, é composto por pesquisadores que se dedicam ao estudo da variação e da mudança linguística na variedade falada e escrita no Rio de

³² Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em nov. de 2010.

³³ Disponível em <http://www.letras.ufjf.br/peul/amostras%201.html>. Acesso em jan. de 2011.

Janeiro. A maior parte dos professores-pesquisadores desse grupo está ligada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde fica sediado o programa. Segundo Oliveira (2012):

Há mais de vinte anos, o projeto vem se dedicando a analisar a língua em uso e sua interrelação com seus aspectos sociais, estruturais e funcionais. Seu banco de dados é composto tanto por textos orais – os quais apresentam entrevistas e gravações de fala espontânea, denominadas de “amostra interacional” – quanto escritos (OLIVEIRA, 2012, p. 73, § 1º).

Neste trabalho, foram utilizadas especificamente as entrevistas que compõem a “Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000) e o “Censo” (2000).

3.1.2.2. *Corpora* do século XXI escritos

Os *corpora* do século XXI escritos, por sua vez, foram organizados e utilizados por Oliveira (2012) em seu trabalho sobre o verbo “esperar”. Tais *corpora* são distribuídos em três níveis de formalidade, sendo utilizados, para tanto, textos de *blogs* e revistas, os quais circulam na *Internet*. Nesse sentido, os níveis de formalidade se organizam da seguinte forma:

Quadro 15 - Organização dos níveis de formalidade dos *corpora* escritos do século XXI elaborados a partir do trabalho sobre o verbo “esperar” realizado por Oliveira

Nível de formalidade	Descrição
Nível de formalidade 1	Textos publicados em <i>blogs</i> pessoais que tratam sobre assuntos cotidianos como viagens, opiniões sobre produtos de beleza e esporte
Nível de formalidade 2	Textos publicados em revistas que observam questões diárias e mais triviais como moda
Nível de formalidade 3	Textos publicados em revistas que tratam de assuntos com maior impacto em termos nacional e internacional, como política e notícias recentes

A noção de formalidade utilizada por Oliveira (2012) advém da perspectiva da variação diafásica³⁴, pois, a depender da situação comunicativa, os falantes mudam seus registros linguísticos, assim, a variação decorre das diferentes situações comunicativas as quais o sujeito é exposto. Desse modo, tais situações exigem comportamentos linguísticos distintos a depender do assunto tratado, o tipo de interlocutor, a relação entre os interlocutores e o estado emocional dos falantes.

Outro ponto a se destacar é a questão do suporte³⁵ onde se localizam os textos que compõem cada nível de formalidade. Desse modo, segundo Oliveira (2012), textos fixados em *blogs* (nível de formalidade 1) permitem maior flexibilidade em sua abordagem, uma vez que tal ambiente virtual possibilita uma linguagem menos monitorada e menos padronizada, de acordo com critérios formais da escrita. No entanto, a publicação em revistas de circulação nacional e vinculadas a editoras, como é o caso dos outros dois níveis de formalidade analisados, exige maior preocupação formal. Porém, o grau de formalidade entre os dois níveis – nível de formalidade 2 e nível de formalidade 3 – varia devido aos temas/assuntos abordados, como destacado acima.

Nesse sentido, mantendo o mesmo critério de equidade no número de palavras, a modalidade escrita é representada aqui por um *corpus* de 600 mil palavras, composto por três níveis de formalidade distintos, cada qual com 200 mil palavras³⁶:

Quadro 16 - Total de número de palavras analisadas por *corpus* do século XXI na modalidade escrita

<i>Corpus</i>	Total de palavras analisadas
Nível de formalidade 1	200.000
Nível de formalidade 2	200.000
Nível de formalidade 3	200.000
Total de palavras do <i>corpus</i> do século XXI escrito	
600.000 palavras	

³⁴ A variação diafásica (do grego: *dia* + *phasis* = "através de" + "discurso") diz respeito à variação linguística observada na fala de um mesmo indivíduo, ocasionada pelas condições extraverbais que cercam o ato de fala (COSERIU, 1980).

³⁵ Segundo Marcuschi (2009 [2008], p 174, § 1º), suporte de um gênero é “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”.

³⁶ O *corpus* original, produzido por Oliveira (2012), é dividido por 300 mil palavras cada modalidade. No entanto, como trabalharemos apenas com dois *corpora* orais do século XXI, reduzimos a quantidade de palavras dos demais *corpora* escritos do mesmo século para manter o critério de equidade do número de palavras.

3.1.3. *Corpora* do século XIX e XX

Como vimos anteriormente, esta pesquisa apoia-se na perspectiva pancrônica. Desse modo, a fim de comprovar que os usos do verbo “andar” seguem um caminho de crescente abstratização, e portanto, um caminho de intersubjetivização, também realizaremos uma análise que leva em consideração dados dos séculos XIX e XX, o que contribuirá para o estabelecimento do processo de mudança do verbo em questão.

Ao defendermos que a língua é um organismo vivo e que, conseqüentemente muda no decorrer do tempo de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes, acreditamos que, com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, a variedade do português europeu foi disseminada para as várias camadas sociais que aqui se encontravam. Dessa forma, tal marco delimitou a variedade linguística do português do Brasil de maneira diferenciada a tal ponto de se distinguir, em alguns aspectos, do da modalidade europeia. Desse modo, optamos por começar nosso estudo do verbo em análise a partir do século XIX por acreditarmos que os textos datados dessa época são representativos da realidade linguística encontrada no Brasil.

Desse modo, comprometendo-nos com a uniformidade da amostra dos *corpora* pancrônicos, analisamos o período entre os séculos XIX e XX, conforme o quadro a seguir:

Quadro 17 - Total de número de palavras analisadas nos corpora dos séculos XIX e XX

Século	Modalidade	Total de número de palavras analisadas
XIX	escrita	300.000
XX	escrita	300.000
	oral	300.000
Total: 900.00		

Em relação aos dados do século XIX, foram selecionados textos ficcionais e documentos notariais do projeto “Tycho Brahe”³⁷. A escolha de tais textos sem a contraposição oral decorre da indisponibilidade de dados reais de fala pertencentes ao referido século.

³⁷ Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/>. Acesso jan. 2011.

Dessa forma, para recobrir o século XIX, foram utilizados textos do “*Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*”. Tal *Corpus* foi desenvolvido junto ao projeto “Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística” que disponibiliza, eletronicamente, 53 textos em português, escritos por autores nascidos entre 1380 e 1845.

Já o século XX pôde ter representadas as modalidades oral e escrita. O seu *corpus* oral é constituído por entrevistas feitas pelo projeto “NURC/RJ”, coordenado pela Professora Dinah Maria Isensee Callou³⁸. Tal *corpus*, segundo Oliveira (2012), disponibiliza entrevistas com informantes cultos cariocas, de nível superior, que apresentam, preferencialmente, pais também cariocas. Nas palavras da autora:

Tais entrevistas foram realizadas na década de 1970, com o intuito de caracterizar a modalidade culta da língua falada no Rio de Janeiro. Posteriormente, ao final da década de 1980 e início da de 1990, houve a necessidade de se confrontarem as gravações feitas nos anos 1970 para que se pudessem analisar processos de mudança linguística. Com esse intuito, foram realizadas entrevistas de recontato, bem como entrevistas com novos informantes. (OLIVEIRA, 2012, p. 74, § 1º).

Assim, para a nossa pesquisa, foram selecionados dados de ambas as décadas.

O *corpus* escrito do século XX, por sua vez, é constituído por textos disponibilizados no *site* “Hemeroteca digital brasileira” (BNDigital), que está internamente constituída por três segmentos: captura e armazenagem de acervos digitais, tratamento técnico, publicação de acervos digitais e programas e projetos de digitalização e divulgação. Assim, tal projeto conta com uma equipe interdisciplinar composta por bibliotecários, historiadores, arquivistas e digitalizadores³⁹.

Dessa forma, entendemos que com esses *corpora* pancrônicos referentes aos séculos XIX, XX e XXI, nos será possível descrever os diferentes usos do verbo “andar”, como já observado, averiguando seu processo de gramaticalização.

3.2. Investigação dos dados

É importante ressaltar que tanto os critérios semânticos, quanto os critérios sintáticos que serão empregados em nossa pesquisa foram analisados na perífrase “andar + gerúndio” e que os outros tipos de construções com esse mesmo verbo foram

³⁸ Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em mar. de 2011.

³⁹ <http://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/historico/>. Acesso em maio de 2018.

analisados de modo a elucidar o seu funcionamento na identificação dos processos de mudança.

No que se refere à identificação dos processos sintáticos relacionados à constituição dessa perífrase, empregamos critérios de auxiliaridade, propostos por Longo (1990) e Heine (1993) e explicados resumidamente a seguir a partir desses mesmos autores, para aferir o seu grau de gramaticalidade e, conseqüentemente, o grau de auxiliaridade de V1 (andar). Nesse sentido, realizamos testes a fim de identificar a possibilidade de ocorrência de cada um dos critérios. Estabelecemos, com base na literatura e no levantamento prévio dos dados, o seguinte conjunto de critérios de análise dos dados:

Quadro 18 - Critérios de auxiliaridade empregados nesta pesquisa

Critérios de Auxiliaridade
Detematização
Incidência da negação
Sujeito único
Paradigmatização
Inseparabilidade

- 1) Detematização:** o verbo auxiliar não atribui funções a um dado sintagma nominal com o qual se combina.
- 2) Incidência de negação sobre a perífrase:** uma seqüência em auxiliaridade não pode ser separada por um negativizador, pois a negação incide sobre o grupo verbal.
- 3) Sujeito único:** a perífrase com auxiliar comporta apenas um sujeito, cujos traços e papel temático são determinados pelo verbo principal (auxiliado).
- 4) Paradigmatização:** o verbo auxiliar forma um paradigma completo de conjugação.
- 5) Inseparabilidade:** o verbo auxiliar não aceita material interveniente.

A utilização desses critérios de auxiliaridade propostos por Longo (1990) e Heine (1993) se justifica pelo fato de servirem como instrumentos para medir o grau de gramaticalidade de perífrases, já que podem indicar, mediante análise qualitativa, quão coesa é uma perífrase verbal.

Além de utilizarmos esses critérios de auxiliaridade, recorreremos, também, à identificação das subcategorias semânticas que subjazem à construção “andar + gerúndio” e ao aspecto codificado por ela. Desse modo, a tipologia aspectual empregada

é baseada em Travaglia (1985), aqui reproduzida e explicada resumidamente também segundo esse autor:

Quadro 19 - Tipologia aspectual proposto por Travaglia (1985)

Tipologia aspectual
Aspecto iterativo
Aspecto imperfeito
Aspecto durativo
Aspecto cursivo

- 1) Aspecto iterativo:** se caracteriza por apresentar a situação como tendo duração descontínua.
- 2) Aspecto imperfeito:** se caracteriza por apresentar a situação como incompleta.
- 3) Aspecto durativo:** apresenta a situação como duração contínua limitada.
- 4) Aspecto cursivo:** tal aspecto se caracteriza por apresentar a situação em pleno desenvolvimento.

Desse modo, tais tipologias aspectuais nos auxiliam na análise do processo de semanticização ocorrido com o verbo “andar+gerúndio”, uma vez que nos possibilitam a observação das características semânticas inerentes à perífrase em questão.

3.3. Metodologia qualitativa e o papel da frequência na análise de processos de gramaticalização

Segundo Bryman (1998), a metodologia qualitativa destaca a perspectiva do pesquisador sobre o objeto de análise. Além disso, tal abordagem metodológica preocupa-se em oferecer ao observador uma análise descritiva detalhada de seu objeto e uma compreensão maior do texto em questão. Nesse sentido, nossa intenção é levantar e descrever, especificamente, as diferentes construções com o verbo “andar”. Esse tipo de análise é de suma importância para trabalhos de cunho funcionalista, os quais procuram compreender o funcionamento da língua.

Acreditamos, também, que o levantamento da frequência de uso é um subsídio importante para se atestarem os estágios do processo de gramaticalização do verbo “andar”, bem como o grau de gramaticalização dos usos identificados (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006). Nas palavras de Bybee (2003):

Defenderei uma nova definição de gramaticalização, a qual reconhece o papel crucial da repetição na gramaticalização e a caracteriza como o processo pelo qual uma sequência de palavras ou morfemas frequentemente usada se torna autônoma como uma unidade única de processamento (BYBEE, 2003, p. 603 § 2°).

Dessa maneira, segundo a autora, a partir da observação do aumento da frequência de uso, temos condições de indicar não somente o resultado da gramaticalização do item estudado, mas também de fazer o reconhecimento do processo a partir da regularização/recorrência dos novos padrões de uso.

Como veremos no próximo capítulo, em nosso levantamento de dados, o verbo “andar + gerúndio” obteve baixa ocorrência nos *corpora* analisados o que, como demonstrado na análise, pode evidenciar que tal verbo ainda passa por um processo de gramaticalização. Dessa maneira, nossa análise é essencialmente qualitativa, porém não descartamos a frequência dos dados, mesmo que baixa, por julgarmos um subsídio importante para se explicar a gramaticalização deste item.

A partir do equacionamento da metodologia qualitativa e do levantamento da frequência de uso, procederemos à análise dos nossos dados, retirados dos *corpora* descritos anteriormente.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo tem como objetivo as análises qualitativa (e quantitativa como suporte) dos dados levantados nos *corpora* descritos no capítulo de metodologia. Inicialmente, trataremos dos diferentes usos atribuídos ao verbo “andar”, identificados nos *corpora* do século XIX XX e XXI, averiguando a sua frequência de uso. Em seguida, defenderemos a hipótese de que o verbo em questão percorreu o caminho de abstratização de [- abstrato] > [+ abstrato].

Neste sentido, demonstraremos que o verbo “andar” expressa, principalmente, a ideia de “deslocamento espaço-temporal, seja pelo ato de “caminhar”, seja pelo ato de ser “transportado” por algum meio de veículo. Em seguida, demonstraremos que, em estágio diferente de gramaticalização, tal item também apresenta as noções de “portabilidade”, “avaliação” e de atualizador de aspecto, como apresentaremos a seguir.

Como já dito anteriormente, apontaremos em nossa análise que o verbo “andar” se encontra, dentre dos estágios de gramaticalização denominados por Heine (1993), em dessemantização, uma vez que seu sentido lexical é, mesmo que parcialmente, esvaziado passando a adquirir função gramatical; e de decategorização, pois perde suas marcas morfológicas e característica sintáticas.

Para comprovar nossa hipótese, julgamos necessário, primeiramente, analisar todos os contextos de usos do referido verbo, aferindo se o mesmo se caracteriza como pleno, funcional⁴⁰ ou semi-auxiliar, pois acreditamos que tal caminho nos permite identificar os gatilhos de mudança ocorridos nesse elemento, na formação da perífrase “andar + gerúndio”.

Em seguida, passamos para a análise específica da construção em estudo, aplicando testes de auxiliaridade para determinar se tal construção se encontra, realmente, nos estágios de dessemantização e decategorização. Por fim, faremos uma análise semântica de “andar + gerúndio” com o intuito de aferir qual codificação aspectual tal perífrase atualiza na sentença em que está inserida.

⁴⁰ Conforme nomenclatura de Castilho (2010).

4.1. Tipos de “andar”

Como já dito anteriormente, nossa hipótese de trabalho é de que o verbo “andar”, através de um processo de gramaticalização, sofreu uma abstratização e uma (inter)subjetivização, passando, assim, a indicar a marcação de aspecto. Desse modo, nesta presente subseção veremos que tal processo, segundo Castilho (2010), percorreu o seguinte caminho:

Quadro 20 - Possível caminho de gramaticalização de verbos proposto por Castilho (2010)

Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar ⁴¹
--

Assim, nesse primeiro momento, recobriremos os usos encontrados para o verbo “andar” nos *corpora* analisados, pois acreditamos que, com tal descrição dos usos do referido verbo, será possível identificar em qual estágio de gramaticalização a perífrase “andar+gerúndio” se encontra.

Dessa forma, organizamos os dados encontrados em cinco categorias, denominadas neste trabalho de andar 1, andar 2, andar 3, andar 4 e andar 5, abordando suas características semânticas e sintáticas segundo o caminho de gramaticalização proposto por Castilho (2010)⁴², a saber:

- a) **Andar 1 (com sujeito agente expresso por nome animado seguido ou não de um locativo)**⁴³: o verbo “andar” é utilizado com a acepção de “caminhar”, a qual, comparada às próximas acepções, possui um sentido [+ concreto], uma vez que indica uma ação que é fisicamente realizável pelo indivíduo. Tal fato pode ser comprovado nos exemplos a seguir:

(6) Me lembro, viche! Claramente! Me lembro até da rede de esgoto que tava fazeno nas rua, me lembro que eu tinha teze ano e fui andá nas valeta da rede de esgoto, levei umas chinelada. Porque minha mãe diz que corria

⁴¹ Com os testes de auxiliariade, aplicados mais a frente, comprovaremos que o verbo “andar” ao formar uma perífrase com o gerúndio, não está totalmente gramaticalizado se configurando, desta formas, como verbo semi-auxiliar e não como verbo auxiliar como propões a escala de Castilho (2010).

⁴² Neste momento faremos somente a análise proposta por Castilho (2010) deixando uma análise sintática mais aprofundada para trabalhos posteriores.

⁴³ Utilizaremos as nomenclaturas sintáticas fornecidas por Borba (1990) e apontadas no capítulo 1 deste trabalho.

perigo daquilo desbarrancá do lado e eu ficá soterrada. (Século XXI oral, Mineirês)

Em (6), a entrevistada relata as lembranças que tem de sua antiga rua. Neste relato conta que, quando tinha treze anos, foi caminhar em uma valeta da rede de esgoto que estava sendo construída em sua rua e que, por esse motivo, foi repreendida por sua mãe.

Como podemos perceber, o verbo “andar”, em (6), possui a configuração sintática de pleno. Segundo Castilho (2010), os verbos plenos são os predicadores da oração, ou seja, são responsáveis pela seleção dos argumentos da oração. Desse modo, podemos notar que o verbo “andar”, na referida ocorrência, é complemento do verbo “ir” e seleciona, na oração em que está inserido, dois argumentos. O primeiro argumento selecionado pelo verbo em questão é o externo representado por um sujeito animado [+ humano] que realiza a ação de caminhar no caso, a própria entrevistada. Já o segundo argumento selecionado pelo verbo “andar” em (6), é o argumento interno preenchido por um locativo, “nas valeta”, que indica a extensão física por onde se realiza a ação de caminhar.

(7) Mas enfim, é carnaval. Se São Paulo é o tûmulo do samba, Curitiba é o crematório – como diria um amigo paulista. Aos que ficarem na cidade, aproveitem! Vá ao cinema sem fila, dirija nas ruas sem tráfego, ande no Passeio Público sem prostitutas. A cidade no mais belo e puro estado de abandono. Mas não se acostume, que na quarta-feira as cinzas voltam a jorrar por aqui. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

O exemplo (7) foi retirado de um *blog* de entretenimento. Desse modo, nessa ocorrência, a escritora do *blog* em questão sugere às pessoas que irão ficar em Curitiba, no período do feriado de carnaval, uma caminhada no espaço da cidade denominado “Passeio Público”, uma vez que, segundo ela, nesse período, a cidade fica vazia.

Podemos notar que, na ocorrência (7), assim como em (6), o verbo “andar” também possui a configuração sintática de pleno, pois é o predicador da oração em que está inserido. Desse modo, o verbo em questão seleciona dois argumentos, o primeiro deles é um sujeito animado [+humano] representado pelas pessoas que irão ficar em Curitiba no período do carnaval. Já o segundo argumento selecionado pelo verbo em questão é preenchido pelo locativo “Passeio público” que representa a extensão física por onde os sujeitos da oração realizarão a ação de caminhar.

(8) E fora disso, há sempre compras a fazer, é remédio, é uma compra, é um sapato, é vestido, é ir a uma butique, é um, um desfile, uma coisa assim, sei que ... Eu ando muito pelo comércio, porque há necessidade, né? Aqui em casa, ah, não sei se você reparou mas todos são idosos, né? (Século XX oral, NURC)

No exemplo (8), a entrevistada relata que, diante da necessidade de comprar vários itens tais como remédio, sapato, etc., ela pratica a ação de caminhar por entre o comércio para realizar tal tarefa.

Podemos atestar que na referida ocorrência, o verbo “andar” também funciona como verbo pleno, ou seja, tem a função de predicar a oração em que está inserido. Desse modo, tal verbo seleciona um argumento externo representado por um sujeito animado [+humano] no caso, a própria entrevistada. O outro argumento selecionado pelo referido verbo é o argumento interno indicado pelo locativo “pelo comércio” que, por sua vez, representa a extensão física por onde a entrevistada realiza a ação de caminhar.

(9) Gosto de passear no domingo ao sabor do vento. Acordo sempre por volta das 8 h para dar uma caminhada pela praia de Ipanema. Ando uns cinco quilômetros no calçadão e aproveito para dar um mergulhão próximo às pedras do Arpoador, onde a água ainda é limpa. (Século XX escrito, nível de formalidade 1)

A ocorrência (9), por sua vez, foi retirada de uma matéria de jornal em que o colunista enumera suas atividades aos domingos e uma dessas atividades é caminhar 5 quilômetros no calçadão da praia de Ipanema.

Podemos perceber que em (9), o verbo “andar” funciona como verbo pleno, ou seja, ao predicar a oração, seleciona dois argumentos. O primeiro argumento selecionado pelo referido verbo é um sujeito agente [+humano] representado pelo próprio colunista. O segundo argumento selecionado pelo verbo em questão, assim como nas demais ocorrências, até aqui apresentadas, é representado pelo locativo “no calçadão” que indica a extensão física por onde o colunista realiza a ação de caminhar todos os domingos.

(10) Mãe foi ontem à Missa às 7 horas da manhã à ordem Terceira que fica perto da igreja de Jesus. Acompanhou-a minha enfermeira. Fez com admirável facilidade esta excursão de ar livre. Voltou para casa dizendo-me que o exercício lhe fizera bem e que é de andar que ela precisa. (Século XIX)

O exemplo (10) foi retirado de uma carta escrita no século XIX. Na carta em questão, o escritor conta a seu remetente que sua mãe, ao voltar da missa caminhando, declarou que tal exercício lhe fizera bem e que era exatamente dessa atividade que ela precisava.

Podemos notar que, na ocorrência (10), o verbo “andar” também funciona como pleno uma vez que, ao predicar a oração, seleciona um argumento. Assim, o referido verbo seleciona um sujeito agente [+ humano] representado pela mãe de quem escreve a carta. Um fato importante a se notar é que, diferente das demais ocorrências até aqui analisadas, a o verbo “andar” em (10), não é seguido por um locativo, mas podemos inferir que o agente da oração realiza a ação de caminhar na extensão física entre a ordem, que fica perto da igreja de Jesus, e sua casa.

Como podemos observar, nas ocorrências (6), (7), (8), (9) e (10) até aqui analisadas, o verbo “andar”, ao indicar uma ação física de caminhar por uma extensão física, expressa uma ação considerada [+ concreta].

Outro fato relevante das ocorrências em questão, é que o referido verbo se apresenta com a configuração sintática de pleno segundo a escala de Castilho (2010). Neste sentido, tal verbo em questão possui um sentido semântico de caminhar, se locomover a pé por uma extensão físico-temporal e tem como sujeito um elemento animado e agente seguido ou não por um locativo.

- b) Andar 2 (andar seguido de complemento da forma “de” + nome de veículo ou de animal de montaria):** assim como **andar 1**, o **andar 2** também apresenta um sentido [+ concreto], uma vez que é utilizado com a acepção de se deslocar por uma extensão físico-temporal. No entanto, tal uso do verbo “andar” se diferencia do primeiro por ser uma ação realizável por meio de um veículo. Neste caso, o indivíduo é locomovido de um ponto a outro por um meio de transporte, como demonstrado nos exemplos a seguir:

(11) “Olha! A gente... nós ficamos num hotel, sabe? Em Pouso Alto. Lá, nesse hotel, era tipo fazenda, e nós... eu andei de cavalo. Adorei andar de cavalo.”
(Século XXI oral, PEUL)

Em (11), o entrevistado relata que, ao ficar hospedado em um hotel fazenda na cidade de Pouso Alto, se locomoveu por uma extensão física montado em um cavalo.

Como podemos perceber, o verbo “andar”, em (11), possui a configuração sintática de funcional. Segundo Castilho (2010), verbos funcionais são aqueles que sofreram um processo de gramaticalização e que, portanto, deixaram de ser o núcleo do predicado passando essa função ao elemento à sua direita. Assim, em (11), o verbo “andar” deixa de ser o predicador da oração passando esta função para a preposição “de” e para o substantivo “cavalo”, localizados à sua direita. Tal predicante⁴⁴ seleciona um sujeito animado [+ humano] como argumento externo representado pelo próprio falante que, por sua vez, recebe a ação de ser locomovido em uma determinada extensão física através de um animal no caso, “um cavalo”.

(12) Quando saía da faculdade, corria para um banheiro de metrô e me produzia para os testes publicitários. Uma vez, fiz um comercial com cabelo castanho. No dia seguinte fui a outro em que tinha de estar loura blondie e ainda precisei aprender a andar a cavalo para um terceiro trabalho. (Século XXI escrito, nível de formalidade 2)

A ocorrência (12) foi retirada de uma revista direcionada ao público feminino. Em uma de suas seções, uma atriz revela que, no início de sua carreira, precisou aprender a conduzir um cavalo para poder realizar um teste de trabalho.

Podemos notar que em (12), assim como em (11), o verbo “andar” é funcional e tem como predicante, um complemento “a” seguido de um substantivo “cavalo”. Também em (12), tal predicante é o responsável por selecionar o argumento externo da oração que é representado por um sujeito animado [+humano] expresso pela atriz que, por sua vez, recebe a ação de ser conduzido por um animal em uma determinada extensão física.

(13) Para quem visita Manhattan pela primeira vez, Fernanda dá três dicas: "Andar de metrô é o máximo, porque ele te leva para todo o lugar e tem todo tipo de gente. Por isso, antes de sair, estude bem o mapa! Use um sapato confortável para poder andar bastante. E tire um dia para ficar de bobeira no Central Park, que é lindo. (Século XX oral, NURC)

O exemplo (13) foi retirado de uma matéria de revista digital. O autor da matéria em questão discorre sobre a viagem pelo exterior que os atores Fernanda Rodrigues e Raoni Carneiro fizeram logo após de se tornarem pais. Durante a matéria, a

⁴⁴ Nomenclatura utilizado por Abreu & Chishman (2014).

atriz em questão afirma que a experiência de se locomover pela cidade de Manhattan (EUA), por metrô, é o “máximo”.

Podemos observar que em (13), o verbo “andar” também aparece como um verbo funcional, uma vez que, não constitui predicado da oração deslocando essa função para o item que o segue. Dessa forma, a preposição “de” ligado ao substantivo “metrô” formam o predicante da oração que, por sua vez, seleciona um argumento externo animado [+humano] representado pelas pessoas que visitam a cidade de Manhattan pela primeira vez. Tal argumento externo, portanto, recebe a ação de ser locomovido pela extensão física da cidade em questão por um veículo, “metrô”.

Um fato importante a se destacar é que na ocorrência (13), diferente das ocorrências (11) e (12), o substantivo que compõe o predicante da oração não é um animal, mas sim, um veículo locomotivo.

(14) “Estou no Brasil pela quarta vez, cada vez que venho, ando de táxi, como nos restaurantes e vejo que amo o povo brasileiro, este povo extraordinário” lisonjeia a Iugoslava. (Século XX escrito, Nível de formalidade 2)

A ocorrência (14) foi retirada de uma seção de jornal que fala sobre a programação de eventos na cidade do Rio de Janeiro, na década de 90. Ao longo da referida seção, a cantora de ópera Jadranka Jovanovic relata que é a terceira vez que vem ao Brasil e que, assim como das outras vezes, realiza a ação de se locomover pelas ruas, conduzida por um veículo automotivo.

Podemos notar que o verbo “andar”, na ocorrência em questão, apresenta-se como um verbo funcional ao deslocar sua função de predicador para o elemento à sua direita formado pela preposição “de” mais um substantivo “táxi”. Ainda podemos notar que, assim como em (13), tal predicante seleciona um argumento externo animado [+humano] expresso pela própria cantora que recebe a ação de ser transportada por um veículo automotivo, “táxi”.

(15) Eu parto amanhã por Interlaken e Lucerne para Engadina. De Engadina em carruagem até os lagos italianos, e dos lagos a Milão. Esta entrada pela Engadina na Itália parece ser a mais bela viagem que se pode fazer na Europa. É preciso porém andar de carruagem dois dias. A carruagem é baratíssima. (Século XIX)

O exemplo (15) foi retirado de uma carta datada do século XIX. Nessa carta em questão, o escritor relata ao remetente seu trajeto de viagem pela Europa e revela que o

trajeto, considerado por ele o mais belo, necessita ser percorrido por um veículo de tração animal.

Podemos perceber nesta ocorrência o mesmo fato descrito em (11), (12), (13) e (14), ou seja, o verbo “andar” possui a configuração sintática de funcional, pois ao deixar de ser um predicativo da oração, desloca essa função para o elemento formado pela preposição “de” mais o substantivo “carruagem”. Neste sentido, tal predicante seleciona um argumento externo animado [+humano] que, por sua vez, recebe a ação de ser transportado por um veículo de tração animal no caso, “carruagem”.

Desse modo, como podemos observar, nas ocorrências de (11) à (15), o verbo “andar”, ao indicar um deslocamento físico realizado por um veículo ou animal, perde sua função de núcleo do predicado. Assim, o verbo em questão deixa de funcionar como pleno e passa à um verbo funcional, em que seu termo adjacente – geralmente formado por uma preposição mais um substantivo - se torna o responsável pela seleção dos argumentos da oração. Tal mudança sintática vai ao encontro com o estágio proposto por Heine (1991) de decategorização em que o autor afirma que, um item em processo de gramaticalização passa a uma categoria a outra perdendo, dessa maneira, suas configurações sintáticas iniciais.

Em relação à semântica do verbo “andar” denominado nesta seção de 2, em comparação com **andar 1**, já analisado, podemos observar que seu significado base “caminhar” foi perdido, uma vez que, o sujeito da oração não pratica a ação de se deslocar de um ponto a outro pelas suas próprias pernas, mas sofre a ação de ser conduzido de um ponto a outro por algum meio de transporte. Porém, observamos que alguns traços de seu sentido inicial ainda persistem em sua semântica, pois tal uso do verbo em questão ainda indica um deslocamento físico do agente realizado por um veículo ou animal.

Assim, podemos concluir que **andar 2**, apesar de sofrer uma reanálise, passando de verbo pleno à funcional, e perdendo parte de seu sentido base de “caminhar”, ainda continua indicando uma ação concreta de deslocamento físico/temporal, tal como **andar 1**.

- c) **Andar 3 (andar seguido de complemento da forma de/com + nome de peça de vestuário ou objeto):** o verbo “andar” é utilizado no sentido de portar alguma coisa durante a locomoção. Tal tipo de “andar” pode ser observado pelos exemplos a seguir:

(16) [...] eu tenho uma certa maturidade, mas o meu jeito é brincalhão... eh...desleixado, tô sempre **andando...** de bermuda e chinelo, descalço na rua, sem camisa... (inint)[...]. (Século XXI oral, Mineirês)

Na ocorrência (16), o interlocutor afirma ser maduro, mas que, apesar disso, ele ainda possui um “jeito brincalhão” e para se justificar, revela que tem o costume de estar sempre vestido de “bermuda” e calçado de “chinelo”.

Podemos notar que na ocorrência (16), o verbo “andar” se comporta como verbo funcional deslocando o núcleo do predicado da oração para o elemento à sua direita, formado pela preposição “de” seguido por dois nomes de peças de vestuário, “bermuda” e “chinelo”. Ainda sobre essa mesma ocorrência, podemos perceber que o seu predicado seleciona um sujeito animado [+humano] que, realiza a ação de portar em seu corpo, determinados itens, tais como “bermuda” e “chinelo”, durante seu deslocamento no espaço e no tempo.

(17) Sou doente por fotografia. Câmeras são mesmo parte da minha vida. Às vezes, até deixo de usar algumas, com muita pena, porque os anos vão passando e elas vão se tornando obsoletas. Mas acho que fotografar é registrar os momentos da vida. São coisas que você guarda para sempre e vai ficar ali eternizado, como o carnaval deste ano”, constatou ele, que **anda sempre com uma máquina** a tiracolo. (Século XXI escrito, nível de formalidade 2)

No exemplo (17), que foi retirado de uma matéria de revista, o ator Ricardo Pereira admite ser fascinado por fotografia e revela que, por esse motivo, anda, frequentemente, portando uma máquina fotográfica.

Na ocorrência em questão, o verbo “andar” se comporta da mesma forma que em (16) e (17), ou seja, se comporta como um verbo funcional por deslocar sua função de núcleo do predicado para a preposição “com” e o nome de objeto, “máquina” localizados à sua direita. Dessa forma, o núcleo do predicado desta ocorrência, seleciona um sujeito animado [+humano] que realiza a ação de portar consigo um objeto durante seu deslocamento no espaço e no tempo.

(18) Aí, nesse lugar onde eu estive, havia um lugar chamado Salinas onde o forte lá é criação de éguas. Eram todos baianos, Almeida, família Almeida, em Salinas, tudo baiano. Só **andavam de terno** de linho HJ 120, chapéu-de-chile e sapato de duas cores, camisa de seda, só vendo a pose deles. (Século XX oral, NURC)

No exemplo (18), o entrevistado relata ao entrevistador que as pessoas da cidade de Salinas, localizada no estado da Bahia, têm o costume de andar vestidas de “terno de linho”, “chepéu-de-chile” e “sapatos de duas cores”.

Podemos perceber, nesta ocorrência, que o verbo “andar” possui uma configuração sintática de funcional em que, desloca a função de núcleo de predicado para a preposição “de” e os nomes de peças de vestuário: “terno”, “chapéu” e “sapato”. Dessa forma, tal núcleo seleciona um sujeito animado [+ humano] representado pelos baianos moradores da cidade de Salinas que, por sua vez, estão sempre vestidos de “terno de linho”, “chapéu-de-Chile” e “sapatos de duas cores” no momento em que realizam a ação de se deslocar no espaço e no tempo.

(19) Nem, assim está livre dos riscos. Como atesta a professora Cristina Reis, “aliviada” de sua carteira, numa viagem recente de ônibus. “Agora só ando com várias carteirinhas na bolsa. Uma com pouco dinheiro, outra com mais dinheiro, uma terceira com cartão de crédito e mais uma só com cheque.” (Século XX escrito, nível de formalidade 3).

A ocorrência (19) foi retirada de uma matéria de jornal da década de 90 em que o tema era os furtos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro. Nesta referida matéria, a professora Cristina Reis relata, através de um discurso direto que, para se prevenir de possíveis furtos, carrega consigo várias carteirinhas, cada uma contendo dinheiro de diferentes formas.

Podemos notar que em (19), o verbo “andar” é um verbo funcional e, por isso, o núcleo do predicado da oração é a preposição “com” seguida de um nome de objeto, “carteirinha”. Tal núcleo do predicado seleciona um sujeito animado [+ humano] representado pela própria professora que realiza a ação de se deslocar no tempo e no espaço portanto várias carteirinhas.

(20) Meu tio era homem de excelentes maneiras, estatura regular, magro, empoadado, e vestido com muito asseio . Tinha um costume célebre , que era andar sempre de chapéu por casa, chapéu redondo de abas largas; só uma visita de cerimônia o obrigava a tirá-lo , e ainda assim, muitas vezes, pedia licença para se cobrir. (Século XIX).

Na ocorrência (20), ao escrever uma carta, o remetente descreve para seu destinatário a figura de seu tio. Assim, o remetente caracteriza seu tio como “homem de

excelentes maneiras” e um dos motivos para considerá-lo dessa forma é o fato deste só andar portando chapéu.

Podemos perceber que, na ocorrência em questão, assim como nas ocorrências (16), (17), (18) e (19), o verbo “andar” deixa de atuar como núcleo do predicado passando tal função para a preposição “de” seguida de um nome de peça de vestuário, “chapéu”. Também, nesta ocorrência podemos atestar que o predicado da oração em que o verbo “andar” está inserido, seleciona um sujeito animado [+ humano] expresso pelo tio do remetente, que possui o costume de estar sempre usando um chapéu durante seu deslocamento no espaço e no tempo.

Assim, pela análise feita das ocorrências dos usos de **andar 3**, podemos atestar que o verbo em questão, assim como nos usos de **andar 2**, possui a configuração sintática de funcional por deslocar o núcleo do predicado para o elemento à sua direita composto, sempre, por uma preposição seguida de um nome de uma peça de vestuário ou um objeto. Neste sentido, tal núcleo do predicado, em todas as ocorrências analisadas aqui, seleciona um sujeito animado [+ humano] que realiza a ação de portar um objeto ou a peça de vestuário no decorrer do tempo e do espaço descrito pelo verbo “andar”.

Desse modo, ao compararmos os três tipos de “andar”, até o momento analisados, observamos que **andar 3**, assim como **andar 2**, passou por um processo de reanálise ao deixar de atuar como verbo pleno para atuar como verbo funcional carregando, no entanto, alguns traços de seu significado inicial, deslocamento de espaço/tempo. O que diferencia esses dois tipos de andar, portanto, é que o sujeito de **andar 2** sofre a ação de ser deslocado de um ponto a outro por um veículo ou animal e o sujeito de **andar 3** realiza tal ação, porém sempre portando algo consigo, seja peça de vestuário ou um objeto.

- d) Andar 4 (andar seguido de predicativo):** o verbo em questão é utilizado para expressar uma constatação/avaliação da realidade do falante. Percebe-se que tal uso, diferente dos demais, tem sentido [+ abstrato], pois não retrata uma distância percorrida pelo falante sozinho, por meio de um veículo ou o que porta enquanto se locomove, mas sim, um ponto de vista.

(21) - E que tipo de problemas você acha que o bairro tem, atualmente? Por exemplo, tem muito assalto aqui?
-Que às vezes tem. É - agora anda calmo. (Século XXI oral, Mineirês)

No exemplo (21), o entrevistado ao ser indagado se seu bairro possui muitas ocorrências de assalto, responde que, pelo o que ele percebe atualmente, seu bairro está tranquilo e calmo. Dessa forma, podemos perceber que esta percepção sobre sua realidade tem o acompanhado no decorrer do tempo.

Como podemos observar, o verbo “andar” na ocorrência (21) aparece como verbo funcional uma vez que, deixa de ser o núcleo do predicado da oração passando essa função para o adjetivo “calmo” que, por sua vez, representa a opinião do entrevistado com relação a seu bairro. Outro fato a se destacar da referida ocorrência é que o seu predicado, diferente das demais ocorrências até o momento analisadas, seleciona um sujeito não animado [-humano], preenchido pelo substantivo “bairro”.

(22) Oi queridos leitores do meu humilde blog, eu andei tão ocupada que nem pude vir tirar o pózinho do meu blog kkk, mas hoje consegui um tempinho legal para fazer umas modificações por aqui, atualizar umas e fazer esta postagem. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

O exemplo (22) foi retirado de um blog da *internet*. A pessoa responsável pelo *blog* em questão constata que no passado esteve ocupada e que, por esse motivo deixou de atualizar e postar em seu *blog*.

Podemos perceber nesta ocorrência, assim como em (21), que o verbo “andar” aparece como funcional. Assim, o núcleo da oração deixa de ser representado pelo referido verbo passando a ser representado pelo adjetivo “ocupada” que expressa a constatação do falante sobre seu estado no passado.

No entanto, (22) se difere da ocorrência (21) por apresentar um predicado que seleciona um sujeito animado [+humano], representado pela pessoa responsável pelo *blog* em questão.

(23) [...] mas eu gosto mais assim de viver mais em contacto com a natureza, tanto que apartamento, eu estou aqui, eu ando cansada aqui dentro, ficar aqui fechada, não ver nem o tempo. (Século XX oral, NURC)

Na ocorrência (23), a entrevistada revela a seu entrevistador sua preferência pela convivência direta com a natureza e que se sente cansada ao ficar muito tempo “fechada” em um apartamento.

Podemos perceber que na referida ocorrência, o verbo “andar” também é empregado como funcional. O núcleo do predicado, portanto, é preenchido pelo adjetivo “cansada” que, por sua vez, indica a avaliação da falante sobre si mesma. Desse modo, o núcleo do predicado da referida ocorrência, “cansada”, seleciona um sujeito animado [+ humano] representado pela própria entrevistada.

(24) Ficar em casa tem suas vantagens. Leio, escrevo, bebo e tento combater as mil pragas que roem as nossas casas tropicais. **Ando triste**. A idade chegou. Não brutal. Mas sonsa e sinuosa.” (Século XX escrito, nível de formalidade 3).

A ocorrência (24) foi retirada de uma carta reproduzida em um jornal. Na carta, o escritor revela a seu remetente que por causa da idade, avalia seu estado atual como triste.

Como podemos observar, na referida ocorrência, o verbo andar também aparece como funcional e o núcleo do predicado da oração em que está inserido é preenchido pelo adjetivo “triste” que, por sua vez, representa a avaliação do escritor sobre seu estado atual.

(25) [...] de pois pedio palavra e derijise a me- za, dizendo q não tinha Conparecido na Sei- coes hera porque morava, longe e **andava adoentado** e q não tinha tido partipac- oe ? s q havia Suspencoen ? s e se eu estava Cunprindido no, art podia memandar participar, pois todos annos eu Cumpro no fim Com Os trabalho [...] (Século XIX)

O exemplo (25) foi retirado de um documento de ata de uma seção ocorrida no século XIX. Na seção em questão, um dos integrantes do conselho se justifica por não ter comparecido às reuniões anteriores, expondo sua realidade de se encontrar doente na data das referidas seções.

Podemos perceber que, neste caso, o verbo “andar”, assim como nas ocorrências de **andar 2** e **andar 3**, aparece como verbo funcional, ou seja, desloca sua função de núcleo de predicado para o adjetivo ao seu lado, “adoentado” que, por sua vez, seleciona um sujeito animado [+humano] para a oração em questão.

Notamos, portanto, que, em tais ocorrências, o uso do verbo “andar” seguido de um predicador revela uma avaliação/constatação do falante sobre si mesmo, em (23), (24) e (25), ou sobre a realidade que o cerca, em (21). Dessa forma, podemos observar que em tal uso do verbo “andar” ocorre uma abstratização de conceito via metáfora.

Assim, nas ocorrências (21), (22), (23), (24) e (25), o conceito mais [+concreto] do verbo “andar”, que se refere a um deslocamento físico, serviu de fonte para o surgimento de um novo uso do verbo em estudo que retoma algo [-concreto]: a constatação/avaliação do falante sobre si e sobre a realidade que o cerca, abstrata, portanto. Dessa forma, através dos dados analisados até o momento, podemos dizer que em **andar 4** houve motivação cognitiva para que ocorresse analogia entre o significado menos abstrato na forma plena do verbo “andar” e o seu significado mais abstrato na forma de verbo funcional. Contudo, ainda podemos atestar, diante dos dados, que tal uso ainda preservou seu sentido inicial de deslocamento temporal uma vez que, a indicação de avaliação/constatação do falante sobre si mesmo ou sobre sua realidade o acompanha no decorrer de um período de tempo.

Uma vez aceita a ideia de que **andar 3** sofreu uma abstratização ao passar de plano à funcional, podemos perceber que tal uso, diferente de **andar 2** e **andar 3**, além de sofrer uma reanálise passa, também, por um processo em que, em contextos específicos, seu complemento designa não uma extensão física, mas sim, um estado “calmo” em (21), “ocupado” em (22), “cansado” em (23), “triste” em (24) e “adoentado” em (25). Além disso, podemos perceber que, em certos casos o sujeito da oração em que se apresenta o tipo de **andar 4** não é associado à humanos, tal como em (21)”. Tais fatos nos dão indícios de que o uso do verbo **andar 4**, além de estar inserido no estágio de decategorização, também se encontra no estágio de dessemantização proposto por Heine (1993).

- e) **Andar 5 (andar seguido de outro verbo no gerúndio)**: o verbo “andar” é utilizado para medir um período de duração de uma ação. Neste caso, percebemos que, apesar de não denotar uma avaliação ou constatação da realidade, o **andar 5**, assim como **andar 4**, indica um deslocamento temporal, mas não enfoca espaço e possui a função de atualizar o aspecto da ação verbal. Vejamos nos exemplos a seguir:

(26) [Exato.] O senhor ouviu esse negócio da Cocea, que o [governador anda apurando agora. Que loucura! Que absurdo!]. (Corpus século XXI oral, PEUL)

No exemplo (26), o entrevistado relata que o governador está realizando a ação de apurar o caso ocorrido na Cocea, porém o governador em questão encerrará sua apuração em algum momento.

Podemos perceber que em (26), o verbo “andar”, diferente das outras ocorrências até o momento analisadas, possui a configuração sintática de semi-auxiliar. Segundo Castilho (2010), os verbos com essa configuração sintática possuem papel semelhante ao dos verbos funcionais uma vez que, deixam de atuar como núcleo do predicado passando essa função para o seu complemento que é preenchido por um verbo na forma nominal. Assim, o verbo semi-auxiliar deixa de predicar a oração para marcar apenas indicadores de tempo, aspecto, modo e voz.

Ao analisarmos a ocorrência (26), percebemos que o verbo “andar” possui como complemento outro verbo na forma de gerúndio, “apurando” que por sua vez, tem função de predicar a sentença selecionando um sujeito animado [+humano] representado pela figura do governador. Assim, o verbo “andar”, na oração em questão, tem a função de fornecer para seu complemento a indicação do aspecto da ação, ou seja, indica um período de tempo de duração da ação “de apurar” que se estende por uma extensão de tempo indeterminado, porém limitada, uma vez que, a ação cessará a partir do momento em que a apuração não se fizer mais necessária.

(27) Por essas coisas, eu ando com pouca vontade de compartilhar. A internet é bacana, mas também pode ser pára-raio de maníacos, como aqueles IPs que apareciam mais de 50 vezes no contador, ou como a pessoa que pesquisou toda a sua vida antes de falar com você. Ando questionando se a minha relação com as comunidades virtuais são construtivas, se tem me acrescentado algo legal, ou se é só uma conversa sozinha de louca. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

No exemplo (27), o responsável por um blog na *internet* revela a seus leitores que se questiona, por diversas vezes, se sua relação com as comunidades virtuais é construtiva. Podemos perceber que, nesta ocorrência, o verbo “andar” possui a função sintática de semi-auxiliar uma vez que, desloca para seu complemento, representado pelo verbo “questionar” na forma nominal de gerúndio, a função de núcleo do predicado.

Como núcleo do predicado, o verbo “questionar” seleciona para a sentença um sujeito animado [+humano], o próprio responsável pelo blog, e recebe do verbo “andar”,

a indicação de uma duração de tempo da ação de “questionar” por uma extensão de tempo indeterminado ocorrido no presente.

(28) Ali, depois que terminou a feira sempre eles davam bailes no carnaval, lá nos diversos salões lá, era o baile do, do pavilhão de festas e tudo, todo mun... muita gente gostava de ir. Eu di... di... distribuía convites pra diversas pessoas porque eu trabalhava lá no estado e recebia, às vezes na comissão até de carnaval mesmo andei trabalhando. (Século XX oral, NURC)

Na ocorrência (28) o entrevistado relata que em um momento do passado, realizou a ação de trabalhar na distribuição de convites de bailes de carnaval que aconteciam nos salões de uma antiga feira.

Nesta ocorrência podemos perceber que o verbo “andar”, assim como em (27), possui a função sintática de semi-auxiliar uma vez que, desloca para seu complemento, o verbo “trabalhar” na forma de gerúndio a função de núcleo do predicado.

Assim, o referido verbo no gerúndio seleciona para a sentença um sujeito animado [+humano] e, recebe do verbo “andar” a indicação de uma duração da ação de “trabalhar” que se repetiu por algum tempo no passado, mas que cessou no presente.

(29) O copo d’água que não bebi permanece translúcido na mesinha de cabeceira como na véspera. Espanto-me com a novidade, pois durante meses, qualquer água que repousa ao meu lado torna-se imediatamente tão borbulhante quanto a mais autêntica Pevrier. Ando pensando até em industrializá-la numa produção caseira que ajuda nesses tempos difíceis. (Século XX escrito, nível d formalidade 3)

A ocorrência (29) foi retirada de uma crônica de um jornal da década de 1990. Nela, a cronista relata que, ao acordar calma e radiante, constatou que a água que havia deixado em sua cabeceira, ao contrário do que ocorria durante meses, estava “translúcida”. Por esse motivo, a cronista revela que por diversas vezes no presente, pensa em realizar a ação de industrializar esta mesma água.

Podemos perceber que na ocorrência (29), o verbo “andar” funciona como semi-auxiliar e, por esse motivo, transfere para seu complemento, o verbo “pensar” na forma de gerúndio, a função de núcleo do predicado que, por sua vez, seleciona um sujeito animado [+humano], a própria cronista. Assim, o verbo “andar” ao auxiliar seu complemento na forma nominal, indica a duração da ação de “pensar”, realizada pelo sujeito animado [+humano].

(30) [...]ora suponho que digam verdade, parece-lhe a Vossa Mercê justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que **andam mostrando** as suas habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? (Corpus século XIX)

Na ocorrência (30), o falante interroga seu interlocutor se parece justo um indivíduo sem ambição ter que repetir a ação de demonstrar às demais pessoas suas habilidades.

Nesta ocorrência podemos perceber que, assim como nas demais ocorrências de **andar 5**, o referido verbo funciona como semi-auxiliar. Dessa forma, “andar” desloca para seu complemento, “mostrando” a função de núcleo de predicado. Este por sua vez, seleciona um sujeito animado [+humano] para a sentença no caso, o próprio falante. Além disso, tal predicado recebe do verbo “andar”, a indicação da duração da ação de “mostrar” que se repete por um tempo indeterminado no presente.

Como podemos observar nas ocorrências (26), (27), (28), (29) e (30), o verbo “andar”, quando seguido de outro verbo no gerúndio, deixa de apresentar um sentido físico de deslocamento espacial e passa a indicar apenas o tempo de duração de uma ação, marcando, dessa maneira, o aspecto verbal da ação descrita.

Dessa forma, assim como **andar 4**, **andar 5**, através de um processo de abstratização via metáfora e reanálise, tomou seu sentido basilar de deslocamento físico como fonte para formar um sentido mais abstrato de marcador de duração da ação. Assim, tal uso do verbo “andar” deixa de ter um sentido [+concreto] de deslocamento físico e passa a indicar um sentido [-concreto] de atualizador de aspecto passando, dessa maneira, de pleno à semi-auxiliar e se enquadrando, portanto, nos estágios de decategorização e dessemantização propostos por Hine (1993). Porém, ainda como em **andar 4**, **andar 5**, por meio de um processo de persistência, ainda carrega consigo o sentido de deslocamento temporal uma vez que, indica o espaço de tempo em que uma determinada ação se realiza.

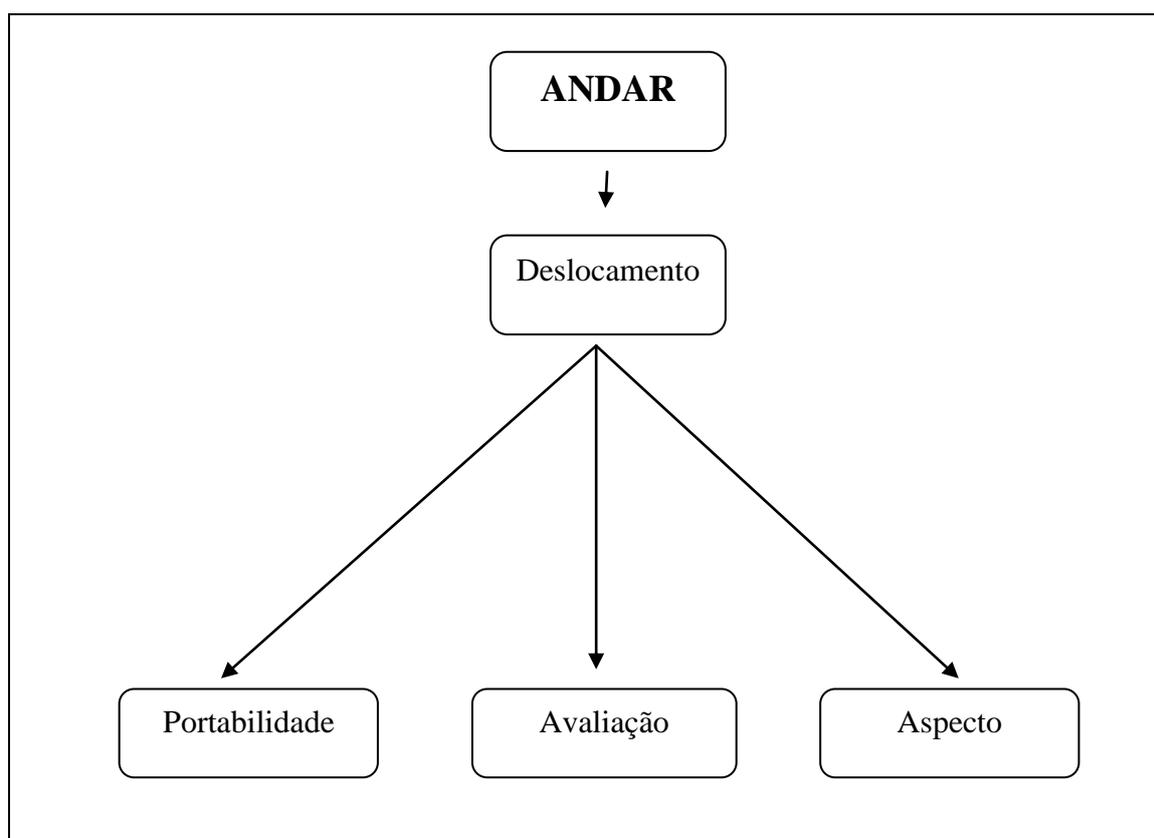
Dessa forma, portanto, através da descrição sintática e semântica de **andar 1**, **andar 2**, **andar 3**, **andar 4** e **andar 5** encontrados em nossos *corpora*, pudemos constatar que tal verbo, para atender as necessidades comunicativas da língua, passou por uma reanálise ao deixar de funcionar apenas como pleno, **andar 1**; passando

também, a funcionar como funcional, **andar 2**, **andar 3** e **andar 4**; e como semi-auxiliar, **andar 5**; seguindo assim, a escala de gramaticalização de verbos proposto por Castilho: pleno > funcional > semi-auxiliar.

Outro fato constatado por nossa análise foi que, o verbo “andar”, além de sofrer uma reanálise passando a uma categoria à outra, sofreu também uma abstratização via metáfora uma vez que, de seu sentido [+concreto] indicador de deslocamento físico, (**andar 1**, **andar 2** e **andar 3**), expandiu seus sentidos e passou a indicar, também, noções [- concretas] tais como, avaliação/constatação (**andar 4**) e atualizador de aspecto (**andar 5**). Contudo, pelo processo de persistência semântica, o verbo em questão, mesmo sofrendo reanálise e abstratização, ainda carrega em seu sentido sua noção basilar de deslocamento temporal, uma vez que, mesmo que funcional, indica que a avaliação/constatação do falante sobre si ou sobre a realidade que o cerca, o acompanha no tempo. O mesmo ocorre com verbo “andar” semi-auxiliar, já que indica a duração de tempo em que a ação descrita pelo seu complemento se realiza.

Assim, realizamos a descrição inicial dos diferentes usos do verbo “andar” nos *corpora* dos séculos XIX, XX e XXI. Através dessa análise, foram detectados 5 tipos do referido verbo, os quais podemos indicar a seguinte direcionalidade semântica:

Quadro 21 - Direcionalidade semântico do verbo “andar”



Podemos perceber, através do quadro 21 e das ocorrências analisadas, que o verbo “andar”, além de sofrer uma abstratização via metáfora e reanálise, também adquiriu sentidos cada vez mais (inter)subjetivos. Levando em consideração os postulados de Hooper & Traugott (2008 [1993]), Traugott & Dasher (2005) e Martelotta (2010), acreditamos que tal (inter)subjetivização ocorreu através da metonimização, uma vez que, o traço [+ concreto] do verbo em questão (caminhar) foi expandido e projetado para a construção de novos sentidos (portabilidade, avaliação e atualizador de aspecto). Este mecanismo de metonimização só foi possível através da inferência sugerida que segundo MARTELOTTA (2010, p. 62) “engloba as complexidades da comunicação que o falante utiliza para evocar implicaturas sugerindo que o ouvinte faça as inferências necessárias para que se dê a comunicação”.

Dessa forma, diante das necessidades comunicativas, os falantes foram inovando o uso de “andar”, sendo possível a compreensão dos sentidos emergentes devido à projeção de traços semânticos que possibilitaram a interpretação dos novos usos.

Desse modo, demonstramos que “andar” possui como primeiro sentido semântico a noção de deslocamento físico e temporal, seja pelo ato de caminhar (**Andar**

1), seja pelo ato de ser transportado (**Andar 2**). Em seguida, evidenciamos que o verbo em questão adquire o sentido de portabilidade (**Andar 3**) onde o sujeito não só realiza a ação de se locomover de um ponto a outro, mas, também, de portar algo durante esse deslocamento. Já em nível mais abstrato, averiguamos que “andar” possui o sentido de avaliação/constatação da realidade que o falante tem sobre si ou sobre a realidade que o cerca (**Andar 4**). E, por fim, evidenciamos que verbo em questão adquire o sentido aspectual delimitando, desse modo, o período de tempo em que uma ação se realiza.

Tais tipos de sentidos do verbo “andar” encontram-se distribuídos na tabela a seguir:

Tabela 1 - distribuição dos usos do verbo “andar” nos *corpora* orais e escritos do século XXI analisados

		Andar 1		Andar 2		Andar 3		Andar 4		Andar 5		Total
		n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
Modalidad e Oral	<i>Corpus do Projeto Mineirês</i>	57	39,	68	46,8	02	1,3	13	8,9	05	3,44	145
	<i>Corpus do Projeto PEUL</i>	81	55,1	29	19,7	06	4,0	28	19,0	03	2,0	147
Modalidad e escrita	Nível de formalidad e 1	49	34,2%	09	6,2	01	0,6%	47	32,8	37	25,8	143
	Nível de formalidad e 2	16	29,6%	10	18,5	03	5,5%	19	35,1	06	11,1	54
	Nível de formalidad e 3	14	41,1%	06	17,6	0	0%	08	23,5	06	17,6	34
Total		217	41,6	122	23,4	12	2,3	115	22,0	57	10,9	523

A tabela 1 demonstra quantitativamente a distribuição dos usos do verbo “andar” nos *corpora* orais e escritos do século XXI analisados. Desse modo, ao observarmos a tabela em questão, podemos notar que os usos do referido verbo no século XXI encontram-se distribuídos em um total de 521 ocorrências. Desse total de 521 ocorrências, **andar 1**, com o sentido de caminhar e **andar 2**, com o sentido de ser transportado, são os usos de maior frequência do verbo em questão representando, respectivamente, 41,6% e 23,4% do total de dados analisados. Logo em seguida, **andar 4**, com sentido de avaliação/constatação da realidade, se apresenta como o terceiro uso mais frequente, representando 22,0% dos dados. Por fim, **andar 5**, com o sentido de marcador de duração da ação, e **andar 3**, com sentido de portabilidade, representam os usos do verbo em questão com menor frequência, indicando apenas 10,9% e 2,3% respectivamente.

Os resultados obtidos por meio do levantamento da frequência de uso dos dados do século XXI apontam que, diante das 521 ocorrências encontradas, a predominância do verbo “andar” com o sentido de “caminhar” (**andar 1**), 41,6%, e de “andar” com o sentido de ser transportado (**andar 2**), 23,4%, revela o alto grau de estabilidade e difusão de tais usos na língua. Desse modo, por possuir alta frequência e apresentar indicações de estabilidade e difusão na língua, **andar 1** e **andar 2** podem ser considerados como os primeiros usos na escala de gramaticalização. Seguindo esta mesma linha de pensamento, os dados analisados demonstram que, por ser o terceiro uso mais frequente, o verbo “andar”, com sentido de avaliação/constatação da realidade (**andar 4**), com 22% do total de ocorrência, pode ser considerado um uso em estágio avançado de gramaticalização, sendo, portanto, posterior ao **andar 1** e ao **andar 2**. Verifica-se também que **andar 5** indica um conceito [+ abstrato], comparado ao **andar 1**, e representa apenas 10,9% do total dos dados analisado. Desse modo, **andar 5**, pode ser considerado um uso em estágio mais recente no processo de gramaticalização, visto que totaliza apenas 57 ocorrências das 521 identificadas.

Realizadas as considerações sobre os dados do século XXI, passamos para a descrição da frequência dos usos identificados nos *corpora* do século XX, buscando observar sua distribuição. Para tanto, será disponibilizada a tabela a seguir:

Tabela 2 - Distribuição dos usos do verbo “andar” no século XX

Modalidade	Andar 1		Andar 2		Andar 3		Andar 4		Andar 5		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
oral	42	40,3	22	21,1	04	3,8	13	12,5	23	22,1	104
Escrita	19	42,2	12	26,6	02	4,4	07	15,5	05	11,1	45
Total	61	40,9	34	22,8	06	4,0	20	13,4	28	18,7	149

A tabela 2 apresenta os usos (orais e escritos) do verbo “andar”, distribuídos nos *corpora* representativos do século XX. Como podemos observar, no total de 149 ocorrências do referido verbo, 61 delas são de **andar 1**, com o sentido de caminhar, representando 40,9% do total. Em seguida temos 34 ocorrências de **andar 2**, com sentido de ser transportado, equivalente a 22,8% do total. Por sua vez, **andar 5** (marcador de duração da ação) e **andar 4** (avaliação/constatação da realidade) obtêm, respectivamente, 28 e 20 ocorrências, representando, assim, 18,7% e 13,4 % do total. Por fim, **andar 3**, com o sentido de portabilidade, com o número de 6 ocorrências, representa apenas 4% do total.

Como podemos perceber, assim como a tabela 1 referente ao século XXI, a tabela 2 também apresenta **andar 1** e **andar 2** como os usos mais frequentes. Isso reforça a nossa hipótese de que estes sentidos mais básicos do verbo “andar” ainda retêm certa estabilidade na língua e que por isso, são os usos mais antigos.

Porém, ao analisarmos a tabela 2, veremos que ela difere da tabela 1 por apresentar **andar 5**, e não **andar 4**, como o terceiro uso mais frequente. Essa diferença ocorre porque no *corpus* oral do referido século, tivemos uma alta frequência de **andar 5**, ou seja, das 104 ocorrências totais do *corpus* oral, 23 delas são de **andar 5**, representando 22,1% do total. Tal número é considerado alto em comparação à mesma

modalidade do século XXI que apresenta apenas 8 ocorrências das 292 encontradas⁴⁵. A alta frequência de **andar 5** no *corpus* oral do século XXI, pode ter sua explicação no fato de que o *corpus* oral é composto por entrevistas e o assunto tratado nestas, pode ter sido favorável ao aparecimento desse determinado uso do verbo “andar” em detrimento dos outros usos do referido verbo. Mesmo com essa diferença, tais dados numéricos ainda indicam que esses usos em questão estão sofrendo o processo de gramaticalização por apresentarem um sentido mais abstrato e ter menor frequência do que **andar 1**.

Assim, na tabela representativa dos usos do verbo “andar” no século XXI, **andar 4** aparece como o quarto uso mais frequente, representando 13,4% do total de 149 ocorrências. **Andar 3**, por sua vez, assim como na tabela 6, aparece como o uso menos frequente indicando, dessa maneira, apenas 4% do total de 149 ocorrências.

Outro fato a se destacar é que, levando em consideração que o número total de ocorrências do século XXI é maior do que o número de ocorrências do século XX, 526 e 149, respectivamente, podemos observar que as porcentagens de **andar 1**, **andar 2**, **andar 3** e **andar 5** são proporcionais nos dois séculos.

Assim, temos que, no século XXI, **andar 1** representa 41,6% do total de ocorrências e no século XX, tal uso do verbo “andar” representa 40,9%, ou seja, apenas 0,7% de diferença. **Andar 2**, no século XXI, representa 23,4% dos dados e, no século XX, tal uso representa 22,8%, apenas 0,6% de diferença. Já **andar 3** representa apenas 2,3 % do total dos dados do século XXI e, no século XX, tal uso também representa uma baixa frequência, 4%. Por sua vez, **andar 5** representa 11% do total de ocorrências no século XXI e 18,7% no século XX.

Passamos agora a descrever o número de ocorrências dos usos do verbo “andar” no século XIX.

Tabela 3 - Distribuição de ocorrências dos usos do verbo “andar” no século XIX

Século	Andar 1		Andar 2		Andar 3		Andar 4		Andar 5		Total
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	
XIX	34	42,5	08	10,0	07	8,7	20,0	25,0	11	13,7	80

⁴⁵ É importante ressaltar que, como já explicado no capítulo de metodologia, o *corpus* do século XX é composto por 600 mil palavras no total. Tal número é inferior ao número de palavras do *corpus* do século XXI (1 milhão e 200 mil palavras). Tal diferença no número de palavras pode, também, ter influenciado nos resultados da análise.

Na tabela referente ao século XIX, podemos notar que, das 89 ocorrências totais do verbo “andar”, **andar 1** é o mais frequente, representando 42,5% do total. Em seguida, se diferenciando dos demais séculos até aqui analisados, o segundo uso mais frequente do século XIX é o **andar 4**, com o sentido de avaliação/constatação da realidade, o qual representa 22,4% do total. Tal diferença pode ter sido ocasionada pelo fato de que os textos que compõem o referido *corpus* formarem ambientes favoráveis desse determinado uso.⁴⁶

Prosseguindo nossa análise do *corpus* representativo do século XIX, o terceiro uso mais frequente do verbo “andar” é o **andar 5**, com sentido de marcador de duração da ação, representando 13,7% do total. **Andar 2** e **andar 3** representam os usos menos frequentes indicando, respectivamente, 10,0% e 8,7% do total de ocorrências.

Os resultados obtidos por meio do levantamento da frequência de uso dos dados dos séculos XIX, XX e XXI se mostraram relevantes à medida que apontaram **andar 1**, no sentido de caminhar, com o maior total de ocorrências em todos os *copora* descritos, revelando, assim, um alto grau de estabilidade e difusão de tal uso, considerado [+concreto] na língua. Outro fato a se destacar é que os usos de **andar 4** e **andar 5** demonstraram uma abstratização de seus conceitos indicando, assim, um caminho de gramaticalização, no entanto, o número de suas ocorrências, salvo **andar 4** no século XIX, nos fazem crer que tal gramaticalização se encontra em um estágio mais incipiente.

A seguir, expomos a tabela da distribuição dos tipos de classificação sintática de “andar”, segundo Castilho (2010), nos *corpora* dos séculos XIX, XX e XXI.

Tabela 4 - Distribuição dos tipos de classificação sintática do verbo “andar” segundo Castilho (2010) nos *corpora* dos séculos XIX, XX e XXI

Séculos	Verbo pleno		Verbo funcional		Verbo semi-auxiliar		Total
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	
XIX	34	42,2	35	43,7	11	13,7	80
XX	61	41,4	60	39,4	28	19,0	149
XXI	217	41,4	249	47,6	57	10,8	523
Total	312	41,6	342	45,6	96	12,8	750

⁴⁶ No século XIX, encontramos o mesmo caso do século XX referente à diferença do número de palavras, o que pode ter influenciado o resultado da análise obtido.

Na tabela 4, podemos notar que, no total das 750 ocorrências encontradas nos *corpora* dos séculos XIX, XX e XXI, 41,6% correspondem ao tipo de verbo “andar”, denominado por Castilho (2010) de pleno. Desses mesmos dados, 45,6% correspondem ao tipo de verbo funcional e, por fim, 12,8% correspondem ao tipo do verbo semi-auxiliar. É importante salientar que a porcentagem que representa o verbo “andar” pleno é inferior à porcentagem do verbo “andar” funcional, apenas 2%. Outro fato a se destacar, é que o verbo “andar” como semi-auxiliar apresenta apenas 96 ocorrências das 750 do total, ou seja, corresponde a 12,8% dos dados analisados. Tal fato pode indicar que o verbo “andar”, que possui a função sintática de semi-auxiliar, se encontra em processo de gramaticalização e é mais recente.

No entanto, mesmo estando em estágio inicial de gramaticalização, tal configuração do verbo “andar” vai ao encontro com o estágio denominado por Heine (1993) de dessemantização, que consiste em um processo através do qual, em contextos específicos, um item lexical é esvaziado de seu sentido lexical e adquire função gramatical.

Dessa maneira, levando em consideração o possível caminho de gramaticalização estabelecido por Castilho (2010), podemos observar que o verbo “andar”, inicialmente, se caracteriza como um verbo pleno, ou seja, é núcleo de um predicado. No entanto, ao sofrer um processo de gramaticalização, o verbo em estudo deixa de ser núcleo do predicado e passa a ser um verbo estativo e, por fim, semi-auxiliar.

4.2. Graus de gramaticalidade de andar + gerúndio

Nesta subseção, realizaremos testes de aplicação dos critérios de auxiliaridade nos dados levantados para atestar o grau de gramaticalidade por que passa o verbo “andar” seguido de gerúndio. Para tanto, retomaremos as ocorrências (26), (27), (28), (29) e (30) de **andar 5**, descritas na última subseção e estabeleceremos, com base na

literatura e no levantamento prévio dos dados, o seguinte conjunto de critérios de análise⁴⁷:

Quadro 22 - Critérios de auxiliaridade empregados nesta pesquisa

Critérios de Auxiliaridade
1. Detematização
2. Incidência da negação
3. Sujeito único
4. Paradigmatização
5. Inseparabilidade

a) **Detematização:** o verbo auxiliar, segundo Heine (1993) e Longo (1990), não atribui função aos complementos da oração.

(26) [Exato.] O senhor ouviu esse negócio da Cocea, que o [governador anda apurando agora. Que loucura! Que absurdo!]. (Século XXI oral, PEUL)

Em (26) percebemos que o verbo “andar” desloca sua função de núcleo do predicado para o verbo a sua direita. Dessa forma, é o verbo “apurar”, na forma nominal de gerúndio, que seleciona os argumentos internos e externos da oração.

(27) Por essas coisas, eu ando com pouca vontade de compartilhar. A internet é bacana, mas também pode ser pára-raio de maníacos, como aqueles IPs que apareciam mais de 50 vezes no contador, ou como a pessoa que pesquisou toda a sua vida antes de falar com você. Ando questionando se a minha relação com as comunidades virtuais são construtivas, se tem me acrescentado algo legal, ou se é só uma conversa sozinha de louca. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

Em (27), percebemos que o núcleo do predicado é o complemento do verbo “andar” que é expresso por outro verbo na forma nominal de gerúndio, “questionando”.

⁴⁷ Assim como Fernandes (2012), optamos por relacionar os critérios de auxiliarização às mudanças no nível sintático, além de considerarmos que tais critérios englobam outros apresentados no capítulo de metodologia trabalho e, portanto, seriam adequados para aferir o grau de gramaticalidade de V1.

Dessa forma, no exemplo (27), quem seleciona os argumentos da oração em que o verbo “andar” está presente é o verbo “questionar”.

(28) Ali, depois que terminou a feira sempre eles davam bailes no carnaval, lá nos diversos salões lá, era o baile do, do pavilhão de festas e tudo, todo mun... muita gente gostava de ir. Eu di... di... distribuía convites pra diversas pessoas porque eu trabalhava lá no estado e recebia, às vezes na comissão até de carnaval mesmo **andei trabalhando**. (Século XX oral, NURC)

Em (28), assim como em (26) e (27), o núcleo do predicado da oração em que o verbo “andar” está inserido é o verbo “trabalhar”. Assim, “trabalhar”, na forma nominal de gerúndio, possui a função de selecionar os argumentos da oração.

(29) O copo d’água que não bebi permanece translúcido na mesinha de cabeceira como na véspera. Espanto-me com a novidade, pois durante meses, qualquer água que repousa ao meu lado torna-se imediatamente tão borbulhante quanto a mais autêntica Pevirier. **Ando pensando** até em industrializá-la numa produção caseira que ajuda nesses tempos difíceis. (Século XX escrito, nível de formalidade 2)

Em (29), percebemos também, que é o verbo “pensar” o responsável por selecionar os argumentos da oração em que está inserido e não o verbo “andar”.

(30) [...] ora suponho que digam verdade, parece-lhe a Vossa Mercê justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que **andam mostrando** as suas habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? (Século XIX)

Por fim, em (30) também podemos constatar que o núcleo do predicado é expresso pelo verbo “mostrar” na forma nominal de gerúndio. Portanto, é o verbo “mostrar” e não o verbo “andar” o responsável pela seleção dos argumentos na oração.

Desse modo, temos que em (26), (27), (28), (29) e (30) os verbos “apurar”, “questionar”, “trabalhar”, “pensar” e “mostrar” são os que atribuem função aos argumentos internos e externos de suas respectivas orações.

b) Incidência da negação: segundo Heine (1993) e Longo (1990), uma sequência em auxiliarização não pode ser separada por um negativizador. Verificaremos a seguir, pela aplicação de testes, se a construção “andar + gerúndio” se enquadra em tal critério:

(26) [Exato.] O senhor ouviu esse negócio da Cocea, que o [governador **anda** apurando agora. Que loucura! Que absurdo!]. (Século XXI oral, PEUL)

(26a) [Exato.] O senhor ouviu esse negócio da Cocea, que o [governador [**não**] **anda** apurando agora. Que loucura! Que absurdo!]. (Século XXI oral, PEUL)

(26b) [Exato.] O senhor ouviu esse negócio da Cocea, que o [governador **anda** [**não**] apurando agora. Que loucura! Que absurdo!]. (Século XXI oral, PEUL)

Podemos perceber que em (26a), a ocorrência da negação anteposta a construção “anda apurando” incide sobre toda a estrutura em questão. No entanto, ao deslocarmos a negação por entre os elementos da referida estrutura como em (26b), a negação incidirá apenas sobre o verbo “apurar”, tornando a sentença agramatical.

(27) Por essas coisas, eu ando com pouca vontade de compartilhar. A internet é bacana, mas também pode ser pára-raio de maníacos, como aqueles IPs que apareciam mais de 50 vezes no contador, ou como a pessoa que pesquisou toda a sua vida antes de falar com você. **Ando** questionando se a minha relação com as comunidades virtuais são construtivas, se tem me acrescentado algo legal, ou se é só uma conversa sozinha de louca. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

(27a) Por essas coisas, eu ando com pouca vontade de compartilhar. A internet é bacana, mas também pode ser pára-raio de maníacos, como aqueles IPs que apareciam mais de 50 vezes no contador, ou como a pessoa que pesquisou toda a sua vida antes de falar com você. [**Não**] **ando** questionando se a minha relação com as comunidades virtuais são construtivas, se tem me acrescentado algo legal, ou se é só uma conversa sozinha de louca. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

(27b) Por essas coisas, eu ando com pouca vontade de compartilhar. A internet é bacana, mas também pode ser pára-raio de maníacos, como aqueles IPs que apareciam mais de 50 vezes no contador, ou como a pessoa que pesquisou toda a sua vida antes de falar com você. **Ando** [**não**] questionando se a minha relação com as comunidades virtuais são construtivas, se tem me acrescentado algo legal, ou se é só uma conversa sozinha de louca. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

Em (27a), a partícula “não”, ao ser colocada posposta a construção “ando questionando”, transfere sua negação para toda a construção em questão. O mesmo não

corre em (27b), em que a partícula “não”, ao se apresentar como material interveniente faz com que a oração se torne agramatical.

(28) Ali, depois que terminou a feira sempre eles davam bailes no carnaval, lá nos diversos salões lá, era o baile do, do pavilhão de festas e tudo, todo mun... muita gente gostava de ir. Eu di... di... distribuía convites pra diversas pessoas porque eu trabalhava lá no estado e recebia, às vezes na comissão até de carnaval mesmo **andei** trabalhando. (Século XX oral, NURC)

(28a) Ali, depois que terminou a feira sempre eles davam bailes no carnaval, lá nos diversos salões lá, era o baile do, do pavilhão de festas e tudo, todo mun... muita gente gostava de ir. Eu di... di... distribuía convites pra diversas pessoas porque eu trabalhava lá no estado e recebia, às vezes na comissão até de carnaval mesmo **[não] andei** trabalhando. (Século XX oral, NURC)

(28b) Ali, depois que terminou a feira sempre eles davam bailes no carnaval, lá nos diversos salões lá, era o baile do, do pavilhão de festas e tudo, todo mun... muita gente gostava de ir. Eu di... di... distribuía convites pra diversas pessoas porque eu trabalhava lá no estado e recebia, às vezes na comissão até de carnaval mesmo **andei [não]** trabalhando. (Século XX oral, NURC)

Em (28a), percebemos que a negação incide sobre toda a construção “andei trabalhando” por se localizar posposta a ela. Já em (28b), a negação incide apenas sobre o verbo “trabalhar”, por estar inserida no interior da construção.

(29) O copo d’água que não bebi permanece translúcido na mesinha de cabeceira como na véspera. Espanto-me com a novidade, pois durante meses, qualquer água que repousa ao meu lado torna-se imediatamente tão borbulhante quanto a mais autêntica Pevirier. **Ando** pensando até em industrializá-la numa produção caseira que ajuda nesses tempos difíceis. (Século XX escrito, nível d formalidade 2)

(29a) O copo d’água que não bebi permanece translúcido na mesinha de cabeceira como na véspera. Espanto-me com a novidade, pois durante meses, qualquer água que repousa ao meu lado torna-se imediatamente tão borbulhante quanto a mais autêntica Pevirier. **[Não] ando** pensando até em industrializá-la numa produção caseira que ajuda nesses tempos difíceis. (Século XX escrito, nível d formalidade 2)

(29b) O copo d’água que não bebi permanece translúcido na mesinha de cabeceira como na véspera. Espanto-me com a novidade, pois durante meses, qualquer água que repousa ao meu lado torna-se imediatamente tão borbulhante quanto a mais autêntica Pevirier. **Ando [não]** pensando até em industrializá-la numa produção caseira que ajuda nesses tempos difíceis. (Século XX escrito, nível d formalidade 2)

Em (29a), “ando pensando” recebe a incidência da negação por toda sua constuição. Já em (29b), apenas o verbo “pensando” recebe a incidência da negação por esta se apresentar como um material interveniente.

(30) [...]ora suponho que digam verdade, parece-lhe a Vossa Mercê justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que **andam mostrando** as suas habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? (Século XIX)

(30a) [...]ora suponho que digam verdade, parece-lhe a Vossa Mercê justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que **[não] andam mostrando** as suas habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? (Século XIX)

(30b) [...]ora suponho que digam verdade, parece-lhe a Vossa Mercê justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que **andam [não] mostrando** as suas habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? (Século XIX)

Em (30a), podemos perceber que a negação incide por toda a construção “andam mostrando” por estar posposta a ela. O mesmo não ocorre em (30b) uma vez que, a negação incide apenas sobre o verbo “mostrar”.

Através da aplicação do critério da negação nos exemplos (26), (27), (28), (29) e (30), observamos que a partícula de negação, quando colocada entre o verbo “andar” e o verbo que o sucede (“apurar”, “questionar”, “trabalhar”, “pensar” e “mostrar”), torna a oração agramatical. Isso significa dizer que a partícula negativa incide por toda a construção “andar + gerúndio” e não apenas sobre suas partes separadamente, indicando, dessa maneira, um grau de conexão evidente entre o verbo andar e V2.

- c) **Sujeito único:** segundo Heine (1993) e Longo (1990), a construção em auxiliarização aceita apenas um sujeito, ou seja, tanto o verbo auxiliar quanto V2 devem ter o mesmo sujeito. Esse comportamento é atestado nas ocorrências exemplificadas a seguir:

(26) [Exato.] O senhor ouviu esse negócio da Cocea, que o [governador **anda apurando** agora. Que loucura! Que absurdo!]. (Século XXI oral, PEUL)

Podemos perceber em (26) que a construção “anda apurando” possui um único sujeito que é expresso pelo substantivo “governador”.

(27) Por essas coisas, eu ando com pouca vontade de compartilhar. A internet é bacana, mas também pode ser pára-raio de maníacos, como aqueles IPs que apareciam mais de 50 vezes no contador, ou como a pessoa que pesquisou toda a sua vida antes de falar com você. **Ando questionando** se a minha relação com as comunidades virtuais são construtivas, se tem me acrescentado algo legal, ou se é só uma conversa sozinha de louca. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

Em (27), assim como em (26), a construção “ando questionando” possui um único sujeito no caso, o próprio falante.

(28) Ali, depois que terminou a feira sempre eles davam bailes no carnaval, lá nos diversos salões lá, era o baile do, do pavilhão de festas e tudo, todo mun... muita gente gostava de ir. Eu di... di... distribuía convites pra diversas pessoas porque eu trabalhava lá no estado e recebia, às vezes na comissão até de carnaval mesmo **andei trabalhando**. (Século XX oral, NURC)

Em (28), o falante apresenta-se como único sujeito da construção “andei trabalhando”.

(29) O copo d’água que não bebi permanece translúcido na mesinha de cabeceira como na véspera. Espanto-me com a novidade, pois durante meses, qualquer água que repousa ao meu lado torna-se imediatamente tão borbulhante quanto a mais autêntica Pevirier. **Ando pensando** até em industrializá-la numa produção caseira que ajuda nesses tempos difíceis. (Século XX escrito, nível de formalidade 2)

Em (29), o único sujeito da construção “ando pensando” é a própria cronista que relata o fato ocorrido.

(30) [...] ora suponho que digam verdade, parece-lhe a Vossa Mercê justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que **andam mostrando** as suas

habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? (Século XIX)

Por fim, em (30), a construção “andam mostrando” possui, também, um único sujeito no caso, pessoas que mostram suas habilidades em público expressas na oração pelo pronome “todas”.

Desse modo, percebemos que, em (26), a construção “anda apurando” possui um só sujeito exposto pelo substantivo “governador”. Em (27) ocorre o mesmo fato uma vez que, a construção “ando questionando” possui um único sujeito exposto pela marca morfológica de 1º pessoa do singular no verbo “andar”. Em (28), sobre a construção “andei trabalhando”, incide também, um único sujeito exposto pela marca morfológica de 1º pessoa do singular no verbo “andar”. Também em (29), a construção “ando pensando” possui apenas um sujeito exposto na marca morfológica de 1º pessoa do singular presente no verbo “andar”. E, em (30) por sua vez, não diferindo das demais ocorrências aqui analisadas, a construção “andam mostrando”, também possui um único sujeito exposto pelo pronome “todos”.

Como podemos perceber tais ocorrências atendem perfeitamente ao teste de sujeito único proposto por Heine (1993) e Longo (1990).

d) Paradigmatização: segundo Heine (1993) e Longo (1990), um verbo considerado auxiliar deve comportar um paradigma completo de conjugação. Sendo assim, realizamos testes segundo a aplicação de uma forma simples correspondente à construção em auxiliaridade, como pode ser verificado a seguir:

(26) [Exato.] O senhor ouviu esse negócio da Cocea, que o [governador anda apurando agora. Que loucura! Que absurdo!]. (Século XXI oral, PEUL)

(26c) [Exato.] O senhor ouviu esse negócio da Cocea, que o [governador apura agora. Que loucura! Que absurdo!]. (Século XXI oral, PEUL)

Como podemos perceber, em (26) e (26c), há correspondência entre a forma simples “apuro” e a estrutura “anda apurando”.

(27) Por essas coisas, eu ando com pouca vontade de compartilhar. A internet é bacana, mas também pode ser pára-raio de maníacos, como aqueles IPs que apareciam mais de 50 vezes no contador, ou como a pessoa que pesquisou toda a

sua vida antes de falar com você. **Ando questionando** se a minha relação com as comunidades virtuais são construtivas, se tem me acrescentado algo legal, ou se é só uma conversa sozinha de louca. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

(27c) Por essas coisas, eu ando com pouca vontade de compartilhar. A internet é bacana, mas também pode ser pára-raio de maníacos, como aqueles IPs que apareciam mais de 50 vezes no contador, ou como a pessoa que pesquisou toda a sua vida antes de falar com você. **Questiono** se a minha relação com as comunidades virtuais são construtivas, se tem me acrescentado algo legal, ou se é só uma conversa sozinha de louca. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

Em (27) e (27c) também há uma convergência entre a forma simples “questiono” e a forma composta “ando questionando”.

(28) Ali, depois que terminou a feira sempre eles davam bailes no carnaval, lá nos diversos salões lá, era o baile do, do pavilhão de festas e tudo, todo mun... muita gente gostava de ir. Eu di... di... distribuía convites pra diversas pessoas porque eu trabalhava lá no estado e recebia, às vezes na comissão até de carnaval mesmo **andei trabalhando**. (Século XX oral, NURC)

(28c) Ali, depois que terminou a feira sempre eles davam bailes no carnaval, lá nos diversos salões lá, era o baile do, do pavilhão de festas e tudo, todo mun... muita gente gostava de ir. Eu di... di... distribuía convites pra diversas pessoas porque eu trabalhava lá no estado e recebia, às vezes na comissão até de carnaval mesmo **trabalhei**. (Século XX oral, NURC)

Assim, em (28) e (28c), também percebemos que as formar “andei trabalhando” e “trabalhei” se correspondem.

(29) O copo d’água que não bebi permanece translúcido na mesinha de cabeceira como na véspera. Espanto-me com a novidade, pois durante meses, qualquer água que repousa ao meu lado torna-se imediatamente tão borbulhante quanto a mais autêntica Pevrier. **Ando pensando** até em industrializá-la numa produção caseira que ajuda nesses tempos difíceis. (Século XX escrito, nível de formalidade 2)

(29c) O copo d’água que não bebi permanece translúcido na mesinha de cabeceira como na véspera. Espanto-me com a novidade, pois durante meses, qualquer água que repousa ao meu lado torna-se imediatamente tão borbulhante quanto a mais autêntica Pevrier. **Penso** até em industrializá-la numa produção caseira que ajuda nesses tempos difíceis. (Século XX escrito, nível de formalidade 2)

Em (29) e (29c), a forma simples “penso” corresponde à forma composta “ando pesando”.

(30) [...]ora supponho que digam verdade, parece-lhe a Vossa Mercê justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que **andam mostrando** as suas habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? (Corpus século XIX)

(30c) [...]ora supponho que digam verdade, parece-lhe a Vossa Mercê justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me meta agora a isso, e à custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por tais tenho eu todos os que **mostram** as suas habilidades em público, ou em particular, quase sempre a quem não entende nada das suas ciências, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? (Corpus século XIX)

Por fim, em (30) e (30c) também podemos observar a convergência entre as formas “andam mostrando” e “mostram”.

Através dos exemplos anteriores, é possível perceber que há uma correspondência entre as formas “anda apurando” e “apura”, “ando questionando” e “questiono”, “andei trabalhando” e “trabalhei”, “ando pensando” e “penso” e “andam mostrando” e “mostram”. Assim, podemos dizer que o verbo “andar” na construção “andar + gerúndio” forma um paradigma completo de conjugação.

- e) **Inseparabilidade:** segundo Longo (1990) será maior a gramaticalização do conjunto que não permitir a inserção de material em seu interior. Para atestar tal critério observaremos as ocorrências (31), (32), (33), (34) e (35)⁴⁸ a seguir:

(31) Tá todo mundo sem educação , né? Geral, em todas as áreas. Eu tava vendo numa: uma reportagem no jornal um dia desses... uma coisa que **anda me irritando** ultimamente, é os banheiro públicos que são ruas, e árvores, e praças públicas que as pessoas agora param prá uriná na rua, num sei se você já reparou. (corpus século XXI oral, PEUL)

⁴⁸ Para demonstração da aplicabilidade ou não dessa afirmação, recorremos a outras ocorrências de “andar + gerúndio” encontradas em nossos *corpora*.

Em (31), podemos perceber que no interior da construção “anda irritando”, possui um material interveniente, “me”. Contudo, tal material interveniente não torna a sentença agramatical.

(32) A procura de um cardiologista foi necessária, uma vez, que tenho um histórico cardíaco horroroso, e não **ando me sentindo** bem ultimamente, minha pressão arterial continua instável [...] (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

Em (32), podemos observar que, a construção “ando sentindo” também apresenta uma partícula interveniente, “me”. Este material, por sua vez, não torna a sentença em que está inserido agramatical.

(33) Olha, eu respeito muito bebida, tenho medo. Minha mulher **andou um tempo servindo** vinho aos domingos assim e o mais velho gosta. Eu então, à socapa, eu disse a ela: olha, vamos acabar com esse vinho assim porque habitua e não convém mesmo, sabe, não convém. (Século XX oral, NURC)

Em (33), assim como em (31) e (32), a sentença em que aparece a construção “andou servindo” não se torna agramatical com a presença de um material interveniente “um tempo”, dentro da construção em questão.

(34) O tucano Simão Sessim, candidato em Ninópolis, na Baixada Fluminense, tem o apoio de agremiações de esquerda como o PPS e o PV e de dignos representantes da outra banda, como o gigante PMDB e nos nanicos Pt do B e PSL. E **anda também flertando** com o PTB. (Século XX escrito, nível de formalidade 3)

Em (34), observa-se que a construção “anda flertando” comporta um material interveniente em seu interior, “também”. Tal fato, não torna a sentença em questão agramatical.

(35) Qual será o amor bastante De ninfa que sustente o de um gigante? **Andava ele cursando** retórica em Coimbra para ir vestir o hábito de frade fidalgo em São [...] (Século XIX)

Por fim, em (35), a construção “andava cursando” é composta por um material interveniente representado pelo item “ele”.

Como podemos observar as ocorrências (31), (32), (33), (34) e (35) apresentam a construção “andar + gerúndio” composta por um material interveniente. Assim, temos

que em (31) e (32), a construção “andar + gerúndio” apresenta o pronome pessoal “me” como material interveniente. Em (33) “andar + gerúndio” também é separada por um material interveniente expresso pelo advérbio “um tempo”. A construção em questão também é separada em (34), por um advérbio, “também”. E, por fim, a construção “andar + gerúndio” em (35), é separada pelo pronome “ele”.

Desse modo, dos critérios investigados, consideramos que o verbo “andar” atende aos critérios de (a), (b), (c) e (d). Quanto ao critério (e), verifica-se que não se aplica aos dados analisados, uma vez que houve ocorrências em que materiais intervenientes se posicionaram no interior da estrutura “andar + gerúndio”. Isso indica que o verbo “andar” não está totalmente gramaticalizado uma vez que, em alguns casos, parece haver entre ele e o V2 uma relação frouxa.

A tabela a seguir faz uma demonstração numérica desses resultados.

Tabela 5 - Distribuição da percentagem da aplicabilidade dos testes de auxiliaridade nos dados pancrônicos

Detematização		Incidência de negação		Sujeito único		Paradigmatização		Inseparabilidade	
n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
96	100	96	100	96	100	96	100	83	86,4
Total: 96									

Os testes de auxiliaridade foram aplicados em todos os dados encontradas de “andar + gerúndio” nos *corpora* dos séculos XIX, XX e XXI que totalizaram 96 ocorrências. Podemos perceber que, em 100% dos dados, os testes de detematização, incidência de negação, sujeito único e paradigmatização se realizaram com sucesso. Porém, apenas o teste de Inseparabilidade obteve uma percentagem menor, 86,4%. Esse fato demonstra que o verbo “andar” dentro da estrutura “andar + gerúndio” não está totalmente gramaticalizado e os dados numéricos ajudam a comprovar isso.

A seguir, demonstraremos a tabela de distribuição dos dados que não se encaixaram no teste de inseparabilidade por nós, aplicado.

Tabela 6 - Distribuição das ocorrências não aplicáveis ao teste de inseparabilidade

Modalidade	Século XIX		Século XX		Século XXI		Total
	n°	%	n°	%	n°	%	
Oral	00	0,0	02	18,1	09	81,8	11
Escrita	03	50,0	02	33,3	01	16,6	06
Total	03	20,0	04	13,3	10	66,6	17

Como podemos observar, em nossos *corpora* dos séculos XIX, XX e XXI, encontramos 17 ocorrências de “andar + gerúndio” com material interveniente e que, portanto, não se aplicaram ao teste proposto por Lobato (1990) de inseparabilidade. Desse total de 17 ocorrências, 20% são referentes ao século XIX e 13,3%, referentes ao século XX. No que diz respeito ao século XXI, encontramos 66,6% do total de ocorrências.

Desse levantamento podemos perceber dois pontos importantes. O primeiro ponto a se destacar é que a maior ocorrência de “andar + gerúndio” com material interveniente ocorreu no século XXI. Das 17 ocorrências do total de dados, 10 delas são do século XXI, ou seja, mais da metade dos dados compondo, assim, 66,6% do total. Tal evidência pode ter explicação no fato de que o *corpus* do século XXI é composto por um número maior de palavras (1 milhão e duzentos mil) do que o número de palavras do *corpus* referente ao século XX (600 mil) e XIX (600 mil).

O segundo ponto a se destacar é que, através do levantamento dos dados, podemos constatar que a maior incidência de material interveniente dentro da estrutura “andar + gerúndio” ocorre na modalidade oral, 73,3% contra 26,6% de ocorrências na modalidade escrita. Isso endossa nossa hipótese de que a estrutura em questão ainda está no início de sua gramaticalização.

Dessa forma, aplicados os devidos testes de auxiliaridade na estrutura “andar+ gerúndio”, constatamos que o verbo “andar” não atendeu ao critério de inseparabilidade proposto por Longo (1990) o que indica que não está totalmente gramaticalizado. Dessa forma, podemos considerar que tal verbo não se configura como um auxiliar, tal como é abordado pela maioria dos autores elencados no capítulo 1, mas sim como semi-auxiliar e a estrutura a que pertence, por sua vez, é considerada uma perífrase.

4.3. Semantização de andar seguido de gerúndio

Como já visto na seção de aporte teórico, Travaglia (1985) propõe, em seu trabalho, um quadro aspectual do português e enumera 14 tipos deles, a saber: durativo, indeterminado, interativo, habitual, pontual, não começado, não acabado ou começado, acabado, inceptivo, cursivo, terminativo, perfectivo, imperfectivo e aspecto não atualizado.

No entanto, nesta subseção, estudaremos apenas os aspectos iterativo, imperfectivo, durativo e cursivo, uma vez que, no levantamento de dados, verificamos que nosso objeto de estudo configura apenas esses aspectos.

- a) **Aspecto iterativo:** segundo Travaglia (1985), se caracteriza por apresentar a situação como tendo duração descontínua, ou seja, uma duração que é interrompida de tempos em tempos, limitada e marcada gramaticalmente. Assim, temos a seguinte ocorrência:

(36) O Fundão é um negócio inacreditável! Eu **andei dando** umas aulas no Fundão em janeiro e fevereiro, que me pegaram prum programa da COPPE. Vocês conhecem a COPPE? (*Corpus século XXI oral, PEUL*)

Na ocorrência (36), o entrevistado relata que, em um período do passado, realizou a função de dar aula mais de uma vez em um determinado lugar. Assim, podemos perceber que na referida ocorrência a perífrase “andai dando” apresenta uma duração descontínua limitada.

A noção de iteração da ação descrita, ou seja, a ideia de repetição da ação de “dar aula” é fornecida pela presença do verbo “andar” na perífrase “andei dando”. Como já vimos no capítulo 1, uma das etimologias encontradas para o verbo “andar”, foi a de Cunha (1998) em que o autor nos revela que a hipótese mais provável é a de que tal verbo tem sua origem no item latino *ambitare*, derivado por sua vez, de *ambire* que significa “dar voltas, rodear” (Cunha, 1998, p. 45). Ao seguirmos essa acepção, percebemos que o verbo “andar” deriva de outro verbo do latim que tem como sentido, uma noção de repetição da ação, por tanto, uma iteração.

Desse modo, a iteração presente em (36) se encontra marcada pela presença do verbo “andar” na perífrase “andei dando” que, por sua vez, retém o traço de “repetição” de seu sentido fonte (dar voltas, rodear) e indica, dessa maneira, que a ação descrita por V2 é dinâmica e, portanto, repetitiva.

Outro elemento marcador de interação, presente na oração em questão, é o pronome indefinido “umas” juntamente com a marca morfológica de plural presente no substantivo “aula”. Tais elementos indicam que a ação descrita por V2 se realizou por mais de uma vez no passado.

Por fim, podemos perceber em (33) que a marcação da duração da ação é limitada uma vez que, o adjunto adverbial de tempo “em janeiro e fevereiro” marca o espaço de tempo em que a ação de “dar aula” se repetiu no passado.

(37) **Andei fugindo** do meu regime esses dias e to naquele momento de me redimir, sabe? Nada melhor do que retomar os posts sobre regime dos recém-casados. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

A ocorrência (37) foi retirada de um *blog* que tem como tema, o universo feminino. Desse modo, na referida ocorrência, a blogueira revela que, por mais de uma vez, em um passado recente, abriu mão da sua prática de regime.

Podemos perceber em (37), assim como em (36), que a perífrase “andei fugindo” apresenta a noção de duração da ação de “fugir” como iterativa e limitada. Desse modo, a noção de iteração é marcada pela presença do verbo “andar” na perífrase em questão que, por sua vez, ainda retém em seu significado, a noção de ação repetitiva e dinâmica de seu significado etimológico, (dar voltas, rodear).

Já a limitação da iteração da ação de “fugir”, é marcada pela presença do adjunto adverbial de tempo “esses dias” que delimita o espaço de tempo em que as repetições de fugir ocorreram.

(38) A minha, minha mulher **anda fazendo** uns pés-de-moleque ultimamente lá no, no, na fazenda e é uma perturbação, porque eu começo e não tenho vontade de acabar de comer, né? Amendoim é uma delícia, né? Tudo que entra amendoim é gostoso. (Século XX oral, NURC)

Em (38), o entrevistado relata que sua mulher, no presente, realiza a ação de fazer um doce chamado “pé-de-moleque”. Podemos perceber que tal ação possui uma noção de duração iterativa limitada.

Desse modo, a noção de repetição da ação “fazer”, assim como em (36) e (37), está marcada pela presença do verbo “andar” na perífrase “ando fazendo”, pois este, como já dito anteriormente, trás consigo o traço de repetição de seu sentido etimológico (dar voltas, rodear) acarretando a incidência de iteração na ação descrita pela perífrase a que pertence.

Por fim, a limitação da ação é marcada pela presença do advérbio de tempo, “ultimamente”, na sentença. Tal advérbio ajuda na delimitação do tempo em que a repetição da ação de “fazer doces” acontece.

(39) Ninguém nem eu pediria mais bacalhaus ao Bacalhau do Rei, na rua Marquês de S. Vicente 11 (tel. 239-8945), onde **andei comendo**, há algum tempo, certas bobagens. (Século XX escrito, nível de formalidade 3)

A ocorrência (39) foi retirada de uma crônica publicada em um jornal da década de 1990. Na ocorrência em questão, o autor da crônica admite que, em algum momento do passado, realizou a ação de comer “bobagens” em um estabelecimento chamado “Bacalhau do Rei”.

Podemos perceber que a ação realizada pelo cronista possui uma duração iterativa limitada. Isto se dá porque a oração em que está descrita a ação realizada pelo agente, é coposta pela perífrase “andai comendo”. Esta, por sua vez, indica que a ação de “comer” possui uma duração que é considerada iterativa por apresentar em sua estrutura o verbo “andar”. Tal verbo, ao reter o traço de repetição de seu sentido etimológico (dar voltas, rodear) fornece à perífrase a noção de iteração, ou seja, de repetição. Já a noção de limitação da ação, é marcada pela presença do adjunto adverbial “algum tempo”, que marca o espaço de tempo em que a ação de “comer” se repetiu.

(40) O que também lhe posso dizer a ele também é que os resultados da prática são ótimos. Segundo as prescrições do Moreira **ando também tomando** litina duas vezes por dia antes das refeições. Inchou-me muito de gota um dedo da mão.

Em (40), o falante relata que, para curar-se de uma gota presente em sua mão, repete a ação de tomar um remédio chamado “latina”, duas vezes ao dia antes das refeições. Podemos notar que em (40), a perífrase “ando tomando” fornece à oração em que está inserida, a noção de duração iterativa ilimitada.

Assim, a noção de iteração, tal como nas demais ocorrências analisadas nesta subseção, é marcada pela presença do verbo “andar” na perífrase “ando tomando” que ainda carrega traço de repetição de seu sentido etimológico (dar voltas, rodear) e fornece à oração em que está inserido a noção de repetição. Outro elemento na oração que fornece a noção de iteração é a marcação das quantidades de vezes em que o falante em questão realiza a ação de tomar remédio indicada pelo adjunto adverbial “duas vezes”. Por fim, a ação é considerada limitada por ser delimitada pela quantidade de tempo descrito pelo adjunto adverbial “por dia”.

Assim, como podemos observar através das ocorrências (36), (37), (38), (39) e (40), a perífrase “andar + gerúndio” fornece à oração em que está inserida, a atualização do aspecto iterativo limitado por indicar, através do verbo “andar” e pelos adjuntos adverbiais, que a ação descrita se repete em um determinado período de tempo.

b) Aspecto imperfectivo: segundo Travaglia (1985), se caracteriza por apresentar a situação como incompleta, isto é, segundo o autor, nesse tipo de aspecto, o todo da situação não é indicado e, por isso, normalmente ele é apresentado em uma de suas fases de desenvolvimento. Pode-se observar tal aspecto através das seguintes ocorrências:

(41) Depois fiz inglês, e tal, pelas próprias viagens que eu **ando fazendo**, que diz, não aprendi nenhuma língua, mas tenho o maior interesse em fazê lá conversação. (Século XXI oral, PEUL)

Em (41), o entrevistado revela ao entrevistador que, por fazer muitas viagens no presente, tem vontade de aprender outra língua.

Podemos perceber que em (41), a perífrase “ando fazendo” atualiza o aspecto imperfectivo da ação. Tal marcação de aspecto ocorre pelo fato de que o verbo “andar,” presente na perífrase em questão, está conjugado no presente do indicativo, assinalando, desse modo, que a ação de “fazer” se realiza no momento e que não tem nenhuma previsão de término.

(42) Fui ler e reparei nas leituras bandeirosas que **ando lendo** de Dezembro para cá [...] (Século XXI escrito, nível de formalidade 3)

A ocorrência (42) foi retirada de um *blog* de entretenimento em que a escritora relata sua percepção de que suas leituras têm sido “bandeiras”. Podemos perceber nessa ocorrência, que a ação de “ler” descrita pela blogueira, se efetua em um período indeterminado de tempo e que, portanto, a ação se apresenta como inacabada.

A noção de ação inacabada em (42), se dá pela presença da perífrase “ando lendo” em que o verbo “andar” está conjugado no presente do indicativo e que, portanto, fornece para a perífrase em que está inserido a noção de ação em pleno desenvolvimento. Outro elemento que fornece à oração a noção de inacabada é a presença do adjunto adverbial “de dezembro pra cá”, que por sua vez, indica a duração de tempo indeterminado em que a ação se realiza uma vez que, não delimita o seu ponto final.

(43) Eu há pouco tempo **andava passando** mal, um problema de, de um protozoário que **andava aí infestando** o meu intestino [...] (Século XX oral, NURC)

Em (43), a entrevistada relata que no passado, passou mal devido a uma infestação de protozoário em seu intestino.

Podemos perceber que em (43) encontramos duas perífrases que marcam o aspecto imperfectivo nas orações em que estão inseridas. A primeira perífrase “andei passando” fornece à sua oração o aspecto em questão por apresentar em sua construção o verbo “andar” conjugado no pretérito imperfeito indicando, dessa maneira, que a ação de “passar” não é acabada, terminada.

O mesmo ocorre com a oração que possui a perífrase “andava infestando” em que o verbo “andar” também está expresso no pretérito imperfeito que por sua vez, indica que a ação descrita em V2 está incompleta, ou seja, não há como saber por quanto tempo a ação de “infestar” durou ou mesmo, se cessou.

(44) Segundo amigos, Cláudia vivia uma fase particularmente feliz, **andava comendo** além da conta e tinha engordado um pouco. (Século XX escrito, nível de formalidade 3)

Na ocorrência (44), encontramos o relato de amigos de uma determinada pessoa chamada “Cláudia” de que esta, por estar passando por um momento bom em sua vida, realizou a ação de se alimentar bem no passado.

Podemos perceber que em (44), a ação de comer presente na perífrase “andou comendo” se apresenta com o aspecto imperfectivo. Isso ocorre porque na perífrase em questão, o verbo “andar” está conjugado no pretérito imperfeito fornecendo á seu complemento V2 a indicação de ação não acabada.

(45) Não tenho tempo agora, mas preciso escrever-te sobre uma certa literatura que | **ando fabricando**, e que te destino a ti. (Século XIX)

Na ocorrência (45), o escritor de uma carta relata a seu destinatário que realiza a ação de “fabricar” uma certa literatura no presente.

Podemos perceber em (45) que, a perífrase “andar + gerúndio” fornece à sua oração a atualização de aspecto imperfectivo. Isto se dá porque o verbo “andar” está conjugado no presente do indicativo indicando, assim, que a ação de V2 ainda se realiza no presente e, dessa forma, não está terminada, acabada.

Através das ocorrências (41), (42), (43), (44) e (45) observamos que a perífrase “andar + gerúndio” atualiza o aspecto imperfectivo por apresentar a ação descrita por V2, como inacabada. Tal marcação acontece quando o verbo semi-auxiliar “andar” está conjugado no pretérito imperfeito, (43), (44) e (45), ou seja, não marca o término da ação no passado; ou no presente do indicativo (41) e (42), quando indica que a ação ainda se encontra em desenvolvimento, ou seja, está imcompleta.

Ao retomarmos as ocorrências (36), (37), (38), (39) e (40), analisadas aqui como atualizadoras de aspecto iterativo, percebemos um fato importante: tais ocorrências parecem atualizar, também, o aspecto imperfectivo. Á título de ilustração, retomemos o exemplo (38):

(38) A minha, minha mulher **anda fazendo** uns pés-de-moleque ultimamente lá no, no, na fazenda e é uma perturbação, porque eu começo e não tenho vontade de acabar de comer, né? Amendoim é uma delícia, né? Tudo que entra amendoim é gostoso. (Século XX oral, NURC)

Analisamos anteriormente que a perífrase “ando fazendo” presente em (38), atualiza o aspecto iterativo uma vez que, indica que a ação de “fazer doce” se repete no

presente e, que tal repetição é marcada pela presença do verbo “andar” que retém em seu significado, o traço de repetição de seu sentido etimológico (dar voltas, rodear), e pela presença do advérbio “ultimamente”. No entanto, podemos perceber que tal perífrase também atualiza o aspecto imperfeito por apresentar a ação de “fazer doces” como inacabada no presente.

Sobre este fato, Travaglia (1985), em seu estudo sobre o aspecto verbal no português, afirma que “as frases com aspecto iterativo são mais comuns com o aspecto imperfeito para a mesma situação” (RAVAGLIA, 1985, p. 123, § 1º). Desse modo, comungamos com Travaglia (1985) de que, comumente, as perífrases atualizadoras de aspecto iterativo atualiza também aspecto imperfeito.

- c) **Aspecto durativo:** segundo Travaglia (1985), é caracterizado por apresentar a situação como tendo duração contínua limitada. Para o autor, é necessário saber identificar na frase em questão se a situação está, por qualquer meio, marcada como durativa. Vejamos os exemplos (46), (47), (48), (49) e (50):

(46) No outro dia foi... eu andei lendo foi sobre [a]...[a]... uma artista. Mas eu leio pouco tempo, porque [num]...[num]... não posso ficar mais tempo lendo. (Século XXI oral, PEUL)

No exemplo (46), a entrevistada relata que em um dia do passado, realizou a ação de “ler”, porém tal ação teve pouca duração, pois segundo ela, não pôde realizá-la por muito tempo.

Podemos perceber em (46) que, a perífrase “andar + gerúndio” atualiza o aspecto durativo, ou seja, a ação de “ler” se apresenta como uma ação contínua limitada.

Como já visto anteriormente, o verbo “andar”, quando pleno, possui um sentido [+concreto] de “caminhar” que, por sua vez, indica uma ação que denota necessariamente uma duratividade. Assim, a noção de duração presente na perífrase “andei lendo”, ocorre pela presença do verbo “andar” que, carrega consigo o traço durativo de seu sentido pleno (caminhar). Já a marcação de limitação presente na perífrase em questão, é estabelecida pela interação desta com outro elemento da oração que indica um período determinado pelo qual a ação de “ler” se realizou. Tal elemento é expresso pelo adjunto adverbial de tempo “no outro dia”, que delimita a extensão de tempo em que a ação de “ler” teve duração.

(47) Estudos, pesquisadores e treinadores físicos que **andei consultando** dizem que os exercícios que mais dão resultados de longo prazo são aqueles que tiram o corpo da zona de conforto. (Século XXI escrito, nível de formalidade 2)

A ocorrência (47) foi retirada de uma matéria de revista. Nela, uma pessoa relata que realizou a ação de consultar estudiosos e especialistas sobre qual o melhor exercício a fazer.

Podemos notar que em (47), a perífrase “andar + gerúndio” atualiza o aspecto durativo da oração em que está inserida. Tal atualização aspectual se dá, assim como em (46), pelo fato de que o verbo “andar” presente na perífrase em questão, ainda apresentar seu traço de duração advindo de seu sentido pleno (caminhar).

Outro item que ajuda na atualização do aspecto durativo na oração em questão, é V2 que, por sua vez, é representado por um verbo considerado por Travaglia (1985) como télico, ou seja, um verbo indicador de uma situações que culmina necessariamente a um fim, marcado pela forma nominal de gerúndio. Assim, a perífrase “andar + gerúndio”, mesmo estando no pretérito perfeito, indica que a ação “de consultar” apesar de completa no presente, teve uma duração no passado.

(48) DOC. - O senhor que gosta tanto de bacalhau, por acaso o senhor conhece ou alguma vez já provou um peixe que existe lá na minha terra?
LOC.- Pirarucu?

DOC.- É.

LOC. - Não. Mesmo quando **andaram fazendo** propaganda aí, eu, peixe de rio, eu acho que não comi nada até hoje. Não comi o tucunaré, não comi nem um que anda muito na moda aí, a tal da tilápia. (Século XX oral, NURC)

Em (48), a entrevistada ao ser indagada se alguma vez comeu Pirarucu, um peixe típico de uma determinada região, responde ao entrevistador que não, nem mesmo quando houve um tempo em que a propaganda desse tipo de peixe era constante.

Podemos perceber em (48), que a perífrase “andar + gerúndio” atualiza o aspecto durativo. Tal atualização de aspecto, assim como em (46) e (47), acontece pela presença do verbo “andar” que estende para a perífrase que faz parte, o traço de duração que ainda carrega de seu sentido pleno (caminhar). Além disso, a perífrase em questão, assim como em (46), é composta por um verbo télico na forma nominal de gerúndio que indica, por sua vez, que a ação de “fazer propaganda” teve uma duração no passado.

(49) Além de todos os aumentos de salários propostos, o novo presidente **andou sabendo** que tanto no Ministério da Educação como no das Comunicações foram abertas as torneiras para a importação de equipamentos. (Século XX escrito, nível de formalidade 3)

A ocorrência (49) foi retirada de uma notícia de jornal da década de 1990. Tal notícia relata que o então presidente da república soube que o Ministério da Educação e o Ministério de Comunicações gastaram muito dinheiro com a importação de equipamentos.

Podemos observar nesta ocorrência que, a perífrase “andar + gerúndio” atualiza o aspecto durativo da sentença. Isso ocorre porque o verbo “andar”, presente na perífrase em questão, distribui para a oração em que está inserido o traço de duração que ainda retém de seu sentido pleno (caminhar). O aspecto durativo também é marcado na sentença em questão pelo verbo “saber” que, por sua vez, indica um processo que não aceita descontinuidade.

(50) Isto há de se passar aí pelos começos do século 20, quando Portugal for uma | província espanhola, e Lisboa, já por impulso sincero do seu coração, já por servilismo | com a raça dominadora, já por falta de melhores heróis, estiver erguendo na sua mais bela | praça, uma estátua à Antónia Moreno. **Em que andas tu trabalhando** agora?

Em (50), o remetente de uma carta pergunta à seu destinatário qual é sua ocupação atual.

Podemos perceber que em (50), assim como em (46), (47), (48) e (49), a perífrase “andar + gerúndio” atualiza o aspecto durativo. Assim, notamos que a presença do verbo “andar” na perífrase em questão, estende seu traço de duração que ainda retém de seu sentido pleno (caminhar). Somado a isso, temos a presença do advérbio de tempo “agora” que delimita a duração da ação de trabalhar.

Desse modo, podemos perceber que a perífrase “andar + gerúndio” além de atualizar os aspectos iterativo e imperfectivo, também atualiza o aspecto durativo através do traço de duração retido de seu sentido pleno (caminhar). Além disso, tal atualização aspectual acontece pela presença de verbos indicadores de processos télicos (46) e (47), por verbos que não aceitam descontinuidade (49) e pela interação com outros elementos da oração como os adjuntos adverbiais de tempo (46) e (50).

d) Aspecto cursivo: segundo Travaglia (1985), apresenta a situação em pleno desenvolvimento, ou seja, concebida como já tendo passado de seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seu término. Em outras palavras, a situação é apresentada na fase do meio do seu desenvolvimento. Tal aspecto pode ser percebido através das ocorrências (51), (52), (53), (54), e (55).

(51) Ele **anda ensinando**, quer dizer nestes locais que a banda são municipais ele recebe pela prefeitura para ensinar, mais ele ensina particular também, mais tem a banda que a pessoa que queira tocar na banda pode ir pra lá e aprender, mais a juventude de hoje não quer banda, acha que é cafona. (Século XXI oral, PEUL)

Em (51), o entrevistado relata que um conhecido seu está realizando a ação de dar aulas no presente. Podemos perceber nesta ocorrência, que a perífrase “andar+gerúndio” atualiza o aspecto cursivo na oração em que está inserida.

Dessa maneira, o aspecto cursivo presente em (51) se atualiza através do verbo “andar”, que, por sua vez, compõe a perífrase “anda ensinando” e está conjugado no presente do indicativo o que faz com que a ação descrita por V2 seja entendida como em pleno desenvolvimento, ou seja, a ação se realiza no presente e não chegou a seu ponto final.

(52) Quero dar um basta nisso, sei que a reeducação é pra vida toda, porém quero me olhar no espelho e me sentir bem comigo mesma, e minha saúde também **anda pedindo** socorro. (Século XXI escrito, nível de formalidade 1)

Em (52), uma blogueira revela, por meio de uma metáfora, que seu corpo não está bem e que, por isso, emite sinais deste estado.

Podemos perceber que a perífrase “andar + gerúndio, assim como em (51), atualiza o aspecto cursivo para a sentença em que está inserida. O aspecto cursivo, portanto, é expresso na sentença em questão pelo fato do verbo “andar” estar conjugado no presente do indicativo e, dessa maneira, transmitir pra a oração a noção de que a ação de “pedir” se apresenta em pleno desenvolvimento.

Outro fato a se destacar, é que a atualização do aspecto cursivo, na oração em questão, também ocorre por meio do verbo expresso em V2 que, por sua vez, ao indicar

uma situação télica e estar na forma nominal de gerúndio, fornece a informação de que a ação está em andamento, ou seja, em pleno desenvolvimento.

(53) E naquele, naqueles últimos dias de, de estada na, aqui no Rio de Janeiro, ele **andava me enfronhando** nos negócios dele. (Século XX oral, NURC)

Em (53), o entrevistado relata que nos últimos dias em que esteve no Rio de Janeiro, seu cunhado o envolveu em seus negócios.

Podemos perceber que nesta ocorrência, a perífrase “andar+gerúndio” atualiza o aspecto cursivo na oração em que está inserida. Tal atualização, no entanto, diferente do que ocorre em (51) e (52), se realiza através da conjugação do verbo “andar” no pretérito imperfeito que dá a indicação de não completude da ação no passado. Outro elemento da sentença que ajuda a atualizar o aspecto cursivo é a presença do adjunto adverbial de tempo “naqueles últimos dias” que delimita o momento em que a ação em V2 esteve em seu pleno desenvolvimento.

(54) Em Los Angeles, o departamento de assuntos Internos da polícia local desconfia que um de seus oficiais **anda engordando** sua receita com negócios ilícitos. (Século XX escrito, nível de formalidade 3)

A ocorrência (54) foi retirada de uma notícia de jornal publicado em 1990. Tal notícia informa que, o departamento de assuntos Internos da polícia de Los Angeles investiga um de seus policiais por desconfiar que este esteja, no momento, realizando práticas ilícitas.

Assim, podemos perceber que em (54), a perífrase “andar+gerúndio” atualiza o aspecto cursivo para a sentença em que está inserida. Tal atualização de aspecto ocorre pelo fato de que o verbo “andar” componente da perífrase em questão, está conjugado no presente do indicativo apresentando assim, a noção de que a ação de “engordar” ocorre no presente e ainda não chegou ao seu fim.

(55) Eu | tenho produzido algumas obras profundamente imaginativas e horrendas. Felizmente poucas | , porque só trabalho aos domingos. Paulo **anda compondo** uma virgem com um lírio | enorme! À noite as senhoras leem alto a tua história de Portugal. E assim se vai perdendo | o tempo. (Século XIX)

Em (55), o remetente de uma carta relata a seu destinatário que, no momento, está realizando poucas obras consideradas por ele, “horrendas”.

Como podemos perceber, em (55), tal como em (51), (52), (53) e (54), a perífrase “andar + gerúndio” atualiza o aspecto cursivo. Tal atualização aspectual ocorre uma vez que, o verbo “andar” da perífrase em questão, ao estar conjugado no presente do indicativo transfere para a oração a noção de que a ação descrita por V2 “compor” está em pleno desenvolvimento no presente. Outro fator que auxilia na atualização do aspecto cursivo na oração é V2 se apresentar como um verbo indicador de situação télica, assim como em (51).

Através das ocorrências (51), (52), (53), (54), e (55) podemos constatar que a perífrase “andar + gerúndio” também atualiza o aspecto cursivo na oração em que está inserida. Tal fato ocorre através de diversas maneiras como a conjugação do verbo “andar” no presente do indicativo como em (51), (52), (54) e (55); no pretérito perfeito seguido de um adjunto como em (53); e pela presença de verbos que indicam processos télicos como em (52), (54) e (55).

Outro fator importante a se destacar sobre a atualização do aspecto cursivo descrita anteriormente, é que em alguns casos, além da marcação do aspecto cursivo, também percebemos a atualização de aspecto durativo. A título de ilustração, retomaremos a ocorrência (51):

(51) Ele **anda ensinando**, quer dizer nestes locais que a banda são municipais ele recebe pela prefeitura para ensinar, mais ele ensina particular também, mais tem a banda que a pessoa que queira tocar na banda pode ir pra lá e aprender, mais a juventude de hoje não quer banda, acha que é cafona. (Século XXI oral, PEUL)

Em (51) analisamos, anteriormente, que a perífrase “andar + gerúndio” atualiza o aspecto cursivo na oração em que está inserida por indicar, por diversas maneiras, que a ação de “ensinar” está em pleno desenvolvimento, uma vez que, passou de seu período inicial e ainda não chegou ao seu fim. Contudo, podemos perceber que a mesma perífrase também atualiza o aspecto durativo uma vez que, indica que a ação de “ensinar” perdura no presente. Sobre esse fato, Travaglia (1985) afirma que “é comum termos aspecto cursivos pra uma situação que também tem aspecto durativo” (TRAVAGLIA, 1985, p. 130, § 5º).

Dessa forma, segundo Travaglia (1985), é possível estabelecer uma relação entre os aspectos cursivo e durativo. O mesmo ocorre com os aspectos iterativo e imperfectivo, já analisados anteriormente. Assim, a seguir, descreveremos a tabela 7, que representa a distribuição dos usos do verbo “andar” como atualizador dos aspectos iterativo/imperfectivo e durativo/cursivo nos *corpora* analisados.

Tabela 7 - Distribuição dos usos do verbo “andar” como atualizador dos aspectos iterativo/imperfectivo e durativo/cursivo

	Iterativo e imperfectivo		Durativo e cursivo		Total
	n°	%	n°	%	
Século XIX	04	36,3	07	63,6	11
Século XX	12	42,8	16	57,1	28
Século XXI	30	52,6	27	47,3	57
Total	46	47,9	50	52,0	96

Como podemos perceber na tabela anterior, o verbo “andar”, atualizador de aspecto, tem o total de 96 ocorrências. Dessas 96 ocorrências, 47,9% são de atualização do aspecto iterativo e imperfectivo e 52% de atualização do aspecto durativo e cursivo. Podemos observar que a diferença de ocorrências entre esses aspectos é bem pequena, apenas 5%. Mesmo assim, o aspecto durativo e cursivo se configuram como os mais frequentes obtendo, assim, 52% do total dos dados.

Assim, no século XXI, temos que os aspectos iterativo e imperfectivo possuem 30 ocorrências indicando, dessa maneira, 52,6% do total de ocorrências. Já os aspectos durativo e cursivo obtiveram 27 ocorrências no mesmo século representando assim, 47,3% do total. O inverso se verifica no século XX em que o número de ocorrência dos aspectos iterativo e imperfectivo (12), foi menor do que o número de ocorrências dos aspectos durativo e cursivo (16): 42,8% e 57,1% respectivamente. Por fim, no século XIX, observamos que, do total de 11 ocorrências, 04 são dos aspectos iterativo e imperfectivo (36,3%), e 07 ocorrências se referem aos aspectos durativo e cursivo (63%).

4.4. Considerações

Este capítulo teve como objetivo a análise qualitativa e quantitativa (como suporte) dos dados do verbo “andar” encontrados em nossos *corpora*, mais especificamente, a perífrase “andar + gerúndio”.

Dessa forma, iniciamos o capítulo com uma breve análise qualitativa e quantitativa de todos os usos encontrados para o verbo em questão em nosso *corpus* pancrônico, a saber: **andar 1**, **andar 2**, **andar 3**, **andar 4** e **andar 5**.

Neste sentido, demonstramos, através da análise qualitativa, que o verbo “andar” expressa, principalmente, a ideia de “deslocamento espacial, seja pelo ato de “caminhar” (**andar 1**), seja pelo ato de ser “transportado” por algum meio de veículo (**andar 2**). Em seguida, demonstramos que, em estágio diferente de gramaticalização, tal item também apresenta as noções de “portabilidade” (**andar 3**), “avaliação” (**andar 4**) e de atualizador de aspecto (**andar 5**).

Outro fato observado em nossa análise qualitativa, é que o verbo “andar” se encontra, dentre dois estágios de gramaticalização propostos por Heine (1993), a saber: (i) decategorização, pois, ao perder marcas morfológicas e característica sintáticas de pleno passou à funcional (**andar 2**, **andar 3** e **andar 4**); e (ii) dessemantização, uma vez que, seu sentido lexical de deslocamento físico-temporal (caminhar), foi, mesmo que parcialmente, esvaziado para indicar avaliação (**andar 4**) e atualização de aspecto (**andar 5**). Tal deslizamento funcional nos revela um crescente caminho de (inter)subjetivização do verbo “andar”. Com este processo, o verbo “andar” deixa de apresentar somente um sentido concreto, ou seja, [-subjetivo] para expressar, também, sentidos abstratos e, portanto, [(inter)subjativos].

Posteriormente, nossa análise quantitativa apontou que **andar 1**, no sentido de caminhar [+concreto], possui o número maior total de ocorrências em todos os *copora* descritos, indicando, dessa maneira, que tal uso ainda possui um alto grau de estabilidade e difusão na língua. Outro fator observado pelas nossas análises quantitativa, foi que, a baixa frequência de ocorrências de **andar 5** com sentido de atualizador de aspecto [-concreto], nos indica que tal uso ainda se encontra em um estágio mais incipiente de gramaticalização.

Para comprovarmos tal indicação, realizamos testes de auxiliaridade propostos por Heine (1993) e Longo (1990), os quais, nos ajudaram a atestar o grau de gramaticalidade por que passa o verbo “andar” seguido de gerúndio. Neste sentido, verificou-se que tal verbo não atende ao critério de inseparabilidade proposto pelos autores em questão, indicando assim, que o auxiliar não está totalmente gramaticalizado.

Por fim, analisamos como a perífrase “andar + gerúndio” atualiza os aspectos iterativo, imperfectivo, durativo e cursivo através da persistência de traços de seu sentido [+concreto].

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES

Levando em consideração o caráter dinâmico da língua, a presente pesquisa teve como objetivo o estudo da perífrase verbal “andar + gerúndio” na língua portuguesa sobre o enfoque da teoria da gramaticalização (MEILLET, 1912; HOPPER & TRAUGOTT, 2008 [1993]).

Nossa hipótese inicial era a de que o verbo “andar”, ao formar uma perífrase com o gerúndio, percorreu um caminho crescente de abstratização. Dessa forma, para a comprovação dessa hipótese, averiguamos os demais usos do verbo presentes na língua portuguesa. Assim, identificamos, no século XXI, cinco usos para esse item, os quais foram também averiguados nos séculos XX e XIX, sendo possível, através de uma análise quantitativa não especializada, atestar qual seria o possível sentido inicial do verbo em estudo.

Dessa forma, através da utilização de um *corpus* pancrônico que recobriu os séculos XIX, XX e XXI, identificamos cinco sentidos para o verbo em questão: (i) deslocamento físico/ temporal, (ii) deslocamento por veículo, (iii) portabilidade, (iv) avaliação/constatação da realidade e (v) atualizador de aspecto.

Através de uma análise quantitativa, comprovamos, por meio da frequência de uso dos dados pancrônico, que os usos [+concretos] do verbo “andar”, denominado por nós de **andar 1**, é o mais frequente na língua indicando certa estabilidade. Já os usos [-concretos] do verbo em estudo, em comparação a **andar 1**, se revelaram menos frequentes indicando assim, serem mais recentes no processo de gramaticalização.

No que tange à construção “andar + gerúndio” propriamente dita, vimos, através de aplicação de testes de auxiliaridade, que o verbo “andar”, na escala de gramaticalização dos verbos proposta por Castilho (2010), se enquadra na categoria denominada pelo autor de verbo auxiliar. Contudo, o não comprimento do critério da inseparabilidade proposto por Longo (1990), indicou que o verbo “andar” ainda se encontra no estágio inicial de gramaticalização e que, por este motivo, se comporta como um verbo “semi-auxiliar”, uma vez que ainda carrega alguns traços de seu

significado inicial (persistência) e possui uma relação frouxa em sua estrutura. Tais fatos nos permitem aferir que, o verbo “andar” se encontra dentro dos estágios denominados por Hine (1993) de decategorização e dessemantização.

Por fim, consideramos a estrutura “andar + gerúndio” em uma abordagem aspectual, segundo Travaglia (1985), em que demonstramos, com base na análise qualitativa e quantitativa, que o verbo “andar”, suprimindo as necessidades comunicativas dos falantes, ao longo do tempo, passou a codificar um sentido [- concreto], por meio de uma reanálise. Assim, ao formar uma perífrase verbal com o gerúndio, o verbo “andar” passou a atualizar o aspecto iterativo/imperfectivo e durativo/cursivo na língua portuguesa.

Diante dessas considerações gerais, destacamos que os seguintes objetivos foram cumpridos com a realização deste trabalho: (i) demonstrar que o verbo “andar”, ao passar por um processo de gramaticalização, encontra-se entre os estágios definidos por Hine (1993) de decategorização e dessemantização; (ii) demonstrar que por meio da metaforização, metonimização e reanálise, o verbo “andar” deixa de funcionar apenas como um verbo pleno com sentido [+concreto] – indicador de deslocamento físico – para funcionar, também, como verbo semi-auxiliar, indicando, assim, um sentido [-concreto] de atualizador de aspecto se tornando, dessa maneira, (inter)subjeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza (Orgs.). *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

ANTTILA, R. *Historical and comparative Linguistics*, 2 ed. Amsterdam: Benjamins, 1989 [1 ed. 1972, New York: Macmillan].

BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

BASTOS, J. T. da S. *Dicionário da Língua Portuguesa*; 2 ed. Lisboa: EdLivraria Editora, 1912.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1977.

BERTINETTO, P. M. Intrinsic and extrinsic temporal reference. On restricting the notion of 'reference time', *In: Journal of Italian Linguistics*. p. 71-108, 1982.

BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T. & WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.

BURRIDGE, K. Approaches to grammaticalization. Review Article. *Journal of Linguistics*, v. 7, n. 1, 1993, p. 167-173.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

CAMPBELL, L.; JANDA, R. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, 23, 2001, p. 93-112.

CASTILHO, A. A gramaticalização. In *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19: 25-64, 1997.

_____. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M.B., RODRIGUES, A.C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*, v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p.83-121.

_____. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Alfa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, ed. 12, 2002.

_____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CINTRA, M. R. *A perífrase ir (pés) + (es)ta(r) + gerúndio como indício de inovação linguística*. *Revista de Estudos Linguísticos*. Vol. 37, jan/abr. de 2008, PP. 233-241.

COMRIE, B. *Aspect: na introduction to the study of verbal aspect and related problems*. London, Cambridge University Press, 1976. 142p.

CORDEIRO, A. A. S. Gramática emergente: a gramaticalização do “aí”, “só que” e “quem”. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília: UnB, 2012.

COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. & CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. C. *Gramática do português contemporâneo*; 2 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Ltda, 2012.

_____; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*; 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

_____. *Dicionário etimológico nova fronteira*. São Paulo: Editora Nova Fronteira. 1998.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. Introduction. In: _____ (orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

FARACO, A. C. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história da língua*. São Paulo: Editora Parábola. 2005.

FERNANDES, F. A. *Sintaticização e semanticização das construções andar, continuar, ficar, viver + gerúndio na história do português paulista*. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 2012.

FIGUEREDO, C.A; MARTINS, E.S; MORAES, W, B; TRAVAGLIA, L. C. *Verbos gramaticais- verbos em processo de gramaticalização*. *Lingua(gem): reflexão e perspectivas*, Uberlândia: EDUFU, v.2, p. 97-157. 2003.

FILHO, A.V.L.M. *Pequeno vocabulário do português arcaico*. Brasília: Editora Unb. 2014.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions*. *Language*, n. 64, p. 501-538, 1988.

- FINEGAN, E. Subjectivity and subjectification. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995.
- FONTINHA, R. *Novo dicionário etimológico da língua portuguesa*. Porto: Editorial Domingos Barreira. S/D.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA* [online]. vol.15, n.1, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 de ago. de 2011.
- GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In.: FIGUEIRA, S. (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, S. C. L. et al. (org.) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- _____. *Auxiliares – cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford: Oxford University Press, 1993.
- _____. Grammaticalization. In: JOSEF, B.D.; JANDA, R. *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.
- HOPPER, P. J. *Emergent Grammar*. v.13 California: Berkeley Linguistics Society, 1987. p. 139-157.
- _____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991, p. 17-35.
- _____; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- _____; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1993].
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- ILARI, R. *Linguística Românica*. 3°. ed. São Paulo: Editora Ática. 1999.
- _____. *A expressão do tempo em português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____;BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M; CASTILHO, A. T. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, v. II. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 1-141.

_____. *O português da gente - a língua que estudamos a língua que falamos*. Rio de Janeiro: Editora Contexto. 2011.

KENEDY, E. MARTELOTTA, M. E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LARSEN-FREEMAN, D. *Chaos/complexity science and second language acquisition*. *Applied Linguistics*, n. 18, p. 141-65, 1997.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press. 1980.

_____. *Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. *The form and meaning of the English auxiliary*. *Language*. n. 54, p. 853-82, 1978.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. Munchen, Newcastle: Lincon Europa, 1995 [1982].

_____. Processes and the explanation of language universals. In: BUTTERWORTH, B.; COMRIE, B.; DAHL, O. (Eds.). *Explanations for language universals*. Berlin/New York: Walter De Gruyter, 1984. p. 181-203.

LONGO, B. N. O. *A Auxiliaridade e a Expressão do Tempo em Português*. Tese de doutorado. Araraquara, 1990.

_____; CAMPOS, O. de S. *A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado*. In: *Gramática do português falado: Volume VIII - Novos estudos descritivos*. Campinas/ SP: Ed da Unicamp, 2002.

MACEDO, A. *Indícios sincrônicos de gramaticalização : o uso do verbo chegar em orações coordenadas e na perífrase verbal [chegar (e) + V2]: contribuições para o ensino da gramática*. Ano de obtenção: 2008. Mestrado em linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Brasil.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

MARRA, D; MLANI, S. *Uma teoria social da Língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet / a social theory of language announced at the threshold of the twentieth century by Antoine Meillet*. *Linha d'Água*, n. 25 (2), p. 67-90, 2012.

MARTELOTTA, M. E. T, ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

MEILLET, E. A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1936.

_____. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948 [1912].

MELO, G.C. *A língua do Brasil*. 2º. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1971.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1966.

_____. *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editores S/A, 1976.

NETO, S.S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Presença. 1976.

NEVES, M. H. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

ORRICO, E. *A metáfora e a organização do conhecimento: como dialogam?* Londrina, v. 22, n. 2, p. 99 – 116, maio/ago., 2017.

OLIVEIRA, N. F. *Gramaticalização do verbo esperar: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Universidade federal de Juiz de Fora, 2012.

PONTES, E. *Verbos Auxiliares em Português*. Rio de Janeiro: Editor Vozes Ltda, 1973.

RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction*. New York: Cambridge University Press, 1997.

SANTOS, S. R. C. *Perífrases durativas do português brasileiro*. Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 2008

SILVA, V.K; SILVA, H.M. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2 ºed. São Paulo: Editora Contexto. 2009.

SOUSA, F. C. *Volição, futuridade, irrealis: gramaticalização nas construções com o verbo querer*. Tese de doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995.

_____. & DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English". In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Ed.rev. Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

TROUSDALE, G. A. *A constructional approach to lexicalization processes in the history of English: evidence from possessive construction*. *Word Structure*, 2008. p. 156-177.

VITRAL, L. *O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização*. *Scripta*, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006. p. 149-177.

BAKÉOM, M. P. *Estudos de linguística portuguesa e românica*, I. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974, p. 425; _____. *Revista Portuguesa de Filologia*, 17:971, 1975-1978.

ANEXO 1

Entrevistas utilizadas do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”	
Belo Horizonte	Entrevista BH 01
	Entrevista BH 02
	Entrevista BH 03
	Entrevista BH 04
	Entrevista BH 05
	Entrevista BH 06
	Entrevista BH 07
	Entrevista BH 08
	Entrevista BH 09
	Entrevista BH 10
	Entrevista BH 11
	Entrevista BH 12
	Entrevista BH 01
	Entrevista BH 13
	Entrevista BH 14
	Entrevista BH 15
	Entrevista BH 16
Entrevista BH 17	
	Entrevista OP 02
	Entrevista OP 03

Ouro Preto	Entrevista OP 04
	Entrevista OP 05
	Entrevista OP 07
Arceburgo	Entrevista ARC 01
	Entrevista ARC 02
	Entrevista ARC 03
	Entrevista ARC 04
	Entrevista ARC 05
	Entrevista ARC 06
	Entrevista ARC 07
	Entrevista ARC 08
	Entrevista ARC 09
	Entrevista ARC 10
	Entrevista ARC 11
	Entrevista ARC 12
	Entrevista ARC 13
	Entrevista ARC 14
	Entrevista SJP 01
	Entrevista SJP 03
	Entrevista SJP 04
	Entrevista SJP 06
	Entrevista SJP 07
Entrevista SJP 08	
Entrevista SJP 09	

	Entrevista SJP 10
	Entrevista SJP 11
	Entrevista SJP 12
	Entrevista SJP 13
	Entrevista SJP 14
	Entrevista SJP 15
	Entrevista SJP 16
	Entrevista SJP 17
	Entrevista SJP 18
	Entrevista SJP 19
	Entrevista SJP 20
	Entrevista SJP 21
	Entrevista SJP 23
	Entrevista SJP 24
Mariana	Entrevista MAR 43
	Entrevista MAR 44
	Entrevista MAR 45
	Entrevista MAR 46
	Entrevista MAR 47
	Entrevista MAR 48
	Entrevista MAR 49
	Entrevista MAR 50
	Entrevista MAR 52
	Entrevista MAR 53
	Entrevista MAR 54

	Entrevista MAR 55
	Entrevista MAR 56
	Entrevista MAR 57
	Entrevista MAR 58
	Entrevista MAR 59
	Entrevista MAR 60
	Entrevista MAR 61
	Entrevista MAR 62
	Entrevista MAR 63
	Entrevista MAR 64
	Entrevista MAR 65
	Entrevista MAR 66
Piranga	Entrevista PIR 01
	Entrevista PIR 02
	Entrevista PIR 03
	Entrevista PIR 04
	Entrevista PIR 05
	Entrevista PIR 06
	Entrevista PIR 12
	Entrevista PIR 16
	Entrevista PIR 25
	Entrevista PIR 26

ANEXO 2

Entrevistas utilizadas do “Projeto PEUL”	
“Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000)	R01 Eri-1
	R03 AdrR- 1
	R04 Fat- 1
	R05 SanR
	R06 Jup
	R07 Leo-1
	R08 Lei
	R09 Dav
	R10 Vas
	R11 Eve
	R12 Mgl
	R13 Jan
	R14 Nad
	R15 Ago
	R16 Jos
	“Censo” (2000)
T02 Raf	
T03 Rom	
T04 Rob	
T05 And	

	T06 Ale
	T07 Adr
	T08 Cri
	T09 Fil
	T10 Isa
	T11 Mir
	T12 And
	T13 Gla
	T14 Gil
	T15 Pat
	T16 Car

ANEXO 3

Entrevistas utilizadas do “Projeto NURC/RJ”	
Entrevistas da década de 1970	Inquérito 02
	Inquérito 09
	Inquérito 011
	Inquérito 039
	Inquérito 042
	Inquérito 045
	Inquérito 048
	Inquérito 052
	Inquérito 071
	Inquérito 078
	Inquérito 084
	Inquérito 096
	Inquérito 099
	Inquérito 0101
	Inquérito 0104
	Inquérito 0114
	Inquérito 133
	Inquérito 0140
	Inquérito 0144
	Inquérito 0153
Inquérito 164	
Inquérito 0233	

		Inquérito 0253
		Inquérito 0255
		Inquérito 0258
		Inquérito 0272
		Inquérito 0328
		Inquérito 0347
		Inquérito 0373
Entrevistas da década 1990	Recontatos	Inquérito 2r
		Inquérito 11r
		Inquérito 24
		Inquérito 26
		Inquérito 52r
		Inquérito 71r
		Inquérito 96r
		Inquérito 133r
		Inquérito 140r
		Inquérito 164r
		Inquérito 233r
		Inquérito 347r
		Inquérito 373r
	Amostra complementar	Inquérito 1
		Inquérito 2
		Inquérito 3
		Inquérito 12
		Inquérito 13

		Inquérito 14
		Inquérito 15
		Inquérito 17
		Inquérito 18
		Inquérito 19
		Inquérito 20
		Inquérito 23
		Inquérito 25
		Inquérito 27
		Inquérito 28

ANEXO 4

Século XIX	Atas dos brasileiros (1860-1869)
	Cartas (QUEIROZ e MARTINS, 1894)
	Cartas à Maria Moisés (BRANCO, 1875)
	Cartas à Emília (ORTIGÃO, 1836)
	Jornais da Bahia (1833-1850)